

O TRAJE DOS LENTES

MEMÓRIA PARA A HISTÓRIA DA VESTE DOS
UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES
(SÉCULOS XIX-XX)

ARMANDO LUÍS DE CARVALHO HOMEM

POSFÁCIO DE

JOSÉ NOVAIS BARBOSA

REITOR DA UNIVERSIDADE DO PORTO

PORTO 2004

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: O TRAJE DOS LENTES - MEMÓRIA PARA A HISTÓRIA DA VESTE DOS UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES

ORGANIZAÇÃO: ARMANDO LUÍS DE CARVALHO HOMEM

EDIÇÃO: FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

ANO DE EDIÇÃO: 2006

COLEÇÃO: FLUPe-DITA
ISSN: 1646-1525

CONCEPÇÃO GRÁFICA: MARIA ADÃO E GRECA - ARTES GRÁFICAS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRECA - ARTES GRÁFICAS

Nº DE EXEMPLARES: 300

DEPÓSITO LEGAL: 244001/06

ISBN: 972-9350-96-5

© FACULDADE DE LETRAS

IN MEMORIAM:

Maria Luísa Nunes Miguéns
(1923-2000)

António Cardoso de Carvalho Homem,
bacharel em Leis pela U. Coimbra
(1796)

Armando de Carvalho Homem (1923-1991),
licenciado em Ciências Físico-Químicas pela U. Coimbra
(1945)

Para a Zi,
sem cujo permanente apoio crítico este texto
(e outros) jamais teria(m) visto a luz do dia

Sumário

Nota prévia

1. Heranças de Oitocentos

2. Coimbra, 1910 ss.

3. As Universidades da primeira metade do século XX

a) A Universidade do Porto

b) A Universidade de Lisboa

c) A Universidade Técnica de Lisboa

4. As “novas” Universidades (1973 ss.)

5. O Ensino Superior Privado, Cooperativo e Concordatário

6. Notas conclusivas

7. A fechar

Apêndice

Fontes Impressas e Bibliografia

Índice antroponímico

Posfácio, por José Novais Barbosa

Nota prévia

Redigido em Janeiro/Fevereiro de 2001, o presente trabalho destinava-se a funcionar como texto preambular ao catálogo de uma Exposição, a ter lugar no Museu Nacional do Traje, das vestes do Dr. Mário Soares enquanto doutor «honoris causa» por 34 Universidades, nacionais e estrangeiras. Prevista para o período de Primavera/Verão do ano em causa, tal Exposição acabou por não se concretizar até ao momento presente; o que me leva a retomar o texto e a dá-lo à estampa como volume autónomo.

Uma prevenção terminológica: intencionalmente se evita a expressão «traje académico», mercê da bem fácil possibilidade de confusão com o traje das Academias, hoje caído em desuso, mas pujante e devidamente regulamentado (casaca, chapéu, espadim e insígnia [colar]) em tempos pretéritos.*

E resta-me, penhoradamente, agradecer a quantos, com as suas informações ou com a sua amabilidade, me facilitaram a tarefa 'heurística' na realização do presente texto; concretizando: Doutor A. H. de Oliveira Marques (para a UL nos anos 50 e 60 e para a UNL a partir dos 70); Doutora Alcina Manuela Oliveira Martins (lente da U. Portucalense); Doutor Amândio Sampayo Tavares (lente jubulado de Medicina/UP); Doutora Ana Maria Rodrigues (para a U. Minho); Doutor António Machado Pires (lente da U. Açores e seu antigo Reitor); Doutor António Marques de Almeida (lente de Letras/História, Vice-Reitor da UL); Mestre António M. Nunes (para a UC e em geral para rituais e cerimónias de contexto universitário); Doutor Avelino de Freitas Meneses (lente da U. Açores); Doutor Bento Ferreira Murteira (lente jubulado do ISEG/UTL); Dr.^a Carolina Nunes da Silva (conservadora do Património da Fac. Ciências Médicas/UNL); Dr. Eduardo Costa (U. Autónoma de Lisboa/Direcção da Cooperativa de Ensino Universitário); Doutor Eduardo Romano de Arantes e Oliveira (lente jubulado da

* Cf., para a Academia Portuguesa da História, TORRALBA, MENDES e CATROGA [63], pp. 255-256.

UTL [IST] e seu antigo Reitor); Doutor Fernando Jorge Cardoso (Vice-Reitor da U. Moderna); Doutor Fernando Santos Neves (Reitor da U. Lusófona de Humanidades e Tecnologias); Doutor Francisco Velez Grilo (lente jubilado de Engenharia, Vice-Reitor da UP 1982-1985); Rev.º Doutor Henrique Pinto Rema OFM (U. Católica); Doutora Hermínia Vilar (lente da U. Évora); Mestre Hermínio da Conceição Esteves (U. Autónoma de Lisboa); Doutora Isabel Maria Magalhães Colaço (lente jubilada de Direito/UL, 1926-2004); Doutora Isabel Rebelo Gonçalves (lente jubilada da FL/UL); Dr. Jaime Amorim Ribes (coordenador do Gabinete de Apoio da Reitoria da UTL); Doutor João Alves Dias (lente da FCSH/UNL, responsável pela indigitação do meu nome à Direcção do Museu Nacional do Traje); Doutor Joaquim Augusto Ribeiro Sarmiento (lente jubilado de Engenharia/UP); Doutor Joaquim Veríssimo Serrão (lente jubilado de Letras/História, Reitor da UL 1973-1974); Doutor Joel Mata (lente da U. Lusíada); Doutor Jorge Lopo Tuna (lente jubilado de Medicina/UL); Doutor Jorge Miranda (ao tempo Presidente do Conselho Directivo da FD/UL); Doutor Jorge Rino (lente jubilado da U. Aveiro); Dr. José Guilherme Victorino (coordenador do Gabinete de Relações Externas da U. Autónoma de Lisboa); Doutor José Lopes da Silva (Reitor da UTL); Doutor José Manuel Toscano Rico (lente de Medicina, Reitor da UL 1983-1986); D. Lídia Serpa Jacomelli (que me facultou abundantes documentação e iconografia sobre sua Mãe, a Doutora Maria Serpa dos Santos); C.el Mestre Luís Alves de Fraga (para o ISCSP/UTL); Mestre Luís Filipe Oliveira (U. Algarve); Doutor Luís Sousa Lobo (Reitor cessante da UNL); Doutor Luís Teixeira (lente da U. Lusíada); Mestre Madalena Marques dos Santos (FD/UL); Doutor Manuel João Lemos de Sousa (lente jubilado de Ciências/UP); Doutor Manuel José dos Santos Silva (Reitor da U. Beira Interior); Doutora Maria de Lurdes Rosa (para a U. Católica); Doutora Maria João Branco (lente da U. Aberta); D. Maria Manuel Cruz (U. Beira Interior); Dr.ª Maria Rosa Paxeco Machado, a propósito do percurso académico de sua Mãe, a Doutora Maria Elza Paxeco; Doutora Maria Serpa dos Santos (lente jubilada de Farmácia/UC); Doutor Martim de Albuquerque (lente de Direito/UL); Doutor Nuno Gonçalo Monteiro (lente do ISCTE); Doutor Nuno Valério (lente do ISEG/UTL); Doutor Ramiro Ladeiro Monteiro (lente aposentado do ISCSP/UTL); e Doutor Reginaldo Rodrigues de Almeida (lente da U. Autónoma de Lisboa e seu Secretário-Geral); bem como às instituições que permitiram a reprodução de obras de arte pertença sua: Conselho Directivo da FD/UL, Conselho Directivo do ISEG/UTL, Direcção da

FCM/UNL; Reitorias da U. Aberta, da UC, da U. Évora, da UL, da U. Minho, da UNL e da UTL; e Academia Portuguesa da História. Ainda uma palavra para a muita simpatia com que o Escultor Fernando Almeida me recebeu na sua Academia de Corte M. Guilherme Almeida Lda. - à Rua da Palma, Lisboa - e me facultou uma infinidade de informações e elementos sobre trajes e insígnias de numerosas U's portuguesas (públicas e privadas).

À designer MARIA ADÃO se deve a competente composição do volume; e ao Conselho Directivo da FL/UP a oportunidade de inclusão do mesmo na presente colecção.

A todos, um reiterado e sentido «Bem hajam !».

Lisboa / Morelinho (Sintra), Agosto / Novembro de 2002

Post-Scriptum [Jan.2003]: Entre Maio do ano findo e o mês em curso, aprovou o Senado da Universidade do Porto diversas alterações ao protocolo dos actos solenes, bem como um «traje doutoral». As alterações protocolares foram praticadas pela primeira vez em Outubro último, aquando de 3 doutoramentos h.c. pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Os protótipos do «traje doutoral» foram usados já no corrente mês pelos dois doutores mais novos da Faculdade de Arquitectura, em 2 doutoramentos h.c. por esta Escola.

*Sendo tudo isto muito recente e estando o trabalho em vias de entrega ao Editor, pareceu-me que em vez de acrescentos e modificações de última hora, a palavra autorizada do Reitor da minha ALMA MATER – o lente de Eng.^a Civil Doutor José Ângelo Novais Barbosa** – seria a solução ideal para aos leitores dar conta das inovações no cerimonial e no traje do Studivm Generale portuense; e assim lhe solicitei um Posfácio. Com uma disponibilidade digna de realce, o Doutor Novais Barbosa acedeu de imediato. O derradeiro agradecimento vai portanto para quem, nos últimos anos, tem sabido acentuar, no funcionamento da Reitoria e demais Serviços Centrais da UP, aquela dimensão de rosto humano inseparanda de qualquer Instituição Pública, por maioria de razão se de Ciência e Docência.*

** Eleito em 1998, cumprindo desde há meses o seu segundo mandato.

«Ao princípio era a pedra, o homem, a ideia. E o largo azul, recamado de estrelas. O homem tomou a pedra e a ideia, ergueu o templo, construiu o livro. E no suor vibrante do seu rosto sentiu que o seu trabalho era bom – porque também ele participava do azul, das estrelas, da criação divina. A pedra é o documento: e pouco importa que seja o duro granito da penedia, desafiador dos séculos, ou o frústulo inerte do papiro que, apenas ressuscitado, se esfarela sob os dedos nervosos do investigador. Porque num e noutro se retém o fluir do tempo, a glória e a caducidade das gerações.

A ideia é o golpe de lança que rasga a bruteza da pedra, a neblina do caos primitivo: e descobre o castelo encantado, a geometria das leis eternas, a vertebração de um pensamento que se diria embrionário. A ideia é a hipótese da realização, e a realização comporta (devia comportar) a felicidade. Mas pedra e ideia reclamam o plasma do esforço e da inteligência, as noites desveladas, a opressão das horas sem progresso, a revolta dos dias embrumados que não trazem a fama de um laurel. O homem contempla as estrelas e suspira: como estão longe, a tantos anos-luz! Mas uma poalha de íris, cabeleira de anjo, possa eu retê-la no côncavo da mão. Por isso ninguém se deslembre ou se deslumbre: sob o fulgor cambiante da seda, candidatos e seus apresentantes trazem o mesmo cilício, o mesmo saio de estamemha. Questão apenas de brancas ou de tintas, nuns mais, noutros menos: e do ricto de amargor, obliterável ainda ou fixado para sempre nos ângulos da boca».

(Walter de Sousa MEDEIROS)¹

«Il y a trois professions qui sont habilitées a porter la robe, celle de juge, de prêtre et d'universitaire. Ce vêtement atteste la maturité d'esprit de celui qui le porte, son indépendance de jugement et sa responsabilité directe devant sa conscience et son Dieu. Il signifie la souveraineté intérieure de ces trois professions liées entre elles. Elles doivent être les dernières à se permettre d'agir sous la contrainte et d'obéir aux pressions».

(Ernst H. KANTOROWICZ)^{1a}

¹ Discurso, em «Doutoramento solene» [17], pp. 560-561.

^{1a} Texto de 1950 traduzido e transcrito por Alain BOUREAU, *Histoires d'un historien: Kantorowicz*, Paris, Gallimard, 1990, p. 136.

1. Heranças de Oitocentos

É da «sabedoria das nações» que, ao abrir o século XX, no ocaso da Monarquia Constitucional, o nosso País dispunha de uma só Universidade, a de Coimbra, isto sem embargo da prévia existência de instituições outras de Ensino Superior: detendo estas as suas raízes, nas mais das vezes, em finais de Setecentos, sedimentam-se pelos meados do século subsequente, com realce para o reformismo de Passos Manuel² na configuração duradoura de algumas escolas (Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto, Escola Politécnica de Lisboa, Academia Politécnica do Porto: 1836 ss.) e para o empenhamento pessoal do rei D. Pedro V na criação de outra (Curso Superior de Letras [Lx.^a], 1859). Acrescentem-se ainda, e até ao termo da Monarquia, o surgimento de Escolas de Farmácia como anexas às Médico-Cirúrgicas, a reforma do Curso Superior de Letras nos alvares do século XX (ministro Jaime Moniz) e várias reformas na própria ALMA MATER da Universidade portuguesa na viragem da centúria³.

Como trajavam lentes e escolares nesses tempos pré-1911? É questão que para Coimbra, naturalmente, recebe resposta mais substancial⁴. De «hábito talar» é localmente crismada a veste de mestres e estudantes, em Oitocentos como, para os primeiros, ainda hoje⁵. E não creio que os leitores do presente trabalho necessitem do explicitar da razão *anatômica* de tal dizer..., mas de qualquer modo...: uma batina preta e uma capa a recobrir, descendo esta (quase) verticalmente até aos tornozelos; para completar: calça preta e camisa branca com volta de tipo *eclesiástico*; e aí, naturalmente, a origem da veste desses (aliás nem sempre...) outros *clerics*, diplomados ou diplomandos.

De notar que já no século XIX o uso de tal traje não terá sido de todo pacífico, mormente entre os escolares; e mesmo, nos alvares do novo

² V. por todos RAMOS [48].

³ V. por todos GOMES [25], capítulo introdutório, pp. 9-41.

⁴ V. por todos NUNES [44].

⁵ Expressão, aliás, completamente desusada hoje noutros contextos universitários, aspecto a que voltarei.

século, no seio de alguns lentes que achavam excessivo o cerimonial dos actos académicos (v.g. a presença da Charamela nos *actos* de *Conclusões Magnas*) e preferível o fim da obrigatoriedade do *hábito* estudantil, mercê dos desleixos e/ou desvirtuamentos não raro patenteados⁶; a verdade é que boa parte da contestação da *Geração de 70* ao *fero* e severo Reitor Basílio Alberto de Sousa Pinto, Visconde de S. Jerónimo (1793-1881, Reitor 1859-1863)⁷, se deveu ao *rigorismo* do mesmo na exigência do uso de volta eclesiástica, de uma complexa batina «[loba]» apertando atrás, calções até ao joelho e meias altas (quais resquícios de Setecentos)⁸. Mais para o final do século, o *hábito* não deixou de registar alguma evolução⁹ num sentido *laicizante-aburguesante*, evolução nítida sobretudo entre a comunidade discente¹⁰. *Talar* mantém-se a capa; a batina tende a encetar uma evolução que a faz subir para um pouco abaixo das rótulas e, sobretudo, na versão *estudantil*, a *abrir* a parte anterior, como que se ‘transformando’ num casacão subido e mais tarde numa sobrecasaca (eventualmente decorada de acetinadas bandas), por baixo dos quais pode ser visível um colete da mesma cor; enquanto o tradicional colarinho se ‘seculariza’, fechado por um acessório a lembrar um *plastron*¹¹. Nem todos terão apreciado tais modi-

6 V.g. Júlio Henriques ou António dos Santos Viegas (cf. TORGAL [62], pp. 213 e 218). Acrescente-se o seguinte testemunho de Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro (1881-1959), lente de Medicina Legal, sobre os *Actos de Conclusões Magnas* nos alvares do século XX: «Deste acto [...], se disse muito mal. Houve quem quisesse ver nele uma anacrónica sobrevivência das práticas ante-pombalinas, de meras e ocas discussões escolásticas. [...] Decerto, por vezes, nos pontos que a isso especialmente se prestavam, aquecia a discussão e o entusiasmo dos adversários dava azo a que se compromettesse um pouco a metódica e desejável sucessão das falas. E isto prejudicava a clareza dos resultados do prélio e justificava que, não obstante a conservação sempre íntegra da cortezia dos opositores, o Reitor mandasse dar sinal à Charamela para, com a harmonia, embora nem sempre muito afinada, dos seus metais, restaurar a boa harmonia do ambiente. Também acontecia que certas disciplinas, pela sua índole de consignadoras de factos patentes, como a Anatomia Descritiva Microscópica, não davam fácil margem para discussões de Sala Nobre ou, nesta, para demonstrações objectivas, só possíveis em anfiteatros e laboratórios. E o meu ilustre e talentosíssimo Mestre Doutor Basílio Augusto Soares da Costa Freire, por isso mesmo, entendia faltar habitualmente a estes actos; já que não lhe parecia bem faltar apenas quando algum argumento sobre Anatomia, que regia com tanta distinção, lhe houvesse, por escala, sido atribuído» (Fernando de Almeida RIBEIRO, «No meu tempo e agora...», in RIBEIRO [50], pp. 20-21; conservou-se a ortografia do original).

7 Cf. RODRIGUES [51], pp. 226-234, com reprodução do seu retrato p. 495; e HOMEM [27], pp. 12-25.

8 Em menor grau, também o Reitor D. João de Alarcão será contestado em 1907, por força da insistência «no rigor do traje académico», tendo as posições estudantis recebido, «virtualmente», o apoio das Congregações das Faculdades de Philosophia e Teologia (cf. TORGAL [62], pp. 213-215).

9 Descreve-se o essencial da evolução e, naturalmente, deixam-se de lado as singularidades tendencialmente *desvirtuantes* a que já se fez referência.

10 Um Edital da Reitoria, datado de 1863/10/10, terá sido a ‘mola propulsora’ das transformações (cf. NUNES [44], p. 411 e *passim*).

ficações no trajar; por algum motivo escrevia Ramalho Ortigão em 1888: «*O grave uniforme decompõe-se pelo modo mais irreverentemente pelintra. O cabeção e a volta foram substituídos pelo colarinho postiço e pela gravata de futriquismo líró. A batina degenerou num casa-co gebo e mestiço, de padre à paisana. A calça escorreu inartística e besta, pela perna abaixo, esbaixando apolainada sobre a odiosa bota de elástico. Assim o belo costume histórico da antiga Universidade se perverteu sem se reformar, reduzindo-o a uma aproximação cenográfica de entremez barato ou zarzuela pobre*»¹². Como poderia ter dito uma qualquer personagem queiroziana: ele há tempos e tempos no ramalhal opinar...

Assim, ao abrir do novo século, tal traje, com as variantes e evoluções mencionadas, mantinha-se obrigatório no quotidiano lectivo de lentes e estudantes. Reservadas para os actos solenes ficavam as insígnias doutorais dos primeiros, às quais será agora tempo de fazer referência. «Borla e capelo» se lhes chama normalmente, tendendo a atribuir-se o *facies* actual à *reforma pombalina*¹³; o que não será de todo exacto: de origem plausivelmente comum à das insígnias da Universidade de Salamanca¹⁴, os mais recentes estudos apontam para evoluções sensíveis no século XVIII, mas anteriores a Pombal, que não se pensa que tenha procedido a reformas de traje e de insígnias. Uma evolução vinda já de Seiscentos terá tendido a complexificar o «barrete de borlas», que passou «a ser decorado com tufos de fios caídos a toda a volta, presos no centro por uma espécie de botão alongado, o qual servia para o utente dele fazer uso mais prático»¹⁵. Quanto ao *capelo*, pequena capa com «um longo capuz a cair pelas costas», confeccionado em veludo e cetim, será por Setecentos que uma evolução igualmente complexificante se processará: do apertar com singelos botões forrados, avançar-se-á para o apertar com alamares, rumo ao aspecto actual¹⁶.

¹¹ Veja-se a fotografia de alvares do século, representando presumivelmente um grupo de lentes e escolares de Teologia, publicada em NUNES [44], p. 419; cf. também os dados patentes no mesmo trabalho, p. 411.

¹² Transcrito por NUNES [44], p. 411.

¹³ NUNES [44], pp. 410-411.

¹⁴ Veja-se a significativa fotografia de um Reitor de Salamanca na actualidade, patente em NUNES [44], p. 417, fig. 6; as insígnias de Salamanca generalizaram-se entretanto nas Universidades do País vizinho.

¹⁵ NUNES [44], p. 410. O Autor refere-se à possibilidade de colocar e retirar a *borla* com uma só mão, contrariamente ao chapéu doutoral espanhol.

¹⁶ NUNES [44], pp. 410 e 416-417. Nestas últimas páginas, o Autor apresenta 4 fotografias actuais (1990) de um cônego envergando dois modelos de barrete e capelo (figs. 4, 5, 7 e 8), que, por si sós, apontam para alguma identidade genésica.

Que dizer dos Mestres das Escolas superiores que, na Capital e no Porto, se *federaram* como Universidades em 1911?

Remontam à década de 1850 as primeiras determinações sobre os trajas dos lentes destes outros estabelecimentos de Ensino Superior: pioneiramente, os Mestres da Academia Politécnica do Porto, ao receberem em 1852 a visita de D. Maria II, decidem em Conselho Académico apresentar-se de «*casacas, coletes e calças pretas, sapatos e meias de seda preta, e lenço branco ao pescoço*»¹⁷. Anos decorridos, um decreto datado de 1 de Outubro de 1856 estabelece como «*uniforme*» da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa a beca (na circunstância dita *toga*) depois imortalizada na estátua do célebre lente Dr. José de Sousa Martins (1843-1897), fronteira à sede da Escola¹⁸. Tal traje seria usado no serviço escolar corrente; para actos públicos de grande cerimonial dispunham os lentes de uma *farda*, com alguns pontos de contacto com a dos diplomatas ou a dos Pares do Reino ou ainda, porventura em menor grau, com a da Academia das Ciências de Lisboa. Vejamos então o que se prescreve em tal decreto:

«Artigo 1.º - São estabelecidos os uniformes de que os lentes proprietários, substitutos e demonstradores da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa hão-de usar no exercício das suas funções académicas, e quando tenham de apresentar-se, *individual* ou *colectivamente*, em quaisquer actos públicos e solenes.

Artigo 2.º – O uniforme para o serviço escolar constará de toga de lã preta com alamares na parte anterior, forro do mesmo estofa, gravata branca, sinto [*sic*] de cetim preto, com borlas de seda da mesma cor, meia de seda preta e sapato com fivela dourada.

Artigo 3.º – A composição do fardamento para as solenidades públicas será a seguinte: farda direita de pano azul com silvado de folhas e landes de carvalho bordado a oiro na gola e nos canhões, gravata e colete branco, calça azul com uma lista de galão de ouro de largura ordinária nas costuras laterais, chapéu armado guarnecido de plumas brancas e espadim.

Artigo 4.º – Os padrões das bordaduras de que trata o presente Decreto serão pela Escola Médico-Cirúrgica submetidos à aprovação do Governo»¹⁹.

Cerca de um ano depois (decreto de 15 de Setembro de 1857) a *toga* e a *farda* são tornadas extensivas à congénere Escola portuense²⁰ e mais

¹⁷ SANTOS [57], p. 130, citando uma acta do Conselho Académico.

¹⁸ Actual sede da Faculdade de Ciências Médicas/UNL.

¹⁹ Publ. por SACADURA [54], pp. 5-6. Da beca primitiva, cf. visualização na estampa anexa ao Decreto, publ. em SACADURA [54], p. 5; para a farda, cf. o retrato do lente portuense Agostinho António do Souto publ. em SACADURA [54], p. 7.

²⁰ SACADURA [54], p. 6.

tarde, em 1902 (decreto de 6 de Fevereiro), à Academia Politécnica²¹. Ou seja, independentemente de adaptações e pontuais modificações ao longo dos tempos, o traje dos lentes das actuais Universidades de Lisboa, do Porto, Nova de Lisboa e («mutatis mutandis») dos Açores²² remonta a meados de Oitocentos e foi originariamente concebido para a Escola Médico-Cirúrgica da Capital; e nos alvares do século XX estava em uso em boa parte das Escolas superiores não-coimbrãs²³. Beca, também ela, *talár*, confeccionada em lã (eventualmente merino), seda e cetim, de grande verticalidade no cair – acentuada pela profusão de pregas, dando aliás um recorte bem típico ao articular dos ombros –, verticalidade somente atenuada por uma faixa de cetim²⁴ marcando a cintura e pela amplidão das mangas²⁵. Acrescem: alamares decorando a zona torácica²⁶; um chapéu (não previsto no decreto de 1856, mas cedo usado) em forma de tronco de cone invertido (predominantemente em Lisboa) ou de tronco de pirâmide octogonal invertida («chapéu de cantos», predominantemente no Porto), encimado por uma roseta (*pom-pom*) hemiesférica²⁷; e,

²¹ Fontes e factos referenciados por SANTOS [57], p. 130.

²² FERNANDES [22], p. 576. A UNL adopta este traje nos finais da década de 70 e a U. Açores algo de muito semelhante um pouco mais tarde.

²³ Com uma ressalva: a origem académica coimbrã de muitos lentes, por exemplo, do Curso Superior de Letras (v.g. Teófilo Braga, dr. em *Direito*, ou José Maria Rodrigues, dr. em *Teologia*) ou da Academia Politécnica (v.g. Adriano Abreu Cardoso Machado, dr. em *Direito*, ou Francisco Gomes Teixeira, dr. em *Matemática*) levou o *hábito talár* mais a *borla* e *capelo* a *migrar* para paragens outras. Sirva-nos de ilustração a iconografia de Gomes Teixeira, primeiro Reitor da UP (retrato a óleo na galeria dos Reitores [quadro de Abel de Moura, reproduzido em SANTOS [57], p. 178]; e retrato da colecção da Fac. Ciências, actualmente decorando a sala de reuniões da Fundação com o seu nome, edifício do Círculo Universitário do Porto, à R. do Campo Alegre, 877). Ao longo de Novecentos viríamos a ter continuadas manifestações deste facto na UL e na UP, como veremos.

²⁴ Da qual pende um cordão de serigaria terminando em borla; eventualmente da cor da Escola respectiva.

²⁵ A título de exemplo veja-se a excelente fotografia do lente de Medicina Luís José de Pina Guimarães (abreviadamente Luís de Pina, 1901-1972) patente em SANTOS [57], p. 215; ou, para Lisboa, os retratos de Eduardo Coelho (1895-1974, lente de Medicina, médico pessoal de Salazar 1945 ss.) quando proferiu a *oração de sapiência* no acto de inauguração da actual Reitoria da UL e de abertura do ano lectivo de 1961/62 (cf. COELHO e COELHO [8], pp. 100-101).

²⁶ Eventualmente de cores diferentes conforme a especialização científica do lente: assim, na Academia Politécnica do Porto, ao abrir de Novecentos, os alamares teriam a seguinte coloração: «*azuis e brancos para a secção de Matemática; azuis para a de Filosofia* [Philosophia Natural, entenda-se]; *carmezins para a de Ciências Económico-Sociais*» (SANTOS [57], p. 130).

²⁷ Vejam-se os diferentes tipos de chapéu nas fotografias de Sousa Martins e do lente português José Pereira Reis (1808-1887) publicadas em SACADURA [54], pp. 15 e 17, respectivamente. No Porto, onde o *pom-pom* encimante chegou a ser da cor da Escola, tal chapéu caiu em desuso na segunda metade do século XX. Em contrapartida, revigorou então na UL e na UNL. Veja-se a fotografia reproduzida em NUNES [44], p. 416, figura 3, representando dois lentes da UNL numa cerimónia solene na UC. Para além do chapéu, outros contrastes Lisboa/Porto se verificam actualmente na beca: globalmente, a do Porto mantém-se mais próxima do modelo original e das concretizações de Oitocentos: – folhos levantados (pontualmente *muito* levantados) nos ombros, longa faixa de cintura, dando duas voltas ao tronco; mangas de balão; e longa abotoadura, até à base (veja-

mais tarde, uma medalha com o símbolo da Escola, pendente de uma fita de seda na cor correspondente²⁸.

Que origens para tal trajar? É, obviamente, matéria a requerer indagação²⁹. Mas as interrogações poderão fervilhar:

Origem além-fronteiras?

Influência de hábitos monásticos?³⁰

Origem comum às becas e togas do mundo judiciário?³¹

se a iconografia referida *supra*, nn. 19 e 25); as da UL, da UNL e da U. Açores são globalmente mais leves, nos termos que remontam à *reforma de Marcello Cactano* (1960): ombros mais baixos, arredondando no ângulo para o antebraço; faixa de cintura de uma só volta; mangas de canhão (o canhão teve efemeramente a cor da Faculdade); botões terminando um pouco abaixo da cintura, ficando aberto o resto da frente.

²⁸ De lenta generalização no Porto, onde, aliás, a função (insígnia doutoral? insígnia de cátedra?) não foi constante. E note-se que na galeria de retratos dos Reitores portuenses o primeiro a ser representado com a dita medalha é o 8.º titular do cargo, António José Adriano Rodrigues (1890-1981, lente de Engenharia, Reitor 1943-1946) (quadro de Abel de Moura reproduzido em SANTOS [57], p. 192). E não é por acaso que, depois dele e até à actualidade, apenas mais dois Reitores-Engenheiros tenham sido retratados com a medalha da sua Faculdade: Manuel Corrêa de Barros Jr. (1904-1991, Reitor 1961-1969) e Armando Campos e Matos (1919-1990, Reitor 1978-1981) (cf. reproduções dos seus retratos a óleo, por António Figueiredo e Júlio Resende, respectivamente, em SANTOS [57], pp. 194 e 199); o facto prende-se com especificidades do uso da medalha naquela Faculdade da UP; voltarei ao assunto. *NB*: Os restantes Reitores são retratados como segue: Francisco Gomes Teixeira (1851-1933, lente de Ciências/*Matemática*, Reitor 1911-1917): *hábito talar* com borla e capelo, como se disse (v. *supra*, n. 23); Cândido Augusto Correia de Pinho (n. 1838, lente de Medicina, Reitor 1918-1919): beca, sem insígnias; Augusto Pereira Nobre (1865-1946, lente de Ciências/*Zoologia*, Reitor 1919-1926): como o anterior; José Alfredo Mendes de Magalhães (1870-1957, lente de Medicina, Reitor 1926-1928): como o anterior; Alexandre Alberto de Sousa Pinto (1880-1982, lente de Ciências/*Física*, Reitor 1929-1931): beca com uma condecoração; Alberto Eduardo Plácido (1874-1942, Reitor 1931-1932, sendo à data Desembargador da Relação do Porto): beca de magistrado com colarinhos altos; José Pereira Salgado (1873-1946, lente de Ciências/*Química*, Reitor 1935-1943): beca e condecorações; Amândio Joaquim Tavares (1900-1974, lente de Medicina, Reitor 1946-1961): beca e colarinhos altos com laço branco (na tradição da antiga Escola Médico-Cirúrgica); António de Sousa Pereira (1904-1986, lente de Medicina, Reitor 1969-1974): beca, sem insígnia; Ruy Luís Gomes (1905-1984, lente de Ciências/*Matemática* [afastado da Função Pública por motivos políticos entre 1947 e 1974], Reitor 1974-1975): traje de passeio; Luís António de Oliveira Ramos (n. 1939, lente de Letras/*História*, Reitor 1982-1985): beca, com a insígnia de dr. h.c. pela U. Bordéus (cf. os retratos reproduzidos em SANTOS [57], pp. 179, 180, 181, 182, 183, 186, 191, 193, 196, 197 e 200). Quanto ao *prelado* universitário em funções no Porto à data da publicação da obra de SANTOS [57], Alberto Manuel de Sampaio e Castro Amaral (lente de Ciências/*Química*, Reitor 1985-1998), o Autor em causa publica-lhe a pp. 200 uma fotografia em beca, sem insígnia, fotografia que parece ter funcionado como *modelo* ao retrato de Dario Alves, inaugurado em finais de 1999. Note-se que a *inconstância iconográfica* não é um exclusivo portuense, atingindo a própria galeria reitoral da UC, como veremos.

²⁹ De meu conhecimento, apenas um lente de *Química* da Fac. Ciências/UP, Alberto Carlos de Brito (1902-1975), terá dedicado, no início da década de 70, alguma atenção ao assunto. Mas o que possa ter averiguado ou escrito encontra-se inédito.

³⁰ Hipótese aventada pelo meu Mestre Doutor António Cruz (1911-1989), em conversa havida em finais de 1986. Pessoalmente, esta beca afigura-se-me demasiado 'farfalhuda' para uma origem monástica linear.

³¹ É tentador encarar a questão da semelhança com as becas de magistrados. Vejam-se tão somente as reproduções fotográficas de trajes e insígnias de conselheiros do Supremo Tribunal de

Fiquemo-nos pelas interrogações. E digamos, para concluir este trajecto pelos tempos da Monarquia Constitucional, que, ao findar da mesma, o traje estudantil se expandira já por diversos lugares e instituições. A fundação do Liceu Nacional de Coimbra (1839), dependente da Reitoria da Universidade até 1880, levava a andaina até aos escolares respectivos («bichos», segundo o *jargon* praxístico); e a influência sobre os restantes Liceus Nacionais não terá sido pequena³²; Liceus Nacionais e não só: as Escolas Superiores portuenses terão assistido, e pelo menos desde os primeiros anos do recém-defunto século, ao uso da capa e batina pelos escolares respectivos: assim o documenta um grupo de lentes e de finalistas da Academia Politécnica - lá estão as becas dos primeiros; lá estão, por banda dos segundos, algumas capas, uma maioria à *futrica* e uma interessante componente de uniformes militares, de cursantes dos *Preparatórios* das Escolas de Guerra e Naval³³.

Justiça (em manequim ou enroupando, *digna e conselheiramente*, o M. I. Juiz Bernardo Guimarães Fisher de Sá-Nogueira) em NUNES [43], p. 99.

³² NUNES [44], pp. 411-412.

³³ HOMEM [31]. Estudantes uniformizados podem também ver-se no retrato de grupo do último curso da Escola Médico-Cirúrgica (1909/1910), bem como na mais antiga fotografia do Orfeão Académico do Porto (1912/1913): cf. SANTOS [57], pp. 160-161, 167 e 229. Face à última foto mencionada, é de crer que o uso da capa e batina tenha crescido exponencialmente com a fundação da Universidade.

2. Coimbra, 1910 ss

Recentremo-nos, entretanto, em 1910/11. A mudança de Regime, culminando em Coimbra uma década não propriamente pacífica³⁴, determinara de vez a entrada numa fase *iconoclasta* em matéria de ritos, tradições, cerimónias. O facto nada tem de extraordinário, marcando frequentemente épocas de maior conturbação social e política. Repetir-se-á nos anos 60 e 70. Enquanto que as décadas de 40, 50, 80 e 90 serão, todas elas, e mesmo que «mutatis mutandis», tendencialmente *neo-cerimonializantes* e «teatrocráticas» (na expressão de G. Balandier)³⁵. *Coimbra 1910 ss.* só poderá assim surpreender em termos de *preocuidade*³⁶. O certo é que logo nos dias subsequentes ao 5 de Outubro se verificam situações de invasão e danificação da *Sala dos Capelos*, destruição de roupas e insígnias de lentes mais assumidamente monárquicos, etc.³⁷ E não tardará a queda da obrigatoriedade do *hábito talar* para docentes e discentes. A partir do final do primeiro trimestre de 1911 faz-

³⁴ Veja-se o exemplo da crise académica de 1907, com causa próxima na reprovação em *Acto de Conclusões Magnas* (na linguagem do tempo) do doutorando em *Direito* José Eugénio Ferreira (filho do lente de Direito e político José Dias Ferreira), mais tarde professor do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras / U. Técnica de Lisboa; avô de Manuela Ferreira Leite, ex-ministra da Educação (1993-1995) e das Finanças (2002-2004), e da lente da UL Júlia Dias Ferreira de Almeida Flor (cf. o livro fundamental de XAVIER [67], bem como TORGAL [62], p. 214 *et passim*). Veja-se também a *contradança das orações de sapiência* nas aberturas dos primeiros anos lectivos do século XX entre os partidários da *tradição universitária* (v.g. Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação [1880-1972], lente de *Philosophia*, futuro ministro da Instrução Pública [1934-1936], orador em 1909) e os defensores de uma *reforma modernizante* da Instituição (v.g. Sidónio Pais, lente de *Matemática* [1872-1918], orador em 1908; ou Bernardino Machado, lente de *Philosophia* [1851-1944], orador em 1905); para um apanhado desta última questão v. por todos DIAS [11] e GOMES [23], pp. 443-447.

³⁵ Cf. *Poder (El) en escenas: de la representación del poder al poder de la representación*, trad. esp., Barcelona, Paidós, 1994, *passim*. Já MONCADA [38], *passim*, se deu conta desta alternância de situações na sua Universidade.

³⁶ A este respeito, é *delicioso* o testemunho de Carlsruh Richard Brühl (1925-1997), antigo Presidente da *Commission Internationale de Diplomatie*, evocando a sua situação de estudante alemão em Paris na viragem dos anos 40 para os 50 (!!!): «J'ai [...] suivi [les] cours [du canoniste Gabriel Le Bras] à la Faculté de Droit où l'on faisait encore le cours en toge. J'ai trouvé ça très bien, mais j'étais fort inquiet lorsque j'ai constaté que la salle était fermée à clé pendant le cours et que même le professeur ne pouvait pas sortir» (cf. «Réponse de M. Carlsruh Richard Brühl», in *Remise* [49], p. 37).

³⁷ Cf. GOMES [25], pp. 43-138; TORGAL [62], pp. 219-220.

se sentir a acção reformadora do ministro do Interior³⁸, por sinal um «bacharel formado em Medicina» pela própria UC, António José de Almeida (1866-1929)³⁹.

Entre a espontaneidade estudantil e a responsabilidade republicana, apontemos como alterações dignas de nota:

I. O *hábito talar* torna-se, repito-o, facultativo. Mas as consequências serão divergentes no que a escolares e lentes diz respeito. Relativamente aos primeiros, a *economia* objectiva do seu uso vai duradouramente mantê-lo, com acentuação das características *laicizantes-aburguesantes* de tempos anteriores: a batina converte-se definitivamente numa sobrecasaca com bandas de cetim, com acentuamento retro-posterior da cintura por dois botões encimando uma abertura vertical; o uso de colarinhos moles ou altos e de gravata ou laço dependerá do contexto de maior ou menor *cerimónia*; sem esquecer que as batinas não deixarão de acompanhar a *moda*, quanto à largura (maior ou menor) ou à forma das bandas acetinadas (simples ou de bico), ou quanto ao tipo de abotoadura (normal ou com os botões tapados por uma *carcela*, ao jeito das abotoaduras centrais de algumas gabardines e sobretudos); sem esquecer o remate inferior da calça (com ou sem dobra, estreito ou a tender para a «boca de sino», tão usual na calça - para ambos os sexos - dos anos 60-70); todas estas formas coexistiam em finais da década de 60, em plenas vésperas das *crises* que ditariam o ‘hibernar’ de todo o universo de práticas. Não se esqueça, entretanto, a entrada em cena da versão feminina do traje (capa sobre saia-casaco preto), na viragem dos anos 40 para os 50⁴⁰.

II. Quanto aos Mestres, o *hábito* não terá sofrido modificações de maior: capa talar, fechada por um cordão (eventualmente duplo) de serigaria, terminando em borla(s); batina entre tibial e genicular, sem bolsos (contrariamente à versão *estudantil*), fechada até ao pescoço, deixando ver um colarinho branco, vulgar ou alto conforme as ocasiões; acentuamento retro-posterior da cintura semelhante ao do *modelo estudantil*, em relação ao qual é, globalmente, mais comprida⁴¹. Mas as circunstâncias do seu uso tendem a restringir-se: ‘proscrito’ das

³⁸ Pasta sucessora do antigo Ministério do Reino e, como tal, detentora ao tempo da tutela do Sistema Educativo; com episódicos antecedentes no século XIX, o Ministério da Instrução Pública apenas será definitivamente criado em 1913; o Estado Novo ‘crismá-lo-á’ de «Ministério da Educação Nacional» na segunda metade da década de 30.

³⁹ Sobre o conjunto das reformas universitárias republicanas cf. GOMES [25], pp. 139-167.

⁴⁰ E provavelmente alguns anos antes no Porto, no âmbito do Orfeão Universitário.

⁴¹ Sobre as adaptações do traje ao uso por lentes do sexo feminino - após o doutoramento pioneiro (na UC) de Maria Helena Monteiro da Rocha Pereira (MHRP, 1956), e por responsabilidade que lhe foi cometida - , cf. NUNES [44], p. 412, n. (17): «*Segundo testemunho próprio, a Doutora Maria Helena fez cintar um pouco mais a batina masculina, chegando esta ligeiramente abaixo do joelho, e substituiu a calça comprida por saia até à meia perna, com macho atrás*». Este testemunho não deixa de me suscitar algumas interrogações. Antes de mais, porquanto MHRP não foi propriamente a primeira Mulher doutorada em Portugal, nem sequer a primeira da UC. O pioneirismo absoluto em termos nacionais - e deixando aqui de lado o caso «sui generis» de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925), dr.^a pela U. Freiburg e pela UC, de que foi *prof.^a ordinária* a partir de 1911; usava as insígnias doutorais sobre capa recobrimdo um vestido preto talar (testemunho do

aulas, o traje vai concentrar-se, a partir de ca. 1920, na *Sala Grande dos Actos* (com cortejo de acesso a partir da Biblioteca Joanina ou dos salões do *Paço das Escolas*) e na Capela da Universidade; com uma distinção de fundo: os actos solenes (doutoramentos h.c. - uma novidade da República⁴²-, imposição de insígnias aos novos doutores, abertura anual das aulas, posse do Reitor...) comportam o uso de *borla e capelo*⁴³; os actos correntes

Doutor Luís de Albuquerque [1916-1992], recolhido pelo Mestre António M. Nunes) - cabe a Maria Gabriela de Lemos Pereira Beato, dr.^a em *Ciências Farmacêuticas* pela UL em Fev.1927: cf. SANTOS [56], p. 45, n. [1]; em 1938 é a vez de Maria Elza Paxeco (Letras/*Filologia Românica* pela UL); prestou provas com o traje da U. do País de Gales, onde se formara e *post-graduara*; seguiram-se-lhe, nos anos 40 e na UP, Leopoldina Ferreira Paulo (Ciências/*Biologia*, Nov.1944), Judite dos Santos Pereira (Ciências/*Geologia*, Jan.1945) e Maria Serpa dos Santos (Farmácia, Nov. 1947), sendo esta última, até então, preparadora da Escola Superior de Farmácia/UC: cf. SANTOS [56], pp. 45-46; pelo meio, e ainda em 1944, André Crabbé Rocha (Letras/*Filologia Românica* pela UL); também em 1947 (Fevereiro) doutora-se em Letras/*Ciências Históricas* pela UL Virgínia Roberts Rau (1907-1973); em 1953 obtém a láurea Maria de Lourdes Belchior (1925-1998), em Letras/*Filologia Românica* pela UL; e no ano seguinte doutora-se Isabel Maria Magalhães Colaço (1926-2004, Direito pela UL); 1.^a assistente da sua Escola a partir de 1957, desde logo usará *hábito talar* com *borla e capelo*; a adaptação da batina foi concebida por um alfaiate de Lisboa e comportou a inversão do lado da abotoadura relativamente à versão masculina, bem como alturas idênticas para a batina e para a saia (*Fonte*: informações transmitidas telefonicamente pela própria, em 2002/11/01); finalmente, e já em 1957, Maria Alzira Bessa de Almoester Moura Ferreira (Ciências/*Química* pela UP; será 1.^a assistente da FC/UP [1958] e professora extraordinária [1969] e catedrática [1972] da FC/UL). As duas primeiras dr.^{as} da Fac. Ciências/UP tiveram solene imposição de insígnias em 1945, aspecto a que voltarei; e Maria Serpa dos Santos terá começado a usar na UC *hábito talar* com insígnias, pouco tempo decorrido sobre as provas doutorais (cf. carta que me dirigiu em 2002/09/30); e a terceira dr.^a pela FC/UP prestou provas em *hábito talar* com batina (*Filhas de Minerva* [22a], pp. 25-31). Pelo que os factos me parecem incontestáveis: desde a década de 40 se terão ensaiado adaptações femininas do *hábito talar* (presumivelmente, nas mais das vezes, com a saia à mesma altura da batina: tal é, com efeito, o *facies* do traje com que Maria Serpa dos Santos nos surge fotografada na escada central de acesso à *Via Latina* em Outubro de 1966, por ocasião da abertura solene do ano lectivo; ou então - casos de Virgínia Rau e de André Crabbé Rocha - com um *tailleur* preto em vez de batina), precedendo a adaptação *definitiva* (?) cometida a MHRP, adaptação na qual os detalhes da altura da batina e da saia se afiguram relevantes; mas nessa altura já iam decorridas quase 3 décadas sobre o dia em que, pela vez primeira, um capelo doutoral obtido em provas públicas pousara em ombros femininos...

⁴² TORRALBA [62].

⁴³ Com um pormenor, relativo ao Reitor: o *prelado universitário* apresenta-se normalmente de borla, sem capelo. Porquê? Durante a Monarquia e a 1.^a República, permitia a legislação que o Reitor fosse alguém exterior ao claustro, eventualmente sem grau outro que o de bacharel formado. Exemplos: a) Na Monarquia: Adriano Machado, lente da Academia Politécnica do Porto, como vimos (cf. *supra*, n. ²³), Reitor 1886-1890; ou D. João Alarcão Osório, par do Reino, Reitor 1907; b) na República: Manuel de Arriaga, bacharel formado em *Direito*, Reitor 1910-1911; Arnaldo Mendes Norton de Matos, magistrado, Reitor 1916-1918; Joaquim Coelho de Carvalho, bacharel formado em *Direito* e diplomata, Reitor 1919; António Luís Gomes, dr. em *Direito* mas exterior ao claustro, Reitor 1921-1923 (pai do lente de *Matemática* e futuro Reitor da UP Ruy Luís Gomes [cf. *supra*, n. 28]); Francisco Pinto da Cunha Leal, capitão do Exército na reserva e político, Reitor 1924-1925; e Henrique Jardim de Vilhena, lente da Fac. Medicina da UL, Reitor 1925-1926 (v. por todos RODRIGUES [51] e [52], pp. 95-97). Acresce que a República oscilou entre a eleição do Reitor pelo *claustro* e a nomeação governamental (v. por todos GOMES [25], *passim*). Daqui resulta que o Reitor não tinha que ser *doutor* e que não eram, portanto, as insígnias respectivas que, *sendo-o*, lhe conferiam a autoridade; mas *sendo doutor*, a borla funcionaria como *exteriorização mínima* de tal habilitação. Outro isto ajudará a explicar a *inconstância iconográfica* também presente na galeria de retratos reitorais da UC: antes de mais, só pelos meados de Oitocentos os Reitores começaram a ser retratados em *hábito talar* - José Machado de Azevedo ([1794-1857], lente de Leis, Reitor 1850-1853) será o primeiro, mas em *hábito talar* e uma condecoração, sem insígnias: cf. RODRIGUES [51], p. 494; António Augusto da Costa Simões (1819-1903], lente de Medicina, Reitor 1892-1898) será o primeiro retratado em *hábito talar* segurando a borla: cf. RODRIGUES [51], p. 501; por outro lado,

(provas de doutoramento⁴⁴ ou de concurso de provas públicas) ou de outro tipo de cerimonialidade (celebrações religiosas na Capela, funerais de membros da comunidade académica...) dispensam as insígnias. Para além disto, o reordenamento das Escolas (e consequentemente das cores): as Faculdades de Matemática e de Philosophia vão fundir-se, originando a Faculdade de Ciências (cor azul celeste, salvo para o grupo de *Matemática*: azul-celeste e branco); à desactivada Faculdade de Teologia (cor branca)⁴⁵ como que *sucede* a nova Faculdade de Letras (cor: azul escuro, tal como as antigas Faculdades das Artes, primeiro, de Philosophia, depois); Direito e Medicina mantêm o estatuto de Faculdade e as cores respectivas (vermelho e amarelo); e a Escola de Farmácia (cor: roxo), à partida anexa à Faculdade de Medicina, autonomiza-se ca. 1915, ganhando o estatuto de Faculdade nos alvares dos anos 20⁴⁶, em fases posteriores

a heterogénea origem dos *prelados* (pares do Reino, conselheiros, magistrados, diplomatas, lentes de outras Escolas Superiores) ajuda a explicar a diversidade do *visual* com que se fazem retratar: tendo tão-somente em conta a I República, encontramos um Reitor em vestes de magistrado (Arnaldo Norton de Matos), outro em traje de passeio (Francisco da Cunha Leal) e um último envergando a beca da Faculdade de Medicina da UL (Henrique Jardim de Vilhena) (vejam-se os retratos respectivos em RODRIGUES [51], pp. 510-515). Para o período *post*-1926, apenas três Reitores se fizeram retratar simplesmente de *hábito talar* segurando a borla, sem mais atavios: trata-se de Fernando de Almeida Ribeiro, já referido (cf. *supra* n. 6, Reitor 1926-1927); de José Gouveia Monteiro (1922-1994, lente de Medicina, Reitor 1970-1971); e de José Joaquim Teixeira Ribeiro (1908-1997, lente de Direito, Reitor 1974-1976) (cf. RODRIGUES [51] pp. 516, 523 e 525); interessante é, entretanto, o caso de Maximino José de Morais Correia (1893-1969, lente de Medicina, Reitor 1943-1960), que, de facto, se fez retratar de borla sem capelo, mas com diversas condecorações, assim se apresentando também em actos solenes, v.g. o doutoramento h.c. de Franco (1949) (cf. RODRIGUES [51], p. 520 e TORGAL [62], p. 257). Note-se que, exteriormente à galeria reitoral, existe um exemplo anterior de um Reitor simplesmente retratado (leia-se: fotografado) com *hábito talar* e borla sobre os joelhos: veja-se a fotografia, datada de 1880, publ. por NUNES [42a], fig. 8; o Reitor em causa será Júlio Máximo de Oliveira Pimentel, visconde de Vila Maior (lente de *Matemática*, Reitor 1869-1884), que surge sentado, enquadrado pelo Secretário, pelo Guarda-Mor, pelos Bedés e pelos Arceiros. Lembre-se também que, sendo Cardeal-Patriarca, o Doutor Gonçalves Cerejeira se apresentou por várias vezes em actos solenes da sua ALMA MATER trajando a *púrpura* e segurando a borla de *Letras* na mão direita (cf. por exemplo a foto patente em *Memoria* [37], p. 352 [os lentes da Universidade na abertura do ano lectivo de 1940/1941]).

⁴⁴ *Doutoramentos científicos*, na expressão de TORGAL [62], sucessores dos antigos *actos de Conclusões Magnas*, por contraposição, agora, aos *doutoramentos solenes* («Honoris causa» ou a imposição *solene* de insígnias aos *[cientificamente]* aprovados em provas públicas).

⁴⁵ Nunca formalmente extinta; deixou pura e simplesmente de receber inscrições a partir de 1910/11, permitindo-se aos inscritos a conclusão do curso. A maioria do Corpo Docente transitou para a nova Faculdade de Letras, havendo pelo menos um caso de prosseguimento e conclusão de carreira na FL/UL: José Joaquim de Oliveira Guimarães (1877-?), que foi inclusivamente Director da sua última Escola (1940-1947) (cf. A. H. de Oliveira MARQUES, «Notícia Histórica da Faculdade de Letras de Lisboa [1911-1961]», in MARQUES [35], p. 164); outro teólogo coimbrão, José Maria Rodrigues (1857-1942), rumara entretanto à Capital já na década de 1890, ensinando sucessivamente no Curso Superior de Letras e na FL/UL (MARQUES [35], *passim*).

⁴⁶ Esteve a um passo da extinção - tal como a sua congénere de Lisboa - em 1928, aquando da promulgação do Decreto 15.365, de 14 de Abril, que pretendeu extinguir a Fac. Letras da UP (o que se concretizou), a Fac. Direito da UL (o que não se concretizou, pela forte mobilização da comunidade académica), as duas Faculdades de Farmácia e o Liceu da Horta. As U's de Coimbra e de Lisboa puderam conservar o ensino da *Farmácia*, mas no âmbito de *Escolas Superiores* da especialidade, ministrando somente o *Curso Profissional* (3 anos); a licenciatura e o doutoramento ficaram assim confinados à Fac. Farmácia da UP, e nela se graduaram diversos lentes de Coimbra, v.g. José Ramos Bandeira (dr. em 1944), Maria Serpa dos Santos (dr.^a em 1947; v. *supra*, n. 41) ou António Pinho de Brojo (1927-1999, dr. em 1961) [Note-se que o primeiro teve solene imposição de insígnias na UP, em 1945 (cf. SANTOS [57], pp. 210); os dois restantes terão usado de imediato borla e caplo

(anos 70 ss.), Economia adoptará o vermelho e branco e Psicologia e Ciências da Educação o laranja.

III. Os tempos iniciais da República não iam de feição à manutenção de grandes cerimoniais de *Nobre Sala*. Os doutoramentos passam a fazer-se, durante algum tempo, em *traje de passeio*⁴⁷; ainda em 1919, o doutorando Luís Cabral de Moncada enfrenta um *tribunal* jurídico com os *juízes* «à futrica»; e «*no meio de tanto laicismo burguês*», apresenta-se, qual «noivo de Minerva», de fraque, luvas e chapéu alto...⁴⁸ Só pelos alvares da década de 20 as provas públicas na *Nobre Sala* revêem lentes e candidatos *talmente* revestidos e só pela mesma altura os novos doutores começam a receber solenemente insígnias em cerimónia específica ulterior às provas públicas⁴⁹: Manuel Gonçalves Cerejeira receberá as suas em 1918, em cerimónia na sala do Senado, paraninfada pelo seu Mestre António Garcia Ribeiro de Vasconcelos (1860-1941), ao tempo Director da FL/UC⁵⁰; o geógrafo Aristides de Amorim Girão (1895-1960) foi o primeiro doutor solenemente *investido* na Sala Grande, em 1922, em cerimónia que teve Cerejeira como orador, o qual se referiu circunstanciadamente ao «valor dos símbolos»⁵¹; e o segundo será, cerca de um ano depois, Manuel Serras Pereira, também da Faculdade de Letras⁵². Mas só mais para o final da década estes actos ganham foros de regularidade: v.g., e entre 1926 e 1931, o *encapelamento* de Sílvio Vieira Mendes de Lima (Letras); de Manuel dos Reis, Gumersindo Sarmento da Costa Lobo e Rui Gustavo Couceiro da Costa (todos de Ciências); ou de Adriano Pais da Silva Vaz Serra, José Carlos Moreira, João Pinto da Costa Leite (Lumbrales) e Fernando de Andrade Pires de Lima (todos de Direito)⁵³.

na UC: Maria Serpa dos Santos pode ver-se numa fotografia dos lentes de Farmácia em 1960, onde, aliás, está também José Ramos Bandeira (*Memória* [37], p. 362); de António Brojo, nome cimeiro que também foi da *guitarra de Coimbra*, há um retrato de recém-doutorado, com *hábito talar* e borla e capelo, exibido num programa biográfico da RTP (transmitido ca. 1982), e assim aparece também numa série de fotos referentes à solene abertura do ano lectivo de 1966/67 (cópias gentilmente cedidas pelos familiares de Maria Serpa dos Santos). Reforce-se, finalmente, a ideia de que as insígnias de José Ramos Bandeira, Maria Serpa dos Santos e António Brojo são, em rigor, insígnias doutorais da UP, onde obtiveram o grau, num tempo em que a ‘simples’ Escola Superior de Farmácia da UC o não conferia]. Em 1968 - exactamente 40 anos depois - o governo de Marcello Caetano, nas suas primeiras semanas de exercício, restaurou as duas Faculdades; e Maria Serpa dos Santos tornar-se-á em 1972 a primeira Mulher catedrática de Farmácia em todo o País.

⁴⁷ O que, ocasionalmente, ressurgirá nas U’s de Coimbra e do Porto, nos tempos imediatamente posteriores à mudança de Regime em 1974. Em 1976 - e julgo que isto nunca foi narrado por escrito - um pequeno incidente ocorreu na Faculdade de Medicina da UP, quando, escassos meses decorridos sobre a jubilação do Reitor Ruy Luís Gomes (v. *supra*, n. ²⁸), o Vice-Reitor em exercício pretendeu presidir a um júri de concurso para professor extraordinário envergando «jeans» e um blusão de «nylon» azul... O júri acabou por ter a ‘liderança’ do Presidente do Conselho Directivo da Faculdade...

⁴⁸ MONCADA [38], p. 127.

⁴⁹ Antes de 1910 a «colação do grau» doutoral seguia-se de imediato à aprovação nas provas públicas (v. por todos GOMES [23], p. 430, transcrevendo normas estatutárias).

⁵⁰ Cargo que exerceu de 1911 a 1920. Sobre a imposição de insígnias ao Doutor Gonçalves Cerejeira, cf. TORGAL [62], pp. 240-245.

⁵¹ TORGAL [62], pp. 246-250.

⁵² TORGAL [62], pp. 293-294.

⁵³ TORGAL [62], pp. 294-297.

IV. 1921 vira inaugurar-se os doutoramentos «honoris causa», com a investidura, em 15 de Abril, dos oficiais-generais aliados Marechal Joffre (França), Generalíssimo Armando Diaz (Itália) e General Smith Dorrien (Inglaterra)⁵⁴. Assim se abre um tipo de cerimónia que em Coimbra tanto pode agraciar figuras da Ciência, como expoentes da cena política, mormente internacional⁵⁵ (sobretudo Chefes de Estado ou de Governo de visita ao País, v.g. Afonso XIII de Espanha⁵⁶, Franco [1949], João Café Filho [1955], Juscelino Kubitschek de Oliveira [1960], Ludwig Ehrard [1961], Kurt-Georg Kiesinger [1968] ou Laureano Lopez Rodó [1973] durante o Estado Novo; e, ulteriormente [1980 ss.], Karl Carstens [1980], Amintore Fanfani [1982], João Paulo II [id.]⁵⁷, Tancredo Neves [1985]⁵⁸, José Sarney [1986], Javier Pérez de Cuellar [1987], Aristides Pereira [1989], Juan Carlos de Espanha [id.], Richard von Weiszäker [1990], Giovanni Spadolini [1991], Jacques Delors [1992] ou Fernando Henrique Cardoso [1995]⁵⁹; ou ainda dois *mecenas* (José de Azeredo Perdigão

⁵⁴ TORGAL [62], pp. 252-256. Passa-se isto em curiosa sintonia cronológica, tipológica e pessoal com a UP, que no dia 11 do mesmo mês de Abril do ano em causa fizera já drs. h.c. pela Fac. Ciências os mesmíssimos Generais Armando Diaz e Smith Dorrien, antecedidos, no dia 6, do *mesmíssimo* Marechal Joseph Joffre (creio que ainda ninguém salientou por escrito este facto). Em 24 de Outubro do ano seguinte serão drs. h.c. pela Faculdade Técnica (ulterior Fac. Engenharia, 1926 ss.) os *heróis nacionais* Carlos Viegas Gago Coutinho e Artur de Sacadura Cabral (a listagem dos drs. h.c. pela UP pode encontrar-se nos opúsculos ultimamente editados por acasão de actos de tal natureza; no momento em que escrevo, o último data de 2001/02/01 e diz respeito ao ex-Presidente da FIFA João Havelange, dr. h.c. pela Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física por ocasião da passagem do 25.º aniversário desta Escola). Note-se que Gago Coutinho e Sacadura Cabral foram também drs. h.c. pela UL, no mesmo ano de 1922.

⁵⁵ Os casos nacionais são apenas dois, e em contextos bem diferenciados: Salazar (dr. h.c. por Letras, 1959) e Mário Soares (dr. h.c. por Direito após o termo do seu segundo mandato como PR).

⁵⁶ Acto não concretizado, por motivo da mudança de Regime no País vizinho, em 1931, e conseqüente não-realização da visita régia. Sobre o ulterior destino das insignias, temporariamente usadas pelo lente de Direito Luís Cabral de Moncada (1888-1974), vejamos as bem-humoradas considerações deste último em MONCADA [38], p. 208.

⁵⁷ Com a particularidade de ter sido feito dr. h.c. por todas as Faculdades. Algo de idêntico ocorrerá 5 anos mais tarde na UP, com José de Azeredo Perdigão (1896-1993). Note-se que o então Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian foi dr. h.c. pelas U's de Coimbra, Lisboa, Porto, Nova de Lisboa e Aveiro.

⁵⁸ TORGAL [62], pp. 257 e 263. Tancredo Neves recebeu este grau como Presidente eleito do Brasil, cargo de que não chegaria a tomar posse, por doença a que não sobreviveu.

⁵⁹ TORGAL [62], pp. 257-264; listagem detendo-se em 1993. A listas dos drs. h.c. pelas restantes U's portuguesas revela uma bem menor componente política. Ainda assim, realcem-se, na UP, e antes de 1974, as investiduras do Ministro do Exterior brasileiro José Magalhães Pinto (Economia, 1968) e do escritor, diplomata e longo director do *Diário de Notícias* Augusto de Castro Sampaio Côrte-Real (Letras, 1969); de 1990 para cá, destaquem-se: Mário Soares (Letras, 1990), Fernando Henrique Cardoso (Economia, 1995), Jacques Delors (id., 1999), Xanana Gusmão, D. Carlos Filipe Ximenes Belo e José Ramos-Horta (todas Letras, 2000). De realçar ainda, no panorama português: os *mecenas* José de Azeredo Perdigão (todas as Faculdades, 1987) e Victor Sá Machado (Medicina, 1987); o realizador Manoel de Oliveira (Arquitectura, 1989); e o *ex-líder* do futebol mundial João Havelange (Ciências do Desporto e da Educação Física, 2001). Nas restantes U's, salientem-se: em Évora, a rainha Sofia de Espanha; em Aveiro, Sophia de Mello Breyner; na U. Nova de Lisboa, António Carlos (*Tom*) Jobim; e na U. Minho, D. Eurico Dias Nogueira e Eurico de Melo. Quanto às U's privadas, tenham-se em atenção: António Ramalho Eanes e D. Manuel da Silva Martins pela U. Lusíada; Camilo José Cela e Mikhail Gorbatchov, professores honorários da U. Moderna. Registe-se ainda, como prática alternativa ao doutoramento h.c., o que se passou nos anos 80 aquando da visita a Portugal do Presidente grego Christos Sartzetakis: juiz do Supremo Tribunal do seu

[1960] e Fernando Aguiar Branco [2001]), um criador literário (Vergílio Ferreira [1993])⁶⁰ ou um cultor de uma área do saber - a *Arquitectura* - só então em vias de ser introduzida no claustro coimbrão (Fernando Távora [1993]). Uma palavra sobre o cerimonial⁶¹. Num ritual de *Sala Nobre* em que a liturgia do *gesto* e a liturgia do *verbo* harmonicamente se enlaçam, saliente-se antes de mais a «breve e elegante oração» em que o doutorando - ou o protocolarmente mais antigo, se forem vários - faz ao Reitor a *petição do grau*. A prática, sequente, dos dois oradores - qual *galo* e *galinha* que se afrontam⁶², nos lugares respectivos do estrado, à direita e à esquerda do Reitor, segundo a ordem de intervenção -, um elogiando o doutorando, o outro o apresentante, cimenta-se a partir de 1922⁶³. Salientem-se ainda os dizeres protocolares em latim - *petição*, *outorga* e *agradecimento do grau* -, a *cerimónia dos abraços ao(s) novo(s) doutor(es)* - e as *intervenções dos metais da Charamela* - nem sempre muito afinados, hoje como há um século⁶⁴ -, pontuando os cortejos de abertura (da Biblioteca para a *Sala Grande*) e de saída (da *Sala* para a *Reitoria*) com um conhecido tema de G.-F. Haendel, os abraços com o célebre *Gaudeamus Igitur* e fechando com o *Hino Académico*, de José Cristiano de Medeiros (séc. XIX) [eventualmente também o *Hino Nacional*, se o acto tiver a presença do Presidente da República]. Por último, nos salões da *Reitoria*, a leitura do auto e a assinatura do mesmo pelo(s) novo(s) doutor(es), apresentante(s), testemunhas e o Reitor⁶⁵.

País, foi entre nós investido *conselheiro honorário* do STJ; julgo tratar-se de circunstância única.

⁶⁰ Cf. *Doutoramento* [13]. Note-se que Vergílio Ferreira (1916-1996) era lic.º em *Filologia Clássica* pela FL/UC (1940).

⁶¹ A componente *política e diplomática* dos doutoramentos h.c. pela UC levou a que a *normativa protocolar* tenha sido modernamente pela primeira vez transcrita nas *Regras do Cerimonial Português*, do Emb. Hélder de Mendonça e CUNHA (1.ª ed.: Amadora, Bertrand, 1976, pp. 167-172), texto que o Autor, que já chefiara o protocolo de Estado, apresentara inicialmente como relatório interno no MNE. Mais recentemente, a *normativa* foi transcrita em: TORGAL [62], pp. 313-319 (com o título «Doutoramento solene», e indicando como fonte «Documento elaborado com base nos Estatutos e nas Praxes, Direcção dos Serviços Académicos da UC»); e em *Doutoramento* [13], pp. 53-57.

⁶² Segundo o *calão* académico.

⁶³ TORGAL [62], pp. 250-251. O acto *pioneiro* em matéria de dois oradores foi o da imposição solene de insígnias a Amorim Girão (1922/05/28).

⁶⁴ Cf. *supra*, n. 6.

⁶⁵ É óbvio que, nas mais diversas conjunturas, há sempre lentes que em tal cerimonial se não revêem. Veja-se, para as décadas de 30 a 50, o testemunho de Luís Cabral de Moncada, particularmente interessante por provir de um campo, porventura, *conservador*: «(...) *Tocava a charamela a sua marcha nupcial, repicavam os sinos festivos, estralejavam foguetes e [o] cortejo deslizava em passo de procissão, atravessando o pátio, como se fosse a própria procissão da Rainha Santa. (...) A nossa [tradição] (...) vinha (...) das profundidades do século XIII. Não admirava (...) que conservasse (...) ainda muitos traços da sua origem eclesiástica medieval. Eram estas as rugas da sua velhice. Algumas tinham-se cavado (...) mais fundo, como aquela em que o reitor, impondo as mãos sobre a cabeça do novo doutor, o neófito, à laia de sacramento, e lendo de um livro uma fórmula solene e mágica, parecia invocar o Espírito Santo, aliás o de Minerva, que quase materialmente nós víamos baixar sobre a sua cabeça como o Paráclito. Tudo isto me parecia desculpável. Mas o que eu não compreendia era o ar comovido e quase beato com que os meus colegas, na sua maioria, olhavam para todos os pormenores desta liturgia e neles colaboravam como se fossem fiéis de um culto oriental dos começos do cristianismo. Faltava-lhes (...) humorismo consigo mesmos e descontração. Asfixiava-se. A gente sentia-se embalsamada, mumificada, dentro de tanta teatralidade por fora e por dentro. Era por isso que Magalhães Colaço, marchando a meu lado, me dizia uma vez, hirtó e*

V. Quanto às aberturas solenes das aulas, o clima também lhes não era propício nos tempos iniciais da República. Só as visitas à Universidade de Chefes do Estado que aí tinham a sua ALMA MATER - Sidónio Pais, lente de *Matemática*, em 1918; e António José de Almeida, bacharel em *Medicina*, em 1921⁶⁶ - contribuirão para alterar a situação. Ganhando regularidade a partir do final da década de 20, tende então a cristalizar⁶⁷ um tipo de cerimoniais com momentos altos na leitura do *Relatório* anual do Reitor e na *oração de sapiência*, rotativamente a cargo de lentes das múltiplas Faculdades⁶⁸.

irónico, sentir-se, sob as franjas da borla que tremia, quase igual à imagem da Rainha Santa nos dias da grande procissão» (MONCADA [38], pp. 207-208). Para os anos 80 veja-se a querela que opôs nomeadamente diferentes 'sensibilidades' de Mestres da FL/UC (cf. NETO [39a]).

⁶⁶ TORGAL [62], pp. 236-238 et *passim*.

⁶⁷ Com uma solução de continuidade entre a crise académica de 1969 e os finais da década de 70.

⁶⁸ É claro que, em Coimbra como alhures, nem sempre as intervenções em tão solenes actos - quer se trate de *elogios* académicos, quer de *orações de sapiência* - primam pela elegância literária ou pelo rigor do conteúdo. Não raro descambam na vulgaridade, na retórica bacoca, nos 'recados' a terceiros ou no disparate puro e simples (poderia exemplificar; só que «não vou por aí»...). Mas há ilustres excepções: para citar um texto já clássico, direi que o livro de SANTOS [55] teve origem na *oração de sapiência* da abertura do ano lectivo de 1985/86; e o texto respectivo foi inicialmente publicado no *Anuário* da UC referente ao ano em causa.

3. As Universidades da primeira metade do século XX

Que dizer agora de trajés e cerimoniais nas restantes U's existentes a partir da I República (Lisboa e Porto) ou dos anos 30 (Técnica de Lisboa)?

a) Começemos pela UP, que talvez tenha sido, das duas U's criadas em 1911, a de mais precoce afirmação em termos de traje e cerimonial próprios. Vejamos: à data da fundação, as Faculdades de Ciências e de Medicina, e depois a Técnica (futura Engenharia) e a de Farmácia, como herdeiras das Escolas de Oitocentos, eram utentes da mencionada beca; as instalações universitárias estavam concentradas numa zona não particularmente extensa do Centro urbano: «dos Clérigos ao Carregal», como já tive oportunidade de me exprimir⁶⁹, zona prolongada pelos eixos viários de Cedofeita - até à Rua dos Bragas⁷⁰ - e das Ruas do Rosário e da Boa Hora - até às imediações da igreja românica de Cedofeita⁷¹. Acrescentem-se, pela sua importância, as comemorações dos Centenários da Real Escola de Cirurgia (1825-1925)⁷² e da Academia Politécnica (1837-1937)⁷³. Refira-se, por último, o elevado sentido de *Instituição* de alguns Reitores: uma palavra será aqui devida a José Pereira Salgado e a Amândio Joaquim Tavares⁷⁴. É fácil se

⁶⁹ HOMEM [32]; neste perímetro ficavam a Reitoria, a Faculdade de Ciências, a Faculdade de Medicina (até final da década de 50), a Faculdade Técnica/de Engenharia (até 2001), a Faculdade de Farmácia e, mais tarde, as Faculdades de Economia (anos 50/anos 70), de Letras (anos 60/anos 70) e, por último e ainda hoje, o Instituto de Ciências Biomédicas «Abel Salazar» (1976 ss.).

⁷⁰ Localização da sede da Faculdade de Engenharia a partir dos anos 30.

⁷¹ Zona onde irá situar-se o edifício da Faculdade de Farmácia, em prolongada construção ao longo das décadas de 20 e de 30. O arruamento onde se localiza virá a receber o nome de um dos primeiros directores da Escola: Aníbal Cunha.

⁷² Antecessora, sucessivamente, da Escola Médico-Cirúrgica (1837) e da Faculdade de Medicina (1911). O seu Centenário dará lugar, entre outras, à publicação *Pôrto* [1925] e, provavelmente, à adopção do «Emblema esfragístico da Universidade», de que voltarei a falar.

⁷³ Antecessora das Faculdades de Ciências (1911) e Técnica (1915). O seu Centenário dará lugar, entre outras, à publicação BASTO [3], bem como ao reaparecimento do Orfeão Académico (com a designação *Orfeão Académico da UP*), integrando pela primeira vez naipes femininos.

⁷⁴ Durante o reitorado deste último o automóvel da Reitoria chegou a ostentar, na parte dianteira do *capot*, uma pequena bandeira com o símbolo da UP (testemunho de seu Filho, Doutor Amândio Gomes de Sampayo Tavares).

tornará compreender a configuração na UP de todo um cerimonial de actos académicos a prolongar-se até à década de 60 e com algumas modificações de fundo apenas no último quartel do século. Vejamos as circunstâncias, uma por uma:

I. *Aberturas do ano lectivo* - No edifício da Faculdade de Ciências (ex-Academia Politécnica) ficavam também a Reitoria, a Secretaria-Geral e outros Serviços Centrais. Naturalmente, o Salão Nobre respectivo passou a funcionar como *Sala dos Actos*. E anualmente passou a ter lugar, por meados de Outubro, a cerimónia de *abertura das aulas*. Não raro com a presença do Presidente da República e/ou do Ministro da Educação (e, eventualmente, de outros membros do Executivo), bem como de autoridades civis, militares e eclesiásticas, tal cerimónia englobava a leitura do *Relatório* anual do Reitor, a entrega de prémios escolares e a *oração de sapiência*⁷⁵. Tudo pontuado com intervenções do Orfeão Universitário do Porto⁷⁶, normalmente abrindo com o *Hino Nacional* e fechando com a *Proposição d'«Os Lusíadas»*, de Hermínio do Nascimento. Nas tribunas sentavam-se apenas os professores catedráticos (envergando *beca*), ficando os restantes docentes doutorados na zona central do salão, em *hábito talar*. As crises académicas de 1969 levaram à suspensão desta cerimónia nos estabelecimentos do Ensino Superior Público⁷⁷; e o Porto não constituiu excepção: para os anos subsequentes retenho apenas a realização de duas cerimónias de entrega de prémios escolares (Abr. e Dez.73), realizadas sob forte protecção policial e sem a presença de nenhum dos coros universitários. Restaurada no reitorado de Luís de Oliveira Ramos (1983), esta cerimónia voltaria a realizar-se até 1988, nas mais das vezes na Fac. Ciências (1984, 1987 e 1988), mas também em Economia (1983 e 1986) e no auditório da Reitoria (1985)⁷⁸. Novamente suspensa no reitorado de Alberto Amaral (a partir de 1989), conheceria um reaparecimento *sui generis* no mandato do actual *prelado*, José Ângelo da Mota Novais Barbosa (1998 ss.): constatando que as diversas Escolas tinham entretanto começado a realizar as suas próprias *aberturas de ano lectivo*⁷⁹, e não possuín-

⁷⁵ A última cerimónia desta natureza antes do 25 de Abril de 1974 teve lugar em 1968/10/26. Assisti, como estudante recém-ingressado na licenciatura em *História*. Presentes Américo Thomaz (PR) e ainda António Gonçalves Rapazote (min. Interior), José Hermano Saraiva (min. Educação) e José Estêvão Abranches Couceiro do Canto Moniz (min. Comunicações), todos integrando o primeiro Executivo de Marcello Caetano, empossado semanas antes. Era Reitor Manuel Corrêa de Barros Jr. (que produziu um corajoso *Relatório* apontando problemas como o da não-audição das U's na recentíssima reforma curricular das Facs. de Letras e de Ciências - a reforma dos *bacharelatos*) e Vice-Reitor Armando Vasconcelos Laroze Rocha (lente de Farmácia, 1900-1983). A *oração de sapiência* coube a Jayme Eduardo Rios de Souza († 1971), lente de *Matemática* e membro, por direito próprio, da galeria das figuras pitorescas da UP: dissertou sobre *A evolução das geometrias não-euclidianas* (publ.: Porto, UP, 1969). Entre os premiados deste ano estiveram os actuais lentes Manuel Ricardo Falcão Moreira, Jorge Reis Lima (ambos Ciências/*Matemática*) e Eugénio Francisco dos Santos (Letras/*História*). Evoquei já esta cerimónia em *HOMEM*, «Prólogo» [30a], p. 10.

⁷⁶ Esta designação remonta a 1942/43.

⁷⁷ Não se olvide que *Coimbra/1969* teve o seu arranque na inauguração do edifício de *Matemática* (1969/04/17).

⁷⁸ Entre as *orações de sapiência* saliente-se a notabilíssima de 1987, de Luís Vasco Nogueira Prista (Fac. Farmácia), sobre a dimensão histórica do *medicamento* e a sua situação face às *novas tecnologias*.

do ainda a UP nenhum grande auditório, o novo Reitor decidiu instituir o *Dia da Universidade* (22 de Março)⁸⁰, compreendendo uma *sessão solene* e todo um conjunto de realizações em torno de uma dada problemática: *Universidade e património museológico* (1999)⁸¹ e *Universidade e Cidade* (2000)⁸²; ou a inauguração oficial das novas instalações da Faculdade de Engenharia (2001) ou da Faculdade de Direito (2004).

II. *Doutoramentos e outros actos de provas públicas* - Desde cedo se efectuaram nas Faculdades, desde que dispo de edifício (e, consequentemente, de Salão Nobre) próprio: Ciências, Medicina, Farmácia (anos 20)⁸³, Engenharia (anos 30). Surgidas nos anos 50 e 60, as Faculdades de Economia (1953 ss.)⁸⁴ e de Letras (1962 ss.)⁸⁵ realizaram no Salão Nobre de Ciências, e até aos anos 70, os seus actos académicos. Tradicionalmente^{85a} os candidatos apresentavam-se em *hábito talar*, traje que conservavam, em caso de sequência de carreira, até ao acesso à cátedra⁸⁶.

III. *Doutoramentos h.c.* - Não particularmente numerosos até à década de 70, estes actos cedo se processaram segundo um cerimonial idêntico ao da UC: elogio do doutorando, elogio do apresentante, petição e colação do grau, instalação do novo doutor no cadeiral do mais jovem e palavra sua de agradecimento⁸⁷;

⁷⁹ Em Letras tal prática remonta a 1980/81.

⁸⁰ Data do decreto de criação da UP, em 1911.

⁸¹ Realizou-se a sessão no Salão Nobre da Fac. Ciências, estando a *oração de sapiência* a cargo de Armando Coelho Ferreira da Silva (Letras/Dep. de Ciências e Técnicas do Património).

⁸² Sessão no Teatro do Campo Alegre, com *oração de sapiência* por Domingos Tavares (Arquitectura).

⁸³ Embora o edifício só ficasse concluído na década subsequente.

⁸⁴ Sediada até 1974 nas «águas-furtadas» da Faculdade de Ciências.

⁸⁵ Sediada até 1977 em parte do antigo edifício de Medicina, ao Largo da Escola Médica (actual Largo Prof. Abel Salazar), junto ao Hospital de St.º António. O Salão Nobre era objecto de utilização docente quotidiana (por Letras, Ciências, Economia e até Belas-Artes) (cf. HOMEM [32a], *maxime* p. 305), o que impedia qualquer utilização como *Sala de Actos*. A ulterior atribuição do edifício ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS, 1977 ss.) não melhorou a situação dessa sala austeramente digna, outrora também palco de concertos de câmara, pelos quais passaram Guilhermina Suggia, Helena e Madalena Moreira de Sá e Costa *et alii*: transformada agora em depósito de material de laboratório, viria a ser destruída por violento incêndio ca. 1990, o qual atingiu toda a ala sul (fachada principal) do edifício; as obras de restauro têm-se processado com irritante lentidão.

^{85a} Pelo menos a Faculdade de Medicina terá tido a prática inicial do uso de casaca pelos doutorandos; mas esse uso não terá ultrapassado os meados de Novecentos, contrariamente à UL e à UTL, como veremos.

⁸⁶ Excepções terão sido os três doutoramentos femininos ocorridos na década de 40: Leopoldina Ferreira Paulo, Judite Santos Pereira (Ciências / *Biologia* e *Geologia*, respectivamente) e Maria Serpa dos Santos (Farmácia). Pelo menos a primeira apresentou-se em traje de passivo (veja-se a fotografia publicada por SANTOS [56], p. 46 e SANTOS [57], p. 256). Note-se que Leopoldina Paulo e Judite Pereira tiveram solene imposição de insígnias em 1945, em acto que abrangeu ainda os também recentes doutores Arnaldo Deodato da Fonseca Roseira (Ciências/*Botânica*), Jayme Eduardo Rios de Souza (Ciências/*Matemática*), Joaquim Augusto Ribeiro Sarmento (*Eng.ª Civil*), Joaquim Rodrigues dos Santos, Jr. (Ciências/*Biologia*) e José Ramos Bandeira (Farmácia) (cf. SANTOS [57], p. 210; de Leopoldina Paulo veja-se a fotografia em hábito talar com insígnias patente em SANTOS [56], p. 45 e SANTOS [57], p. 258; pelo que é de concluir que na UP terá havido, nos anos 40, um primeiro ensaio de versão feminina do hábito talar [cf. também *supra*, n. 41]).

⁸⁷ Que na UC é uma simples fala ritual, em Latim, surge na UP como a intervenção do laureado, em lugar da inexistente petição inicial em «breve e elegante oração».

tudo pontuado, também aqui, por intervenções do Orfeão Universitário do Porto⁸⁸. As insígnias terão sido, provavelmente desde o início - os doutoramentos h.c. de 3 oficiais-gerais *aliados* (1921)⁸⁹ -, a *borla e capelo*.

Em contrapartida, a posse de um Reitor sempre foi acto despido de qualquer cerimonial de trajes ou de *Sala Grande*. Até aos anos 70 decorreu pura e simplesmente no gabinete reitoral, perante o *Secretário-Geral* da Universidade (hoje *Administrador*). Na década de 80, e com a pontual presença do Ministro da Educação⁹⁰, passou a ter lugar no auditório da Reitoria, desde os anos 70 localizada no edifício do antigo quartel do *Centro de Instrução de Condução Auto do Porto* (CICAP), à Rua D. Manuel II.

Uma palavra sobre vestes e insígnias. Traje de todos os tipos de lentes («proprietários», «substitutos» e «demonstradores») da Escola Médico-Cirúrgica e da Academia Politécnica, como vimos, a *beca* tornou-se exclusiva dos *professores catedráticos*, nova designação (embora com antecedentes) dos Mestres hierarquicamente cimeiros. Complementarmente à beca, estaria a *medalha* pendente de fita na cor da Faculdade; correspondente à cátedra e, como tal, não propriedade do lente, o reverso ostentaria um número de ordem e a peça seria devolvida à Escola quando aquele se jubilasse, para ulterior entrega ao novo ocupante da vaga⁹¹. Mas o uso da medalha foi-se sempre pautando pela escassa assiduidade: numa sessão solene realizada poucos meses antes do 25 de Abril quase só os Directores de Faculdade as ostentavam.

E que medalhas? Tratava-se essencialmente de versões de medalhas das Escolas de Oitocentos:

I. A Academia Politécnica teve como símbolo, desde 1881/82, um selo ovalado com uma iconografia respeitante às matérias professadas: uma caravela, um farol e uma âncora representando a *Náutica*; o sol (rosto) reportando-se à *Astronomia*; uma lente, para a *Física*; e uma série de motivos vegetais, relativamente à *Botânica*; no exterior, a divisa «VIRTUS UNITA FORTIUS AGIT» («A força [energia solar] unida actua mais fortemente»)⁹². Este selo foi adoptado pela

⁸⁸ Único coro universitário até 1966, data da fundação do Coral de Letras da UP.

⁸⁹ Cf. supra, n. 54.

⁹⁰ V.g. na posse de Luís A. de Oliveira Ramos, primeiro Reitor eleito, em Abr.82. À data, o ministro era Vítor Crespo.

⁹¹ Esta regra foi muito frequentemente infringida, e numerosas foram as medalhas que ficaram para sempre na posse dos lentes e, postumamente, dos familiares. Terá sido a Fac. Eng.^a aquela onde mais regularmente a norma se praticou (cf. supra, as observações da n. 28, a propósito do *visual* dos retratos reitorais). Actualmente, o decano do Departamento de Eng.^a *Metalúrgica*, Doutor Horácio Maia e Costa (Vice-Reitor no mandato de Armando Campos e Matos, 1978-1981), é o detentor da última medalha numerada.

⁹² SANTOS [57], p. 413.

Faculdade de Engenharia a partir de 1926 (abandonando-se o efêmero símbolo da Fac. Técnica, 1915 ss.). Ciências prolongou, com adaptações (1918), o emblema da Politécnica: a divisa latina passa para o interior, enquanto no rebordo exterior se identifica a Escola («Faculdade de Ciências do Porto»), acrescentando-se as datas de 1762 (criação da *Aula de Náutica*) e de 1911 (fundação da UP)⁹³.

II. Uma outra adaptação do símbolo da Politécnica esteve no «Emblema esfragístico da Universidade» (1925-1937), da autoria de Eduardo Lopes (Secretário-Geral da UP) e Cípriano de Oliveira e Silva (2.º oficial). Cedo considerado «*inestético e incongruente*», seria substituído, em 1940, pela medalha concebida para o Centenário da Academia Politécnica (1937)⁹⁴, com algumas modificações.

III. Este último símbolo, da autoria do escultor JOÃO DA SILVA, ostenta no anverso «*a figura de Minerva, sentada com um livro aberto na mão esquerda, e um facho aceso na mão direita, símbolos, respectivamente, da sabedoria e do conhecimento. Tem a seus pés o brasão da cidade anterior a 1940*»⁹⁵. No rebordo exterior, a inscrição «PORTUCALENSIS UNIVERSITAS».

IV. Quanto às cores da fita de onde penderia a medalha, seriam as seguintes: Ciências - azul-claro; Medicina - amarelo; Engenharia - tijolo; Farmácia - roxo; e, posteriormente: Economia - vermelho e branco; Letras - azul-escuro; Psicologia e Ciências da Educação - laranja; Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar - amarelo e azul-claro; Ciências do Desporto e da Educação Física - verde-claro; Medicina Dentária - amarelo e branco; Arquitectura - branco; Direito - vermelho-sangue; Nutricionismo: amarelo e verde.

Os doutorandos e, em caso de sequência de carreira, os 1.ºs assistentes e os professores extraordinários usavam, como já se disse, o *hábito talar* coimbrão.

No meio de tudo isto, de *insígnia doutoral* pouco havia. Ainda assim, a proveniência coimbrã, à partida, de uns tantos lentes - v.g., na conjuntura fundacional, o primeiro Reitor, Francisco Gomes Teixeira - e a ulterior (1930) definição legal das insígnias da UC como *nacionais*, embora de uso facultativo⁹⁶, terão levado à sobrevivência da *borla e capelo* no *Studium Generale da Invicta*, já para doutoramentos h.c., já em pontuais investidas de novos doutores. Cândido Santos dá notícia de três actos desta natureza, entre 1929 e 1945:

⁹³ SANTOS [57], pp. 413-414.

⁹⁴ SANTOS [57], pp. 414-415. O «Emblema esfragístico» está também reproduzido na capa e no frontispício de *Pôrto* [45].

⁹⁵ SANTOS [57], p. 415. Dispensa-se a descrição do reverso, já que não passou para a actual medalha doutoral da UP.

⁹⁶ Cf. *infra*, n. 115, bem como as referências no documento transcrito em *Apêndice*. Acresce o testemunho oral do Doutor Joaquim Sarmento, de existência na Reitoria, durante bastante tempo, de uma *borla e capelo* por Faculdade, para utilização em cerimónias como as mencionadas.

- i. 1929 - os novos drs. investidos foram Fernão Couceiro da Costa (Ciências/*Matemática*), Manuel Joaquim Ferreira (Medicina) e Armando Laroze Rocha (Farmácia);
- ii. 1930 - o *neófito* foi George Agostinho Baptista da Silva (Letras/*Filologia Clássica*)⁹⁷;
- iii. 1945 - receberam insígnias neste ano, como já se disse⁹⁸, Leopoldina Paulo, Judite Pereira, Arnaldo Roseira, Jayme Rios de Souza, J. R. Santos Júnior, Joaquim Sarmento e José Ramos Bandeira⁹⁹.

Nos anos 70 e 80, os Reitores Armando Campos e Matos e Luís de Oliveira Ramos visaram transformar a medalha da Academia Politécnica, com pequenas adaptações, em insígnia doutoral, a receber pelos novos doutores após as provas. E para tanto se mandaram cunhar numerosos exemplares da *esfrágide*. A intenção era óptima. Mas, como sói dizer nosso Povo em casos tais, «foi pior a emenda que o soneto»: porquanto, o gravador grafou nas medalhas de tal emissão a divisa da UP como «VIRTUS UNITA PORTIUS [*sic*] AGIT»¹⁰⁰! Daí que muitos lentes nunca tenham querido usar tal peça, substituída entretanto, nos anos 90, pela medalha com o que é o símbolo da UP desde os anos 30, e de que já se falou¹⁰¹.

A finalizar o percurso pela UP, consignem-se algumas notas sobre a evolução ao longo do último quarto de século:

I. As *soluções de continuidade* dos anos 60-70 fizeram perder memória de muita coisa. Para além de os escassos actos de provas públicas realizados entre Abril de 1974 e finais de 1976 terem predominantemente decorrido com júris e candidatos em «traje de passeio», o facto é que se perdeu a noção de *hábito talar professoral*. Julgo que 80% - se não mais - dos membros da comunidade universitária crê tratar-se do traje estudantil. E assim *neo-trajados*¹⁰² se têm visto

⁹⁷ É evidente que se torna difícil imaginar o 'heterodoxo' Agostinho da Silva da maturidade e da velhice a passar por um cerimonial destes. A primeira FL/UP apenas produziu mais um doutoramento: o de António Salgado Jr. (*Filologia Românica*), depois um distinto professor liceal.

⁹⁸ Cf. *supra*, n.⁸⁶.

⁹⁹ SANTOS [57], p. 210, com fotografia do acto de 1929; v. também *supra*, n. ⁴¹. Note-se que há fotografias de A. A. Mendes Corrêa (anos 40 ?) e de António Cruz (anos 60) de *borla e capelo* sobre a beca; mas aparentemente esta *combinatória* não se consagrou. Note-se também que alguns actuais lentes de Letras/*História* e, pelo menos, um de Ciências são possuidores de *borla e capelo*; mas não têm usado tal insígnia em cerimónias da UP.

¹⁰⁰ Terá porventura pensado que o vocábulo tinha a ver com a Cidade ?...

¹⁰¹ Uma questão permanece, entretanto, sem resposta: *medalha dos drs. pela UP ou medalha dos professores da UP* ? A questão não é propriamente *menor*, numa altura em que começam a proliferar, como drs. pela UP, investigadores estrangeiros ou docentes de outros subsectores do Ensino Superior nacional. Note-se ainda que diversos lentes que, nos anos 80, receberam a *medalha da gralha* a continuam a usar: até pela *singularidade esfrágistica*...

¹⁰² Note-se que alguns se limitam a colocar uma capa estudantil por cima de um fato escuro.

muitos doutorandos - incluindo as senhoras com saia-casaco em vez de batina -, bem como doutores recentes em cerimónias solenes.

II. As Faculdades mais antigas (Ciências, Medicina, Engenharia, Farmácia) têm mantido a beca como exclusivo dos professores catedráticos; o que, naturalmente, favorece as situações descritas no tópico anterior.

III. Para além do uso de trajes doutorais de U's de outros países, saliente-se que Escolas mais jovens (Economia, Letras, Arquitectura...) têm estendido o uso da beca a todos os docentes doutorados, sem distinções quanto ao uso ou não de alamares, por exemplo. Inclusivamente, Economia e Arquitectura elaboraram versões próprias deste traje (em Arquitectura segundo *design* de FERNANDO TÁVORA [1923-2005]), eliminando faixa de cintura e alamares; para além de, no caso de Arquitectura, se inserirem alguns detalhes cromáticos no revestimento interior das mangas¹⁰³.

IV. A desmemória do *hábito talar* igualmente se tem feito sentir nos doutoramentos h.c. Alguns doutorandos estrangeiros apresentam-se com o seu traje de origem, ao qual sobrepõem, ainda hoje, a *borla* e *capelo*: o que poderá originar curiosos efeitos cromáticos¹⁰⁴.

V. Estas cerimónias não raro se têm pautado - mormente no reitorado de Alberto Amaral (1985-1998) - por um completo *caos protocolar*. O *maximum* terá sido atingido no doutoramento h.c. de Mário Soares por Letras (Jun.90)¹⁰⁵; mas o de Júlio Ferry Borges por Engenharia (Mai.91) não ficou muito atrás - alguém concebe que se coloque um capelo sobre um fato escuro?! Pois foi isso mesmo o que aconteceu nas duas ocasiões...¹⁰⁶ Mais recentemente o disparate tem-se atenuado, com os doutorandos envergando uma capa (normalmente estudantil) sobre «traje de passeio» (sem esquecer os casos de continuidade da utilização do traje universitário de origem).

VI. Parecendo o cerimonial dos doutoramentos h.c. portuenses decalcado no da ALMA MATER da Universidade portuguesa, uma especificidade, no entanto, se tem consagrado: quando os doutorandos são vários o cerimonial repete-se, verbo a verbo, gesto a gesto, para cada um, como se de actos independentes se tratasse. Assim, e para citar um exemplo recente, se os doutorandos forem 3 (v.g. Xanana Gusmão, D. Carlos Ximenes Belo e José Ramos-Horta¹⁰⁷, Out.2000) os oradores (e respectivos discursos de elogio) serão 6 (3 por doutorando + 3 por padrinho). Todos os novos doutores proferem no final o seu agradecimento (embora, pontualmente, já tenha acontecido um fazê-lo em nome de todos)¹⁰⁸.

¹⁰³ Em contrapartida, em Escolas velhas ou novas quase desapareceu o chapéu; apenas alguns lentes mais antigos o possuem, mas raramente o usam em público.

¹⁰⁴ V.g. Jean Delumeau, dr. h.c. por Letras (Jan.84), com insígnias em azul escuro sobre a toga amarela da Sorbonne...

¹⁰⁵ Cf. «Doutoramento» [15].

¹⁰⁶ Aponte-se como excepção o doutoramento h.c. de Victor Sá Machado por Medicina (Jul.87) (cf. *Doutoramento* [16a]): produto da Fac. Direito da UC - onde teria ingressado como assistente de Ferrer Correia, não fora o veto da PIDE -, o malgrado Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian (m. 2002) apresentou-se efectivamente de *hábito talar*.

¹⁰⁷ Os padrinhos foram, respectivamente, António Guterres, D. José Policarpo e José Manuel Durão Barroso.

¹⁰⁸ D. Ximenes Belo, em seu nome, de Xanana Gusmão e de Ramos-Horta (Out.2000).

O que alonga, e não pouco, o acto¹⁰⁹.

VII. O fundo musical tem-se diversificado nos actos solenes da UP dos anos 80 para cá: o ‘monopólio’ do Orfeão Universitário desfez-se, e têm também actualdo o Coral de Letras da UP, bem como o Grupo de Metais do Porto e outras formações corais ou de câmara¹¹⁰.

VIII. Apesar da ‘idiossincrasia’ algo *iconoclasta* do prelado, das situações de *caos protocolar* e de outras insólitas ocorrências em actos solenes, o reitorado de Alberto Amaral trouxe duas inovações significativas: a já referida adaptação do selo da UP (1940) a medalha doutoral (ca. 1994); e a criação de uma medalha reitoral: nela se atenua a circularidade da peça, de perfil mais curvilinearmente alongado; em fundo de esmalte branco, a figura de Minerva e o rebordo exterior são em metal dourado; e a expressão «PORTUGALENSIS UNIVERSITAS» sobressai em letras douradas sobre fundo azul-escuro; tudo pendente de uma fita com a cor da UP: *rosa-claro*¹¹¹; se a tudo isto somarmos as dignas comemorações do 75.º aniversário da UP (1986/87), quase será caso para dizer: «Alberto, volta, estás perdoado!».

Saliente-se, a encerrar, que no momento em que este texto é redigido está em estudo um «traje doutoral» para a UP, o qual seria usado pelos lentes não catedráticos e pelos doutores não pertencentes ao *clausuro*; os lentes no topo da carreira conservariam a beca. Aguardemos o resultado dos estudos actualmente em curso^{111a}.

* * *

b) O panorama da UL apresenta diversos pontos de contraste. E desde logo pela maior dispersão das Faculdades no tecido urbano: apesar da relativa constituição de um *pólo* no Campo de Santana e imediações (Reitoria, Faculdades de Medicina e de Direito), a verdade é que Ciências (à R. da Escola Politécnica, primitiva designação da Escola, como é sabido), Letras (nos *baixos* da Academia das Ciências)¹¹² e Farmácia (num palacete à Av. 28 de Maio, hoje *das Forças Armadas*) estavam longe. Não quer dizer que a Reitoria e o Senado não encarassem a questão. Há referências a resoluções do segundo daqueles órgãos (1915, 1925 e 1926) visando a adopção da beca da Faculdade de

¹⁰⁹ Como é sabido, na UC, seja o doutorando somente 1, sejam 9 (como, por exemplo, numa cerimónia da Fac. Ciências em Abr.91), os oradores serão sempre, e tão somente, 2: um elogiando o(s) doutorando(s), outro o(s) representante(s).

¹¹⁰ Mormente, neste último caso, na Fac. Medicina, porventura a mais *cerimonial* das Escolas portuenses.

¹¹¹ Veja-se a reprodução patente em SANTOS [57], pp. 188-189; muito recentemente (2004), o *ouro-velho* substituiu o *rosa* como cor da UP.

^{111a} V. *infra*, pp. 97-98, o «Posfácio» do Reitor José Novais BARBOSA.

¹¹² De onde a conhecida *boutade*, atribuída a Manuel Rodrigues Lapa (1897-1989), de se tratar da única Escola do Mundo «onde se entrava a descer»...

Medicina como traje de toda a UL¹¹³. Mas nada se concretizou. Razões?

I. A origem coimbrã de muitos lentes levava à continuidade do uso, agora em Lisboa, do *hábito talar* com *borla* e *capelo*; particularmente em Direito, Escola largamente construída a partir de transferências da ALMA MATER¹¹⁴; e não se esqueça que em finais dos anos 20 o «Estatuto da Instrução Universitária», de 2 de Agosto de 1930, confere carácter *nacional* às insígnias doutorais «actualmente usadas pela Universidade de Coimbra»¹¹⁵.

II. A dispersão dos edifícios e a inexistência de algo de semelhante a uma *Sala de Actos* tornava irregular a realização de grandes concentrações de lentes das diferentes Escolas (v.g. a abertura anual das aulas)¹¹⁶. Consequentemente, minuada tenderia a ser a *consciência corporativa* da UL.

Coloquemo-nos agora em 1960. Pelo País preparam-se as comemorações henriquinas. É Reitor da UL - que no ano seguinte comemorará o cinquentenário - Marcello Caetano (1906-1980), ao tempo politicamente em «travessia do deserto»: após vários anos de Presidência da Câmara Corporativa (1949-1955) e de funções governativas como ministro da Presidência (1955-1958), regressara à vida universitária e à actividade de juriconsulto. A sua saída do Executivo após as *presidenciais* de 1958 consolidara-lhe a imagem de *liberal* do Regime, para além da de potencial *delfim* de Salazar. Como escreve A. H. de Oliveira Marques: «(...) *era um dos poucos membros do regime por quem se tinha consideração intelectual. Era um grande historiador, um grande professor de Direito, reconhecido por gregos e troianos. Nunca encontrei ninguém, mesmo na extrema esquerda política, que contestasse o valor intelectual e a categoria intelectual de Marcelo Caetano. Era daquelas pessoas respeitadas por todos. Orgulhávamo-nos disso. Não tínhamos tido muitos reitores na Universidade de Lisboa da craveira do Marcelo Caetano. (...) E, por outro lado, tentou reivindicar para Lisboa aquilo que, desde o final da 1.^a República, não se defendia: que*

¹¹³ Cf. «Novo» [41], p. 165. Veja-se o documento transcrito em *anexo*.

¹¹⁴ Cf., e tão-somente para os lentes de *Ciências Histórico-Jurídicas*, NOGUEIRA [40]; GOMES [25], *passim*, dá-nos algumas das datas em que diversos lentes de Direito (v.g. Abel de Andrade, Afonso Costa, Alberto dos Rocha Saraiva, António Carneiro Pacheco, Artur de Miranda Montenegro, Domingos Fezas Vital, Fernando Emygdio da Silva, João Tello de Magalhães Colaço, Joaquim Pedro Martins, José Caeiro da Matta, José Caetano Lobo d'Ávila Lima, José Gabriel Pinto Coelho, Manoel Paulo Merêa, Manuel Rodrigues Jr., Ruy Ennes Ulrich, etc.) se transferiram para a Capital. Só a partir dos anos 20 a FD/UL terá lentes formados por ela desde a licenciatura (Armando Monteiro e Marcello Caetano serão os primeiros).

¹¹⁵ Art. 91.º: «*Os trajes professorais serão determinados, dentro de cada Universidade, pelo respectivo Senado e as insígnias doutorais serão as actualmente usadas pela Universidade de Coimbra, sendo o seu uso facultativo*» (publ.: RODRIGUES [52a], p. 424). Esta norma constava já de anteriores diplomas congêneres, sendo o primeiro promulgado por um dos Executivos sidonistas.

¹¹⁶ FERNANDES [22].

a Universidade de Lisboa era tão importante como a Universidade de Coimbra. (...) A preocupação do Estado Novo foi sempre conferir a Coimbra um lugar de primazia, uma espécie de arqui-episcopado perante as universidades portuguesas. E Marcelo Caetano tentou exactamente o contrário: pôr Lisboa a par de Coimbra. E quem viveu na época aceitou isso de muito bom grado (...). Porque se considerava Coimbra um modelo de reaccionarismo, uma universidade encostada ao Poder»¹¹⁷.

É num tal quadro que volvemos às comemorações henriquinas e à questão da veste dos lentes.

Em termos gerais é conhecido o incidente que no ano em causa opôs os Senados universitários de Lisboa (Reitor Marcello Caetano) e de Coimbra (Vice-Reitor em exercício José Carlos Moreira). A querela teve origem no intuito de a UL comemorar também o V Centenário da morte do Infante D. Henrique, «Protector» do *Estudo Geral* no século XV - quando a sede estava na Capital -, com uma missa de sufrágio no dia 25 de Março (Dia da Anunciação); assim se cumpriria no século XX uma determinação do próprio Infante em 1431, em sequência a uma doação de casas na freguesia de S. Tomé. Era a maneira de reivindicar para a UL a herança do «protectorado» henriquino e, mais longe, do acto fundacional dionisino (ambos em Lisboa). Era justamente a questão da mais importante (e mais antiga) Universidade portuguesa¹¹⁸. A sequente troca de correspondência entre as duas Reitorias foi extensa e quase áspera¹¹⁹. Salazar, porventura *malgré lui*, acabou por intervir na questão - a favor de Coimbra; o que, segundo testemunhos vários, levou a que Marcello Caetano passasse a comentar mordazmente nas aulas que a *querela da antiguidade* fora resolvida «por decreto»...

Será na mesma linha de ideias que deveremos encarar a reforma da veste professoral empreendida pelo então Reitor da UL¹²⁰, no sentido

¹¹⁷ A. H. de Oliveira Marques [1], pp. 67-68.

¹¹⁸ Até porque não tem sido fácil para os historiadores a caracterização da reforma joanina de 1537: transferência, como normalmente se diz? extinção de uma Universidade e criação de outra? Creio bem que o problema é praticamente inesclarecível em termos factuais e que a querela da mais antiga Universidade do nosso País - que, larvarmente embora, subsiste - é algo de meta-histórico e o seu aclarar uma quase impossibilidade historiográfica.

¹¹⁹ Veja-se a documentação publicada no *Boletim Trimestral da Universidade de Lisboa* (1960, 2.º trimestre), pp. 153-183.

¹²⁰ Cf. *infra*, documento transcrito em *anexo*. A medalha doutoral da UL (e não medalha dos professores catedráticos, como afirma GRILO [26], p. 397, legenda da fig. 11) inspira-se no selo criado em 1914 por RAUL LINO; ostenta a divisa «AD LVCEM», e tem por motivo central uma nau, qual aproximação à Heráldica da Capital (cf. GRILO [26], *maxime* pp. 398 ss.).

de, concretizando decisões do Senado remontantes à 1.^a República, generalizar o uso da beca da Faculdade de Medicina. O Senado da UL aprovou a reforma em reunião de 20 de Janeiro de 1960^{120a}. A abertura das aulas em 1960/61 terá constituído a primeira apresentação pública do traje com as adaptações efectuadas; enquanto no ano subsequente, inaugurando-se a actual Reitoria, a respectiva Aula Magna terá assistido ao primeiro *funcionar como um todo*¹²¹ do *Estudo Geral* lisiponense¹²².

Reforma conseguida, a de Marcello Caetano? *À la longue* sim; no imediato nem tanto. Porquê?

Em algumas Faculdades a tradição da *borla* e *capelo* estava bem enraizada. Direito seria o caso mais marcante, em função da proveniência coimbrã de numerosos lentes¹²³; e ainda em 1955 houvera uma última transferência, a de João Pinto da Costa Leite (Lumbrales) [1905-1975], após mais de 20 anos de exercício de funções governativas¹²⁴. E mesmo lentes doutorados pela Casa a partir dos anos 30 possuíram/possuem as insígnias de referência coimbrã: v.g. o próprio Marcello Caetano, Adelino da Palma Carlos, Inocêncio Galvão Telles, Isabel Magalhães Colaço, Pedro Soares Martínez...

Em Letras o panorama era algo diferente: prolongando, porventura, práticas do Curso Superior de Letras, a Escola não terá tido no início grande cerimonial de trajes, mesmo apesar da presença, também aqui, de lentes doutorados por Coimbra (v.g. José Maria Rodrigues, Teófilo Braga ou José Joaquim de Oliveira Guimarães; ou ainda, muito mais

^{120a} *Boletim trimestral da Universidade de Lisboa* (1960, 1.º trimestre), pp. 15-16. Significativamente, votou *contra* o Director da Fac. Direito, Inocêncio Galvão Telles, e somente ele.

¹²¹ Testemunho de Marcello Caetano em carta a Maria Helena Prieto, datada de 8 de Outubro de 1978, transcrita em PRIETO [47], pp. 207-208: «*No meio do trabalho ouço música. E ontem a rádio deu a certa altura a marcha [«de Pompa e Circunstância»] do Elgar ao som da qual, na cerimónia da inauguração da Reitoria, o cortejo universitário deu entrada na aula magna perante o ahhh ! admirativo do público. Lá cá eu na recordação desse dia, tão feliz para mim (...). O dia em que dei corpo e alma a uma coisa informe que só na lei se chamava 'Universidade de Lisboa'. (...) o esforço que fiz para dar unidade e consciência à minha Universidade e essa hora em que na mais bela sala de Portugal fiz cantar o hino tradicional e universal que só nas escolas portuguesa era ignorado - o Gaudeamus Igitur -, ah, isso valeu anos de vida e a sua lembrança enche-me agora, na velhice e no exílio, o coração de confortante alegria».*

¹²² Cf. a fotografia patente em COELHO e COELHO [8], p. 100; da esquerda para a direita podem ver-se: Eduardo Coelho, da Fac. Medicina, proferindo a *oração de sapiência*; Manuel Lopes de Almeida, ministro da Educação; Américo Thomaz, Presidente da República; Marcello Caetano; e Carlos Eduardo de Soveral, subsecretário de Estado da Educação.

¹²³ Cf. *supra*, n. ¹¹⁴. Também em Ciências e Medicina houve alguns lentes de origem coimbrã; pense-se tão-somente, na segunda destas Escolas, no ulterior Prémio Nobel António Caetano de Abreu Freire [Egas Moniz] (1874-1955).

¹²⁴ Cf. os textos biográficos inseridos em *Estudos* [21].

tarde, Joaquim Veríssimo Serrão); tenho notícia indirecta de actos académicos dos anos 30 realizados com júri e candidato em *traje de passeio*; e ainda em 1942 e 1944, respectivamente, os doutoramentos de António José Saraiva (1917-1993) e de André Crabbé Rocha (1917-2003) se processaram nessas condições¹²⁵. E no entanto, também a *borla* e *capelo* tinham alguma tradição nesta Faculdade, até em lentes formados e doutorados por Escolas outras que não Coimbra: Hernâni Cidade (1887-1975) e Vitorino Nemésio (1901-1978) possuíram tais insígnias¹²⁶; nos anos 50 (pelo menos) os doutorandos terão começado a prestar provas em *hábito talar*¹²⁷: v.g. Maria de Lourdes Belchior (1925-1998), José António Ferreira de Almeida (1913-1981), Justino Mendes de Almeida, A. H. de Oliveira Marques, D. Fernando de Almeida (1903-1979), Jorge Borges de Macedo (1921-1996), Eduardo Borges Nunes... Para além do que, nesta Casa e noutras muitos recém-doutores passaram num dado momento (1960) a receber a borla e o anel doutoral das mãos do Reitor na abertura do ano lectivo subsequente às provas; e este facto prolongou-se até 1965, no reitorado de Paulo Cunha (1908-1986), sucessor de Marcello Caetano. E assim tiveram (por circunstancial empréstimo) ou têm *borla* e *capelo* lentes como, pelo menos, os cinco últimos mencionados linhas atrás, acrescidos, por exemplo, de Francisco da Gama Caeiro (1927-1994). Mais: no reitorado de Joaquim Veríssimo Serrão (1973-1974) houve cinco doutoramentos h.c. (Jan.74)¹²⁸ em que os doutorandos (Marcel Bataillon, Pierre Birot, Dâmaso Alonso, Erwin Rosenthal e José de Azeredo Perdigão) receberam a insígnia tradicional¹²⁹.

¹²⁵ *Fontes*: para António José Saraiva uma fotografia publicada no *JL. jornal de letras, artes e ideias* por altura da sua morte; para André Crabbé Rocha o testemunho da Doutora Isabel Magalhães Colaço, que assistiu pessoalmente às provas.

¹²⁶ De Hernâni Cidade conheço inclusivamente uma foto publicada há anos em *Colóquio/Letras* (revista de que foi o primeiro Director), em que enverga capelo sobre beca. E no entanto este lente estava jubilado desde 1957, bem antes, portanto, da reforma de Marcello Caetano.

¹²⁷ E eventualmente em *casaca*, que era sobretudo tradição nas Faculdades de Direito (e ainda em 1978, 1984 e 2000, respectivamente, os doutorandos Jorge Miranda, Marcelo Rebelo de Sousa e Pedro Barbas Homem assim se apresentaram; do segundo veja-se a fotografia publicada em SOUSA [61], p. 517) e de Medicina (testemunho do Doutor José M. Toscano Rico, dr. em 1969), bem como no ISCEF/UTL (veja-se Francisco Pereira de Moura, dr. em 1961) e no ISCSF/UTL, que ainda hoje mantém essa prática (v.g. Ramiro Ladeiro Monteiro, dr. em 1994).

¹²⁸ Acrescidos de mais dois (Pierre Jourda e Carlos Estermann), cujos laureados não puderam então deslocar-se a Lisboa, recebendo as insígnias meses mais tarde, em Montpellier e Sá da Bandeira, respectivamente.

¹²⁹ Recordo imagens surgidas ao tempo na Comunicação Social escrita, com natural destaque para a figura de Azeredo Perdigão. Sobre o assunto cf. SERRÃO [58], pp. 60-61 e *Sete doutoramentos* [60a]. Note-se que a UL (bem como, hoje, a UNL) tem um cerimonial de doutoramentos h.c. algo contrastante com os da UP e da UC: é o apresentante que faz o elogio do doutorando; o número de discursos é assim igual ao dos laureados. Na cerimónia de Jan.74 foram apresentantes (logo, oradores) Vitorino Nemésio (1901-1978), Orlando Ribeiro (1911-1997), Jacinto do Prado-Coelho (1921-1984), António Augusto Gonçalves Rodrigues (1907-2001) e Jorge Borges de Macedo (1921-1996).

Tudo tende a modificar-se a partir dos anos 70. Salvo no caso da Faculdade de Direito, o *hábito talar* cai em desuso. Os doutorandos apresentam-se em *traje de passeio* e, em caso de sequência de carreira, usam a beca logo como professores auxiliares (ficam para os catedráticos os alamares do peito, tal como na regulamentação de Marcello Caetano). Caído, outrora, em relativo desuso, o chapéu troncónico tem vindo a reaparecer¹³⁰.

Caso à parte é, como já disse, a Faculdade de Direito. No termo de uma cerimónia realizada em 1996, os lentes em funções posaram para um retrato de conjunto a óleo (Autor: Luís Guimarães)¹³¹. O resultado final tem uma componente de pose *espontânea*, sem retoques e sem *formalismo* outro que não o da disposição dos lentes em duas filas, segundo a antiguidade¹³², e outra de *arte urbana primitiva*¹³³; mas é também um preciosíssimo *documento*: sentados a uma longa mesa estão os catedráticos, ao centro os mais antigos (Pedro Soares Martínez, José Dias Marques, Isabel Magalhães Colaço [1926-2004]), nos extremos os mais recentes (Jorge Miranda, Marcelo Rebelo de Sousa); de pé, em segunda fila, os professores associados e auxiliares, também hierarquizados do centro para a periferia. No conjunto, tanto temos lentes em *hábito talar* simples (v.g. António Sousa Franco [1942-2004], Eduardo Paz Ferreira e Teresa Pizarro Beleza), como em *hábito talar* com *borla e capelo* (Isabel Magalhães Colaço, José Dias Marques [1925-2005], José de Oliveira Ascensão, Ruy de Albuquerque, Paulo Pitta e Cunha, Jorge Miranda, Fausto de Quadros, José Manuel Sérvulo Correia, Carlos Pamplona Côrte-Real, António Menezes Cordeiro e Miguel Teixeira de Sousa), como em *hábito talar* com medalha (v.g. Pedro Soares Martínez, Carlos Ferreira de Almeida, António Marques dos Santos [m. 2003], Paulo Otero, Pedro Romano Martínez, Fernanda Palma, José Luís Saldanha Sanches e José Artur Duarte Nogueira); mas também há lentes em beca, quer simples (Diogo Freitas do Amaral), quer com medalha (Martim de Albuquerque, Marcelo Rebelo de Sousa, João Caupers e José Lebre de

¹³⁰ A maior parte destas modificações abrange também a UNL.

¹³¹ No conjunto creio que apenas falta André Gonçalves Pereira.

¹³² Com efeito, há neste quadro pormenores de informalidade que *Medina* algum registaria: no lado esquerdo da segunda fila vemos um lente (José Lebre de Freitas) cofiando a barba, outro apoiando a mão no ombro do Colega à sua direita e um terceiro apoiando a mão nas costas da cadeira à sua frente (onde se senta Jorge Miranda); no lado direito da mesma fila, vemos que a medalha doutoral de um lente (Pedro Romano Martínez) está semi-coberta pelo cordão da capa e que o cabelo de outra (Fernanda Palma) parecer ter apanhado vento... Note-se que no momento da correcção das 1^{as} provas tipográficas (Agosto de 2005), e para além de 4 falecimentos, 4 lentes da 2^a fila atingiram a cátedra (António Menezes Cordeiro, Fausto de Quadros, Miguel Teixeira de Sousa, Paulo Otero), havendo ainda a considerar 5 transferências para a Fac. Direito da UNL (Carlos Ferreira de Almeida, Diogo Freitas do Amaral, João Caupers, José Lebre de Freitas e Teresa Pizarro Beleza)

¹³³ Outrora designada como *art naïf*.

Freitas); acrescem dois drs. pela U. Católica, com a respectiva veste doutoral (Vasco Pereira da Silva e Maria da Glória Dias Garcia). Ou seja, e como refere Martim de Albuquerque¹³⁴: surgem aqui todas as hipóteses e combinatórias possíveis. A maioria possui *borla e capelo* (embora só 10 em 31 assim apareçam no retrato de grupo; motivo: a reconhecida *incomodidade* de que o seu envergar pode revestir-se) e assim se apresentará no dia em que, após a jubilação, posar para o pintor que, com mais um rosto, vá enriquecer a já *fabulosa* galeria de retratos de antigos lentes¹³⁵.

As especificidades da UL não deixaram de se reflectir nos retratos da galeria de antigos Reitores. Antes de mais, a galeria reitoral da UL é modesta: em vez de retratos a óleo temos uma simples sucessão de fotografias a preto e branco. Os retratados são 17, de Augusto José da Cunha (lente de Ciências, Reitor 1911-1913) a José Manuel Gião Toscano Rico (lente de Medicina, Reitor 1983-1986). Doze estão em *traje de passeio*, todos até 1974, com as excepções de Vítor Hugo Duarte de Lemos (lente de Ciências/*Matemática*, Reitor 1956-1959, retratado em *hábito talar* com *capelo* e colarinhos altos) e Joaquim Veríssimo Serrão (lente de Letras/*História*, Reitor 1973-1974, retratado em *hábito talar* sem insígnias); e ainda da fase *post-74* um Reitor nos surge à *futrica*: Ilídio Peres do Amaral (lente de Letras/*Geografia*, Reitor 1977-1979). Sobram 3, retratados como segue:

- i. Henrique Barahona Fernandes, lente de Medicina, Reitor 1974-1977: beca com medalha pendente de fita branca (cor da Reitoria) e uma condecoração;

¹³⁴ Incansável e inexcedível cicerone nas visitas que fiz à FD/UL. Note-se que este Mestre possui as insígnias da U. Complutense, onde se doutorou nos anos 70.

¹³⁵ Só uma escassa minoria, por razões pontuais, não está ainda retratada; mas espera a Escola colmatar as lacunas a curto prazo. Uma ironia do destino, entretanto: Marcello Caetano, que enquanto Reitor pretendeu generalizar a beca, foi recentemente (2004) retratado (por Luís Guimarães) em *hábito talar* com *borla e capelo*... Normas são normas, e a norma da Casa é mesmo esta... Outra ironia: uma *Fotobiografia* recente reproduz 7 fotografias em que Marcello Caetano nos surge em traje académico (cf. VIEIRA [66a], capa e pp. 30, 32-33, 44, 106-107, 110 e 111; não se consideraram as caricaturas e os doutoramentos h. c. em Espanha e no Brasil): em 6 casos o traje é o *hábito talar*, eventualmente com *borla e capelo*; em apenas um nos surge a *beca* com a medalha da UL (1960; pp. 106-107). O que suscita um questionamento a que só pesquisas mais longas permitirão resposta minimamente segura: até que ponto ficou de Marcello Caetano *memória imagética* ligada à reforma que implementou no traje da sua Universidade? Direi apenas que a partir de 1968 a ausência de vida universitária foi total; e que a partir de 1965 não houve (e até Janeiro de 1974) *actos solenes* na UL. Pelo que nos resta uma via de indagação: haverá, com abundância, fotografias de doutoramentos e concursos de provas públicas realizados na FD/UL entre 1962 e 1968? Lentes então graduados (v.g. André Gonçalves Pereira, José de Oliveira Ascensão, Nuno José Espinosa Gomes da Silva, Fernando Pessoa Jorge ou Diogo Freitas do Amaral, por exemplo) poderão dizer algo sobre o assunto.

- ii. Raul Miguel Rosado Fernandes, lente de Letras/*Filologia Clássica*, Reitor 1979-1983: beca com medalha pendente de fita branca;
- iii. e José Manuel Toscano Rico: beca com medalha pendente de fita na cor da Escola de origem; camisa de colarinhos altos com laço branco (na tradição da Escola Médico-Cirúrgica).

O que me leva a reafirmar o que atrás disse: a *reforma Marcello Caetano* deu no imediato resultados muito incompletos; mas triunfou a longo prazo^{135a}.

* * *

c) Para terminar o périplo pelas mais antigas Universidades portuguesas, atenhamo-nos agora à Técnica de Lisboa (UTL)¹³⁶. Fundada em 1930, vinha, também ela, *federar* uma série de Escolas preexistentes: Instituto Superior Técnico (IST), Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (ISCEF, vulgo «Económicas», actual Instituto Superior de Economia e Gestão [ISEG]), Instituto Superior de Agronomia (ISA) e Escola Superior de Medicina Veterinária (ESMV, hoje Faculdade de Medicina Veterinária [FMV]). A estas se juntarão: *circa* 1960, o então Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (ISEU, herdeiro da antiga Escola Superior Colonial), doravante Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina (ISCSPU, hoje Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas [ISCSP]); e, nos anos 80, a Faculdade de Arquitectura¹³⁷ e a Faculdade de Motricidade Humana (ex-Instituto Superior de Educação Física, que por seu turno, nos anos 70, sucedera ao Instituto Nacional de Educação Física [INEF]).

^{135a} Muito recentemente (2005/01/24), no reitorado de José Barata Moura, o Senado da UL renovou as disposições de 1960/01/20 numa deliberação que reproduz os desenhos de 45 anos antes; a única novidade (art. 2.º, alínea e)) consiste na criação, para os professores catedráticos, “de um capelo confeccionado em seda, forrado e debruado a galão de seda” e decorado com 8 rosáceas. Esta peça será na cor da Faculdade que atribuiu o grau de doutor, regulamentando-se no final da alínea 2 casos de unidades orgânicas relativamente recentes: Medicina Dentária (capelo amarelo, rosáceas brancas) e Instituto de Ciências Sociais (capelo azul-escuro, rosáceas azuis-claras). Ainda assim, e em “disposição transitória”, o art 5.º da *Deliberação* prevê que “o traje com capa e batina, bem como borla e capelo, que têm sido tradicionalmente usados por alguns professores designadamente no caso da Faculdade de Direito, poderão continuar a sê-lo nas cerimónias da Universidade” [cf. *Diário da República*, II série de 2004/04/26, pp. 6647-6648].

¹³⁶ V. por todos FERNANDES [22], MOREIRA [39], SERRÃO [59] e *Universidade* [64], p. 5 («Palavras de abertura», do Vice-Reitor em exercício da UTL, Moses AMZALAK).

¹³⁷ Saída da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (ESBAL); esta última integrar-se-á na UL pouco depois.

É em 1945 que pela primeira vez surge uma regulamentação do traje dos lentes das Escolas então integrantes da UTL: pela portaria n.º 11:170¹³⁸, de 17 de Novembro¹³⁹, estabelece-se como traje uma toga preta «confeccionada (...) em lã merino», com mangas «fornadas de seda branca». Complementarmente, um *épitoge* em lã, «orlado de pele de coelho branca ou de arminho» para o ISA, para o ISCEF e para o IST, e «de pele tinta de roxo» para a ESMV. As cores do *épitoge* seriam as seguintes: ISA: verde; ISCEF: vermelho; IST: azul; e ESMV: amarelo.

O desenho anexo à portaria previa ainda um chapéu de base redonda e de forma aproximadamente hemi-esférica. Foi autor do projecto deste traje o Eng. FREDERICO JORGE¹⁴⁰. Tal chapéu, bem como o modelo de *épitoge* previsto, caíram em desuso com o tempo, substituído o segundo por uma medalha da UTL¹⁴¹ pendente de *épitoge* em forma de colar com a cor da respectiva Escola, orlada de branco¹⁴². Actualmente, apenas apenas os lentes do ISA usam chapéu - «hexagonal, com seis gomos» -, encontrando-se em estudo a possibilidade da sua adopção pelas restantes Escolas¹⁴³.

Cerca de 1960, como se disse, a UTL vai incorporar o ISEU, doravante ISCSPU. Esta Escola, até então dependente do Ministério do Ultramar, possuía um traje próprio, aprovado por despacho de 6 de Janeiro de 1955¹⁴⁴. Em termos gerais, o traje teria as seguintes características¹⁴⁵:

* «Toga de popelina de lã preta (...); cabeção liso (...), com gola simples e banda do mesmo tecido; aberta à frente e abotoada com carcela até à cintura; na frente tem de cada lado do peito uma prega (...) voltada para fora; nas costas tem um macho central (...), o qual terá de cada lado duas pregas, cada uma das quais com um fundo igual a metade da largura do macho.

* Cada manga, em forma de sino, tem uma fundura a todo o comprimento (...), presa na altura do cotovelo com uma mosca.

¹³⁸ Ministro da Educação Nacional: José Caeiro da Matta.

¹³⁹ *Diário do Governo* (1945, 2.º semestre), p. 293.

¹⁴⁰ Informação do Escultor FERNANDO ALMEIDA.

¹⁴¹ Dourada para os professores catedráticos, prateada para os professores associados (testemunho do Doutor Nuno Valério).

¹⁴² Testemunho do Doutor Nuno Valério. A medalha da UTL tem como motivo central uma caravela, considerada como símbolo significativo da “Tecnologia Portuguesa”.

¹⁴³ Informações do Escultor FERNANDO ALMEIDA.

¹⁴⁴ Ministro do Ultramar: Manuel Maria Sarmiento Rodrigues.

¹⁴⁵ Eliminam-se as referências a dimensões expressas em centímetros, abundantes no texto legal.

* Sobre as costas do cabeção, e partindo dos ombros, repousa um triângulo do mesmo tecido da toga, rematado por uma estola que forma vértice nas costas à altura do cabeção; (...) a estola será de veludo vermelho-rubi, forrada de seda vermelha (...)».

Embora só mais tarde regulamentado, chegou a usar-se, complementarmente, um chapéu preto tipo *fez*, encimado por um cordão de serigaria vermelha, do qual pendia uma pequena borla da mesma cor¹⁴⁶. Saliente-se ainda que este traje sobreviveu no ISCSPU (depois ISCSP) após a integração na UTL. Muito recentemente, parece desenhar-se uma tendência para os mais jovens lentes da Escola adoptarem a toga genérica da sua Universidade¹⁴⁷.

¹⁴⁶ Tive oportunidade de fotografar um exemplar no *atelier* de M. GUILHEME ALMEIDA, à R. da Palma.

¹⁴⁷ Informação do Doutor Nuno Valério, verbalmente transmitida.

4. As “novas” Universidades (1973 ss.)

Centremo-nos agora nas novas Universidades públicas nascidas a partir dos alvares da década de 70, com ponto de partida no *reformismo* do ministro José Veiga Simão¹⁴⁸. Façamos a respectiva *ronda*, por ordem alfabética¹⁴⁹:

Universidade Aberta

Fundada em 1988, surgiu em sequência ao Instituto Português de Ensino à Distância (IPED), que vinha da década de 70. Foi seu primeiro Reitor Armando Rocha Trindade (1989-1994 e 1994-1998).

Sediada no Palácio Ceia e com centros de apoio pedagógico na Capital, em Coimbra e no Porto, a «Aberta» ministra ensino através do Canal 2 da RTP (com realce para as emissões matutinas ao sábado), sendo responsável por numerosas licenciaturas e mestrados em áreas múltiplas das Ciências Sociais e Humanas, das Ciências Exactas, das Ciências do Texto e da Linguagem e das Didácticas; uma colecção própria, compreendendo já dezenas e dezenas de manuais, assegura o apoio bibliográfico básico aos cursos.

O traje e as insígnias da Universidade - já em uso em 1990 - estão regulamentados pelos n.ºs 1., 3., 4. e 7. do Art. 13.º dos *Estatutos* (1994)¹⁵⁰. Transcrevendo:

Artigo 13.º

Traje académico

1. «O traje (...) é constituído por uma toga longa confeccionada em tecido negro, com gola elevada e mangas amplas, sendo a gola e o punho das mangas realçados a veludo azul ultramarino (...).»

¹⁴⁸ Em funções no governo de Marcello Caetano de 1970 a 1974.

¹⁴⁹ Não foi possível obter elementos relativos às U's da Madeira e de Trás-os-Montes e Alto-Douro (UTAD), salvo, quanto a esta última, no domínio da ilustração, e mesmo assim *in extremis* (daí que a imagem que se lhe refere surja em último lugar).

¹⁵⁰ *Estatutos* [19], p. 22.

2. (...)
3. «As insígnias (...) consistem num colar de elos de metal dourado, reforçado a esmalte azul, tendo pendente a medalha de escudo da Universidade, do mesmo metal e esmalte».
4. «O uso do colar é reservado aos doutores».
5. (...)
6. (...)
7. «As vestes talares da Universidade são usadas de cabeça descoberta».

O *design* deste traje foi da responsabilidade de EDUARDO ABBONDANZA. Quanto ao *símbolo e divisa*, assim reza o art. 12.º dos referidos *Estatutos*¹⁵¹:

1. «O símbolo da Universidade é o contorno estilizado de uma janela neoclássica a negro, enquadrando um fundo azul, no caso de apresentação a cores (...)».
2. (...)
3. «A divisa da Universidade é a expressão latina “ad astra”».

Universidade dos Açores

Em 1976 foi criado o Instituto Universitário dos Açores. A sua transformação em U. dos Açores data de 1980, sendo José Enes o primeiro Reitor.

O traje e as insígnias doutorais vieram a ser consignados nos art.ºs 108º e 109º dos *Estatutos* de 1990¹⁵². Como traje foi adoptada a *beca*. De acordo com testemunho do segundo Reitor, António Machado Pires¹⁵³, «a *inspiração (...) foi a da Universidade de Lisboa, bem como a das demais Faculdades Clássicas do País, com excepção de Coimbra, por via da sua maior especificidade*». Vejamos então o que dizem os dois referidos artigos:

* **108º:** «*O traje académico (...) é a beca, que obedece (...) aos requisitos seguintes: confeccionada em terylene preto; (...) tem uma gola direita em colchete (...), rematada com vivo branco; no peito tem quatro pregas de cada lado e nas costas apenas duas, que vão até à cintura, coberta por uma faixa de cetim muito brilhante; nos ombros, sobre a costura da manga, flutua um plissa-*

¹⁵¹ *Estatutos* [19], p. 21.

¹⁵² *Estatutos* [20].

¹⁵³ Testemunho transmitido pelo Doutor Avelino Meneses.

do do mesmo tecido da beca; as mangas são em forma de sino com boca forradas de cetim da cor do curso; no peito da beca colocam-se quatro pares de alamares em cordão de seda; do lado esquerdo da faixa da cintura pendem as duas extremidades de um cordão preto de seda com borlas em franja».

* **109º:** «As insígnias doutorais são constituídas por barrete e capelo. O barrete tem a configuração de um tronco de cone invertido. É exteriormente forrado de terylene preto com uma barra inferior de cetim também preto. (...) O corpo é decorado com um cordão (igual ao dos alamares) no rebordo e, no centro, com uma roseta (pom-pom) da cor do curso, sobreposta a nove cordões da mesma cor, terminados em borla com franja. Os nove cordões partem do centro (pom-pom) para o rebordo, soltos e sobrepostos numa tira de cetim e com franja quase até à base do barrete. A tira com os cordões (em número igual ao das ilhas dos Açores) é fixada no rebordo, permitindo segurar o barrete enfiando um dos dedos da mão. O capelo é constituído por uma peça de cetim da cor do curso e decorado com cordão de cetim de cor igual. Repousa sobre o ombro como estola e prende com travinca ou colchete. O reitor (...) poderá usar no capelo, pom-pom e cordões do barrete a cor da Universidade - o azul»¹⁵⁴.

Universidade do Algarve

Criada em Faro em 1979, veio a ter em Manuel Gomes Guerreiro o seu primeiro Reitor (1982-1986). Contando actualmente com oito unidades orgânicas e um pólo em Portimão, ministra um total de 2 bacharelatos, 12 licenciaturas bietápicas, 22 licenciaturas e 9 mestrados; confere ainda o grau de doutor em 25 ramos¹⁵⁵.

Na ausência de uma regulamentação escrita do traje, procede-se a uma descrição a partir de fotografias amavelmente facultadas:

* Capa de tipo alentejano; peça superior (*sobremanga*) larga, prolongada até ao punho, debruada a passamanaria azul-escura; o prolongamento do debrum circunda também o pescoço e cai verticalmente nas costas, terminando em bico e rematando com uma borla da mesma cor.

* A peça interior (tipo *beca*) não tem mangas; ostenta cavas largas e fecha com alamares.

* A gorra é preta, circundada com cordão da mesma cor.

* A medalha tem como motivo 4 círculos descentrados (sendo o mais pequeno cheio a azul e os restantes sem fundo), inscritos num quadrado. Pendente duplamente de epitógio na cor da área científica, terminando, sobre a medalha, em duas rosáceas.

* A medalha dos professores é confeccionada em metal prateado; a do Reitor em metal dourado, pendente de cadeia do mesmo metal.

¹⁵⁴ *Estatutos* [20], p. 5.237, com ilustrações a pp. 5.238-5.240.

¹⁵⁵ Cf. *Universidade do Algarve: Anuário 1999*, pp. 11-21.

Universidade de Aveiro

Fundada em 1973, teve no químico Vítor Manuel Simões Gil o primeiro Reitor.

Foi nos anos 80, durante o reitorado de Renato Araújo, que, face à profusão de trajes, derivada da múltipla origem académica dos lentes, causa directa do «“carnaval” que se registava nos actos académicos ou solenes em que cada professor envergava o traje da Universidade onde tinha obtido o doutoramento»¹⁵⁶, se pensou numa veste própria. O traje e as insígnias hoje em vigor foram aprovados em reunião do Plenário do Conselho Científico da Universidade ocorrida em 1987/01/28¹⁵⁷ (aprovando o projecto do *designer* Dr. JOSÉ ANTÓNIO MOREIRA), e consagrados pelos n.ºs 2 e 3 do Anexo I dos *Estatutos da Universidade de Aveiro*¹⁵⁸. Vejamos o articulado respectivo:

1. (...)
2. Hábito talar
 - 2.1. - «O hábito talar, em tecido preto, é uma capa, com escapulário, redondo à frente e de bico atrás; carcela na frente e mangas quimono; tudo debruado a verde; presilha nas costas à altura da cinta.
 - 2.2. - No hábito talar dos mestres não é aplicado qualquer debrum.
 - 2.3. - As cores em uso nos hábitos talarés (no debrum da abertura do pescoço e marginando a fita verde das mangas) e na fita de seda para suspender as medalhas são: Engenharia, tijolo; Línguas e Ciências Sociais, azul-escuro; Ciências, azul-claro; Ciências da Educação e Psicologia, laranja; Economia e Gestão, vermelho e branco.
3. - Medalhas:
 - 3.1. - As medalhas são em prata, com o logotipo da Universidade (...) em relevo no anverso.
 - 3.1.1. - A medalha usada pelo reitor tem 55 mm de diâmetro e será suspensa por uma cadeia de prata.
 - 3.1.2. - A medalha usada pelos doutores e pelos mestres tem 45 mm de diâmetro, sendo a de mestre de bronze».

De salientar a peculiaridade de os habilitados com o grau de mestre usarem traje e uma medalha própria. Julgo esta circunstância única em Universidades estatais.

¹⁵⁶ Testemunho do Doutor Jorge Rino, em bem-humorada carta que me dirigiu em 2001/02/17.

¹⁵⁷ Tive acesso a um extracto desta *Acta* por amabilidade do Doutor Jorge Rino.

¹⁵⁸ *Estatutos* [20b], p. 2.410.

Universidade da Beira Interior

Sediada na Covilhã, fundada em 1986 - por transformação de um anterior Instituto Politécnico -, esta Universidade teve como primeiro Reitor o Doutor Cândido Passos Morgado, também oficial-general da Força Aérea, com anterior carreira académica no Reino Unido e na Faculdade de Ciências/UL. Os símbolos, distinções e insígnias foram aprovados pela deliberação do Senado n.º 25/95, de 16 de Dezembro. Ao traje e às insígnias são dedicados os arts. 3.º e 4.º, que passo a transcrever:

Artigo 3º

Traje Académico

1. «O Traje Académico da Universidade da Beira Interior é a toga, confeccionada em tecido preto com três pregas inteiriças na frente e nas costas, que vão até à cintura, uma faixa de cetim preto brilhante na cintura e as mangas em forma de sino com boca forrada de cetim azul cobalto (...).
2. (...).

Artigo 4º

Insígnias

1. A insígnia dos doutores pela Universidade da Beira Interior é a barretina.
2. As insígnias do Reitor são a barretina e o epitógio de cor branca com medalha de ouro oval suspensa (...).
3. As insígnias dos Vice-Reitores são a barretina e o epitógio de cor branca com um gorgorão da cor da unidade orgânica a que pertencem e a medalha oval suspensa correspondente à respectiva categoria como professor.
4. As insígnias dos Professores Catedráticos são a barretina e o epitógio com medalha de prata oval suspensa.
5. As insígnias dos Professores Associados são a barretina e o epitógio com medalha de bronze oval suspensa.
6. As insígnias dos Professores Auxiliares são a barretina e o epitógio.
7. O epitógio a usar nos trajes dos professores toma as seguintes cores, de acordo com as unidades orgânicas a que se encontrem afectos:
 - Unidade Científico-Pedagógica de Ciências Exactas - Azul;
 - Unidade Científico-Pedagógica de Ciências de Engenharia - Tijolo;
 - Unidade Científico-Pedagógica de Ciências Sociais e Humanas - Vermelho Rubi.
8. A barretina (...) tem a configuração de um tronco de cone invertido. É exteriormente forrada de tecido preto igual ao da toga e tem na base uma barra

lisa de cetim preto brilhante igual ao da faixa, sendo tanto o tecido como a barra cosida atrás. (...) o topo tem ao centro uma roseta - pom-pom - avেলudada.

9. O epitógio (...) é confeccionado na parte exterior em veludo e na parte interior em cetim, tendo no meio intertela. Atrás tem um decote arredondado com costura (...), fazendo um bico sobre o meio das costas. (...) O epitógio dos Vice-Reitores será debruado na parte interior e no exterior com um gorgorão (...).

10. A medalha que fica suspensa do epitógio de formato oval (...), cunhada em ouro, prata ou bronze, tem na frente a emblemática com o brasão de armas da Universidade e na margem a divisa da Instituição - SCIENTIA ET LABORE ALTIORA PETIMUS (...).

Este traje foi concebido pelo escultor FERNANDO ALMEIDA e é hoje confeccionado *in loco*, nas oficinas do Departamento de *Engenharia Têxtil*.^{158a}

Universidade de Évora

Em Évora, e sob a égide da Companhia de Jesus, funcionou uma Universidade entre 1559 e 1759. «No âmbito das reformas políticas e culturais» de Pombal, e na sequência da expulsão do Reino dos padres jesuítas, a Universidade foi encerrada.

A restauração do Ensino Superior na Cidade remonta a 1973, com a criação do Instituto Universitário de Évora; em Janeiro de 1974 é empossado o primeiro Reitor - Doutor Ário Lobo de Azevedo - e a Comissão Instaladora. Cinco anos mais tarde, este Instituto dá lugar à actual Universidade de Évora. Com uma população actual de 7.500 alunos, 577 docentes e 377 funcionários, a U. Évora ministra hoje 35 cursos de formação inicial, 2 de complemento de formação e 33 de formação avançada; possui ainda 40 áreas de doutoramento¹⁵⁹.

Os actuais *Estatutos* da Universidade, no quadro da Lei de Autonomia Universitária, datam de 31 de Agosto de 1989¹⁶⁰. Do respectivo cap. II («Símbolos académicos»), transcrevem-se os arts. 4.º e 5.º, respectivamente sobre «Emblema e selo» e sobre «Traje académico»¹⁶¹:

^{158a} Informação transmitida pelo Reitor, Doutor Manuel José dos Santos Silva (Março de 2001)

¹⁵⁹ Cf. *Guia do Estudante*, Évora, Reitoria da Universidade, 2000, pp. 10-12.

¹⁶⁰ «Estatutos» [20b].

¹⁶¹ «Estatutos» [20b], pp. 3.715-3.716, com modelos em anexo (p. 3.725) do emblema e do traje.

Art. 4.º

«O símbolo da Universidade, adoptado como emblema e selo, é uma pomba branca estilizada, sobre um fundo circular de cor castanha, com a legenda “UNIVERSIDADE DE ÉVORA” (...).».

Art. 5.º

1 - «O traje dos docentes e investigadores da Universidade (...) compreende:

- a) A toga, confeccionada em tecido preto com bandas castanhas;
- b) A gorra, em tecido de veludo preto;
- c) A insígnia da Universidade, constituída por uma pomba em moldura circular, em prata, suspensa por cordão castanho simples ou, no caso do reitor, duplo;
- d) A roseta, confeccionada em tecido das seguintes cores:

I. Área departamental de Ciências Agrárias - verde-escura;

II. Área departamental de Ciências Económicas e Empresariais - vermelha;

III. Área departamental de Ciências Exactas - azul-celeste;

IV. Área departamental de Ciências Humanas e Sociais - azul-ferrete;

V. Área departamental de Ciências da Natureza e do Ambiente - verde-clara;

VI. Reitoria - branca».

O *design* do traje foi da responsabilidade da estilista MARIA DO CARMO e do escultor FERNANDO ALMEIDA.

Universidade do Minho

Fundada em 1973, teve o primeiro Reitor (Carlos Alberto Lloyd Braga, 1974-1981)¹⁶² e a Comissão Instaladora empossados em Janeiro de 1974.

O traje respectivo é usado desde os anos 80¹⁶³. Na ausência de regulamentação escrita, procederei a uma descrição com base em fotografias que eu próprio tirei a um exemplar¹⁶⁴:

* O traje consiste numa *beca* talar, simples, solta e ampla, sem gola, com decote redondo; tem um pregueado discreto na frente e nas costas; aberta à frente, abotoa até um pouco abaixo da cintura; mangas amplas, alargando para a extremidade (sem canhão).

* As insígnias consistem num *capelo* e numa *gorra*. O primeiro é confeccionado em veludo preto e aperta com alamares; acresce uma peça interior, em cetim, mais comprida que a peça de veludo (cerca de 10 cm), na cor da especialidade científica (v.g. azul-escuro para *História e Ciências Sociais*).

* A gorra, ampla, é confeccionada em veludo preto, e apresenta-se redonda e quadrilobada; encima-a, ao centro, uma roseta em serigrafia, a que se liga uma pequena borla com fios de cetim, igualmente na cor da especialidade.

Universidade Nova de Lisboa

Criada em 1973, teve em João José Rodilhes Fraústo da Silva o primeiro Reitor e Presidente da Comissão Instaladora.

Estruturada em Faculdades nos finais da década de 70 - aspecto não isento de polémica¹⁶⁵ -, é por essa altura que adopta traje e insígnia próprios ... até certo ponto: o traje é a beca da UL, com escassas variantes: o chapéu, em vez de totalmente preto, tem na roseta encimante

¹⁶² Já desaparecido, o Doutor Lloyd Braga foi também, mais tarde, Reitor da U. Algarve (1986-1990), circunstância que julgo única nas Universidades portuguesas; foi ainda Ministro da Educação e Cultura no III Governo Constitucional (1978, primeiro-ministro Alfredo Nobre de Costa).

¹⁶³ O segundo Reitor, Lúcio Craveiro da Silva (1981-1985), já assim aparece trajado no retrato existente na Sala de Actos da U. Minho.

¹⁶⁴ Na circunstância, o da Doutora Ana Maria Seabra de Almeida Rodrigues.

¹⁶⁵ Veja-se a este respeito o testemunho de Vitorino Magalhães GODINHO, «Problemas da Institucionalização e do Desenvolvimento das Ciências Sociais e Humanas em Portugal», entrevista por Margarida MARQUES e Jorge PEDREIRA, sep. da *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* (3, 1989), Lisboa, 1989, pp. 3-38, *maxime* 36-37: «Penso que [na Universidade Nova] foi lamentável que, em determinado momento, o projecto que havia de uma grande área de ciências humanas e sociais fosse substituído pelos caminhos tradicionais de uma Faculdade de Economia e de uma Faculdade que, como diz o decreto que a criou, é “do tipo das Faculdades de Letras”. Nós, Faculdades de Letras já tínhamos a mais, não tínhamos era áreas de ciências sociais e humanas onde se praticasse realmente essa interdisciplinaridade e multidisciplinaridade e onde a investigação fosse um elemento essencial de acção pedagógica e didáctica». Cf. também GODINHO [22a], pp. 81-83.

(*pom-pom*) as cores da Universidade (verde-claro) e da Faculdade; e os alamares do peito são de menor volume¹⁶⁶. A insígnia «*apresenta, como motivo principal da composição, as suas iniciais (UNL)*». A divisa consiste na frase latina «*OMNIS CIVITAS CONTRA SE DIVISA NON STABIT*». Estes motivos constam da medalha, em bronze, que pende de um colar com as cores das Faculdades, debruado, externa e internamente, com a cor da Universidade, o verde: *Ciências Sociais e Humanas* - azul-ferrete; *Ciências Médicas e Instituto de Higiene e Medicina Tropical* - amarelo; *Ciências e Tecnologia* - azul-celeste; *Economia e Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação* - vermelho-escuro; *Direito* - vermelho¹⁶⁷.

Os doutoramentos h.c. pela UNL apresentam uma especificidade quanto ao número de oradores: um lente da Casa procede ao elogio de todos os doutorandos (o que constitui uma aproximação à UC); mas todos estes intervêm, a agradecer (aproximação à UP); não existe, pelo menos autonomamente, elogio dos apresentantes; e pode verificar-se, no final, uma intervenção do Reitor¹⁶⁸.

No momento em que este texto é redigido está em estudo uma reforma do traje da UNL.

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE)

Criado em 1972, na convergência dos então Ministérios da Educação Nacional e das Corporações e Previdência Social, o ISCTE surgiu numa conjuntura de abertura de múltiplos novos estabelecimentos do Ensino Superior, e veio a constituir um momento e um lugar privilegiados no processo de universitarização das Ciências Sociais e Humanas no nosso País.

Conhecendo um assinalável crescimento nas duas décadas finais do século XX, o ISCTE é hoje a única Escola Superior estatal não-integra-

¹⁶⁶ Informações verbalmente transmitidas pelo escultor FERNANDO ALMEIDA.

¹⁶⁷ Os antigos Reitores da UNL fizeram-se normalmente retratar de beca com o colar reitoral (na cor da Universidade: inicialmente verde, mais recentemente branco debruado a verde) e chapéu sobre os joelhos. Uma exceção: José Esperança Pina (lente de Ciências Médicas, Reitor 1982-1990, retratado em 1987 por Maria Velez) surge de pé, em beca e com laço branco (na tradição da antiga Escola Médico-Cirúrgica, tal como os retratos dos Directores e Presidentes do Conselho Científico da Fac. Ciências Médicas/UNL); a medalha pende de colar amarelo; acrescem a insígnia da U. Católica (onde também é professor) e diversas condecorações; na mão esquerda segura uma borla coimbrã, em amarelo.

¹⁶⁸ V. por todos *Universidade Nova* [63a] e *Universidade Nova* [63b].

da em Universidade, e define-se como estabelecimento «*fundamentalmente vocacionado para as ciências sociais, empresariais e tecnologias (...) numa perspectiva de desenvolvimento interdisciplinar*»¹⁶⁹. Os múltiplos departamentos e secções autónomas asseguram actualmente um total de 12 licenciaturas (*Antropologia, Economia, Engenharia de Telecomunicações e Informática, Gestão e Engenharia Industrial, Gestão de Recursos Humanos, História Moderna e Contemporânea, Informática e Gestão de Empresas, Organização e Gestão de Empresas, Psicologia Social e das Organizações, Sociologia e Sociologia e Planeamento*) e 14 mestrados (*Antropologia, Património e Identidades, Cidade, Território e Requalificação, Ciências de Gestão, Ciências do Trabalho, Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação, Demografia e Sociologia da População, Desenho Urbano, Desenvolvimento Social e Económico em África: Análise e Gestão, Gestão de Empresas, Gestão de Sistemas de Informação, História Social Contemporânea, Logística, Psicologia Social e Organizacional e Sociedades e Políticas Europeias*).

O traje académico do ISCTE remonta a 1995 e foi concebido por ANA SALAZAR. Na ausência de regulamentação escrita, procede-se a uma descrição com base em desenhos amavelmente facultados:

- * Consiste o traje numa beca solta e alargando ao descer (até um pouco abaixo dos joelhos), com gola aberta; na frente, aberta com duas travincas e ostenta dois bolsos; os ombros são saídos, arredondando na articulação com o antebraço. Também as mangas alargam para a base.
- * A esta peça se sobrepõe um *capelo* estreito, caindo à frente dos dois lados da gola e apertando em travincas; nas costas termina em capuz.
- * Tal capelo é da cor da especialidade científica (azul e verde para *Ciências Sociais*).

* * *

¹⁶⁹ Prospecto da licenciatura em *Sociologia e Planeamento* para o ano lectivo de 2000/ 2001.

5. O Ensino Superior Privado, Cooperativo e Concordatário

Deixemos para o fim o Ensino Superior não-estatal. As suas origens remontam à primeira metade da década de 60¹⁷⁰, com o Instituto Superior de Novas Profissões, o Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA) e, mais tarde, a Universidade Católica Portuguesa (UCP) e o Instituto Técnico de Formação Intensiva (ITFI).

Quanto ao actual *Sector Privado e Cooperativo*, trata-se de algo que vai entrar em cena na década de 70, prendendo-se com um dupla ordem de circunstâncias:

- i. A instituição, em 1977, do primeiro «*numerus clausus*», na vigência do I Governo Constitucional¹⁷¹;
- ii. e a existência, em termos de situação de facto, de um número significativo de lentes ainda impedidos de exercer o seu magistério, em sequela aos «saneamentos» dos anos de 1974 e -75.

É neste contexto que vai surgir, em 1977, a primeira Universidade criada por uma Cooperativa de docentes: a Universidade Livre, com pólos em Lisboa e no Porto. Em funcionamento para o então *Ano Propedêutico* a partir de 1977/78 e para diversas licenciaturas um ano mais tarde, esta Universidade durará até 1986. Nos seus 9 anos de (por vezes atribulada) existência, a *Livre* não criará traje algum, nem abundarão actos ou cerimónias passíveis de uso das vestes das Escolas de origem dos Mestres em funções.

O *big-bang* do Ensino Superior Privado e Cooperativo dar-se-ia a partir da segunda metade da década de 80, não só por motivo do malogro da experiência prioneira, como pelo agravamento, em 1987, do «*numerus clausus*», na vigência do XI Governo Constitucional¹⁷².

¹⁷⁰ V. por todos HOMEM [28].

¹⁷¹ Primeiro-ministro: Mário Soares; Ministro da Educação e Investigação Científica (MEIC): Mário Sottomayor Cardia.

¹⁷² Primeiro-ministro: Aníbal Cavaco Silva; Ministro da Educação: Roberto Carneiro.

Vejamos assim, e uma vez mais por ordem alfabética, as Universidades dos Sectores Privado, Cooperativo e Concordatário actualmente existentes¹⁷³:

Universidade Atlântica

Fundada em 1996, esta Universidade não possui ainda um traje específico dos seus docentes.

Universidade Autónoma de Lisboa «Luís de Camões» (UAL)

Em 13 de Dezembro de 1985¹⁷⁴ foi criada a *Cooperativa de Ensino Universitário* (CEU, CRL), entidade instituidora e proprietária da UAL. Funciona esta Universidade desde o ano lectivo de 1986/87. Tem sede no Palácio dos Condes do Redondo, à Rua de Santa Marta, e ocupa também um outro edifício da mesma artéria, mais outro no Boqueirão do Ferreiros (à Rua da Boavista) e um último no bairro de Campo de Ourique, na Rua Particular à Rua Saraiva de Carvalho. Nos anos 90 funcionou ainda uma delegação nas Caldas da Rainha.

Foi ao aproximar-se o 10.º aniversário da Instituição que se começou a pensar num traje próprio. Concebido e executado pelo escultor FERNANDO ALMEIDA, foi usado pela primeira vez em público justamente no *dia da Universidade* do ano de 1995. Consiste numa beca preta, simples e ampla, de gola «de tipo militar», fechada em carcela e caindo a direito até um pouco abaixo dos joelhos; com um discreto «franzido canelado» nos ombros e pregueado sobre as costas («até à base das espáduas»), ostenta ainda volumosas mangas, alargando de cima para baixo e terminando em canhão azul cinza. A completar, um chapéu redondo em veludo preto («gorra»), de uma forma algo evocativa de artistas do Renascimento - circunstância que se prende com o *quis* do patrono. Com este traje se usa a medalha da Universidade: da autoria do Escultor JOAQUIM [Emídio de Oliveira] CORREIA¹⁷⁵, apresenta uma forma ovalada com a effigie de Luís de Camões - patrono da Escola; na parte exterior do anverso tem inscrita, em gótico maiúsculo, a expressão VNIVERSITAS AVTONOMA OLISIPONENSIS e na parte inferior OLISIPONE

¹⁷³ Não foi possível obter elementos relativos às U's Independente e Internacional.

¹⁷⁴ Daí que o *Dia da Universidade* se celebre anualmente a 13 de Dezembro.

¹⁷⁵ Actual decano do Corpo Docente; lente jubilado da Fac. Belas-Artes/UL.

MCMLXXXV [local e data de fundação]; no campo, sob «a representação simbólica do busto de Camões existente na UAL», a legenda DOCENDO DISCITVR; esta medalha pende de um *epitógio* com as cores azul celeste, cinza e branco¹⁷⁶. Não existe para já insígnia doutoral específica, ainda que na UAL se tenham já realizado, de Novembro de 1999 ao momento presente, três doutoramentos (em *Economia, Cultura Inglesa e Direito*). Está entretanto em estudo uma diversificação cromática do epitógio, de modo a diferenciar os docentes por *unidades orgânicas*¹⁷⁷.

Universidade Católica Portuguesa (UCP)

Fundada em 1966, teve na *Filosofia* e na *Teologia* (e mais tarde no *Direito* e na *Gestão de Empresas*) as suas áreas científicas de arranque (Lisboa, Braga, mais tarde Porto e hoje também Viseu e Leiria).

A índole dos dois domínios fundadores pressupunha inicialmente um Corpo Docente eclesiástico; e certo é que a Faculdade de Filosofia de Braga tem a sua *imagem de marca* associada à Companhia de Jesus, enquanto que o curso de *Teologia* em Lisboa se liga, à partida, à acção de padres franciscanos¹⁷⁸. Em tais condições, natural seria que em actos académicos os primeiros Mestres usassem capa e batina talar de modelo eclesiástico¹⁷⁹. Por outro lado, os docentes iniciais de *Direito, Gestão* e outras áreas do âmbito da Faculdade de Ciências Humanas (fundada ca. 1971) tinham a sua formação feita, obviamente, alhures, e eram professores convidados, em acumulação com as Escolas de origem, cujos trajes e insígnias, naturalmente, usavam.

A ulterior constituição de um Corpo Docente próprio e exclusivo e, paralelamente, o ministramento de graus superiores pela Instituição

¹⁷⁶ A materialização desta medalha faz-se em metais diferentes, conforme o utente seja um docente não-doutorado, um docente doutorado ou o Reitor.

¹⁷⁷ O Projecto de Regulamento de *Traje e Insígnias Académicas* em vias de apreciação pelo Conselho Universitário (Fev.2001), para além de hierarquizar por categorias académicas e por cargos (Reitor, Vice-Reitor, Secretário-Geral, Directores de Departamento ou Curso) o uso da beca, do epitógio com medalha e da gorra, bem como alguns detalhes cromáticos do epitógio e respectivos rebordos, prevê a seguinte distribuição de cores por unidades orgânicas: *Arquitectura*: rosa e azul ferrete; *Ciências da Comunicação*: rosa; *Direito*: rubi; *Economia*: vermelho e branco; *Engenharia*: azul celeste e branco; *Gestão*: vermelho e verde; *História*: azul ferrete; *Informática*: azul celeste e amarelo; *Línguas e Literaturas Modernas*: azul ferrete e verde; *Matemática Aplicada e Computação*: azul celeste; *Relações Internacionais*: vermelho e azul ferrete; *Sociologia*: vermelho e amarelo; *Tradutores e Intérpretes*: azul ferrete e rosa.

¹⁷⁸ Informação verbalmente transmitida pelo Doutor Henrique Pinto Rema OFM.

¹⁷⁹ Assim vi trajado, em numerosos júris de *Filosofia* na FL/UP, o saudoso Doutor Júlio Moreira Fragata SJ († 1985), que aliás já exercera funções docentes na Escola entre 1965 e 1971, antes da sua ascensão a Provincial da Companhia de Jesus.

levaram, já nos anos 90, à adopção de traje e insígnias específicos. As regras cerimoniais em vigor, datadas de 2000¹⁸⁰, prevêem como traje uma «*toga preta, de modelo desenhado pela Pintora EMÍLIA NADAL, debruada nas mangas, à volta do pescoço e nos ombros, com um cordão da cor da Faculdade*», prevendo-se o complemento de um chapéu, ainda em estudo. As insígnias compreendem dois elementos:

* «*Um estolão de veludo, na cor da Escola*», «*usado sobre o ombro esquerdo*», «*com uma rosácea do mesmo tecido, (...) aplicada a meio da estola, e três tiras horizontais de arminho em cada extremidade*».

* «*Um colar de veludo amarelo com aplicação a branco, do qual pende uma medalha cor de bronze tendo gravado na face anterior o emblema da Universidade*». Este último, da autoria do escultor J. P. BARATA, «*é constituído por três círculos que envolvem a esfera celeste, sobre a qual uma figura humana de braços abertos aparece ladeada pela divisa latina “Veritati”, pelas letras gregas A e Ω e pela legenda “Universitas Catholica Lusitana”*».

Apontem-se, por último, as cores das Faculdades¹⁸¹: Teologia - branco; Filosofia - azul escuro; Ciências Humanas - azul; Direito - encarnado; Ciências Económicas e Empresariais - encarnado e branco; Escola Superior de Biotecnologia - tijolo e verde; Instituto Universitário de Desenvolvimento e Promoção Social - vermelho escuro e branco; Letras - azul forte; Escola Superior de Ciências e Tecnologia - azul claro; Escola das Artes - verde escuro; e Engenharia - tijolo.

Universidade Fernando Pessoa

Sediada no Porto, esta Universidade foi fundada em 1995, a partir da fusão de duas instituições preexistentes: o Instituto Superior de Ciências da Informação e da Empresa (ISCIE) e o Instituto *Erasmus* de Ensino Superior (IEES).

Não possui ainda traje próprio, usando os seus lentes, em actos académicos, as vestes das Escolas de origem.

Universidade Lusíada

Fundada em 1986, com sede em Lisboa e pólos no Porto e em Vila Nova de Famalicão, esta Universidade teve o seu traje aprovado na

¹⁸⁰ *Cerimonial* [7], pp. 4-5.

¹⁸¹ *Cerimonial* [7], p. 8.

década de 90. Na ausência de regulamentação escrita, sirvo-me de notas manuscritas do *designer*, o escultor FERNANDO ALMEIDA¹⁸²:

1. «A veste professoral é [uma] toga em tecido preto com estola em cetim de sirga em tom azul e amarelo em forma de U. O traje é de corte largo, tem a frente lisa, fecha em carcela. (...) A gola é de tipo militar, descida na frente, com pontas redondas. Aperta com colchete. As costas têm um cabeção e são pregueadas para baixo: macho central e cinco pregas de cada lado. As mangas são largas (...). Na barra superior da cabeça da manga têm pregas. O canhão, na cor do Departamento, tem várias alturas: Professor associado (licenciado) - auxiliar: 9 cm (...); professor doutorado e equiparado - 15 cm (...); professor catedrático e equiparado - 24 cm (...); mestres: só a toga, sem estola ou distintivos (...).

2. A estola é colocada sobre os ombros. Nas costas desce à mesma altura do cabeção (...).

3. Como decoração na frente tem duas rosetas (...) em sirgaria, colocadas ao nível do peito, na cor do Departamento.

4. A gorra em veludo negro é constituída por (...) um tampo redondo, sobre o qual assenta um estrado curvilíneo mais duro com os motivos da Universidade feitos em cordão de seda preto. No lado esquerdo tem 7 sirgos pendentes com nós e franjados. O seu uso é reservado ao Reitor e todos os doutorados e equiparados.

5. (...).

6. O traje para os mestres é o mesmo dos professores, mas sem qualquer insígnia.

7. Cores dos Departamentos: Reitoria - branco; Direito - vermelho rubi; História - azul ferrete; Letras - azul ferrete; Arquitectura - azul forte/escuro; Matemática - azul/claro-celeste; Ciências - azul/claro-celeste; Gestão de Empresas - verde-claro; Economia - vermelho-vivo/branco; Engenharia - vermelho-tijolo; Contabilidade - laranja; Relações Internacionais - azul-médio forte.

8. Notas:

a) Medalha da Universidade - É sustida por um epitoge para todos os professores com direito ao seu uso. No caso do Reitor pode ser suspensa por uma cadeia metálica ou sustida por um epitoge de veludo branco.

b) Os canhões das mangas do Reitor são de cetim branco, bem como as rosetas-alamares a decorar a frente do traje, que são igualmente brancas.

Saliente-se o facto de o articulado prever explicitamente o uso do traje por docentes de todas as categorias.

¹⁸² Transmitidas por intermédio dos Doutores Luís Teixeira e Joel Mata.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Fundada em Lisboa em 1991, a partir de duas instituições preexistentes (o Instituto Superior de Matemáticas e Gestão [ISMAG] e o Instituto Superior de Humanidades e Tecnologias [ISHT]), esta Universidade tem traje concebido pelo escultor FERNANDO ALMEIDA. Na ausência de regulamentação escrita, sirvo-me de desenhos e notas descritivas do próprio *designer*:

* «O traje (uma batina) é confeccionado em terylene-lã, em preto e azul médio inglês.

* A batina é aberta e o corte largo; ajusta apenas com dois alamares de sirgueiro, em seda preta, com argola. Na frente e nas costas tem um macho pespontado de cada lado, os quais permitem uma mobilidade natural; partem a meio dos ombros e terminam, na frente pelos peitorais, e nas costas pelas omoplatas.

* As mangas também têm um macho a meio, igualmente pespontado pela altura do delfoide.

* A gola, as bandas e os canhões são de tom azul inglês. Os canhões têm 12/14 cm de altura, ombros direitos, com mangas de corte largo, para permitir vestir com ou sem casaco.

* Lateralmente são feitas duas aberturas para dar acesso aos bolsos inferiores do casaco ou da calça.

* A gorra é feita em veludo negro (alemão); a forma é redonda, com cordão de seda azul forte em toda a volta do tempo superior, e é usada por todos os professores com habilitações acima do mestrado.

* Para os mestres as mangas são simples, sem canhões, a colocar porteriormente.

* A estola forma um V nas costas; é usada pelo Reitor e pelos professores catedráticos. É confeccionada em veludo azul, rematado na frente com travincas em passamanaria.

* O épitoge é em seda amarela-ouro, orlada a ouro-velho; dela pende a medalha da Universidade».

De salientar que também aqui se prevê o uso do traje por docentes portadores do grau de mestre.

Universidade Moderna

Fundada em Lisboa em 1987, esta Universidade teve o respectivo «Regulamento do Trajo Académico do Pessoal Docente» aprovado em 1994/10/20; dele se transcrevem parcialmente os arts. 2.º a 4.º:

Art. 2º

1. «A murça e a barretina são insígnias doutorais, as quais só podem ser usadas, conjuntamente com a batina, pelos docentes com o grau de doutor ou equiparado, conferido por universidade portuguesa ou estrangeira e reconhecido como válido nos termos da Lei.

2. (...).

3. (...).

Art. 3º

1. O epítógeo e a medalha são insígnias professoriais [sic] e o seu uso é reservado ao pessoal em exercício efectivo de funções docentes.

2. O epítógeo tem as cores da Universidade Moderna ou dos seus departamentos, consoante os cursos, do modo seguinte:

- a) Reitor - púrpura debruado a ouro;
- b) Vice-Reitores - púrpura debruado a prata;
- c) Pró-Reitores - púrpura;
- d) Direito - rubi;
- e) Engenharias - azul claro;
- f) Gestão, Economia ou Informática de Gestão - vermelho debruado a branco;
- g) Investigação Social Aplicada - vermelho debruado a preto;
- h) Estudos Europeus - azul forte debruado a branco;
- i) Ciências do Desenvolvimento e Cooperação - púrpura debruado a branco.
- j) Professores convidados ou honorários - branco debruado a púrpura.

Art. 4º

Em função das respectivas categorias, o pessoal docente deve usar:

- a) Assistentes sem serviço docente - batina;
- b) Assistentes encarregados de serviço docente - batina e epítógeo;
- c) Professores sem o grau de doutor - batina, epítógeo e medalha;
- d) Professores com o grau de doutor - batina, murça, barretina, epítógeo e medalha».

Em anexo, os mencionados elementos do traje e das insígnias são definidos como segue:

* «*Batina*: cor negra; fechada em carcela, gola tipo militar e colarinho de tela branca, dois machos nas costas respontados (...), mangas largas pregueadas em cima com canhões de cor púrpura (...).

* *Epítógeo*: colar de seda com a largura de 6 cm, abotoado à frente e com dispositivo para suspensão da medalha.

* *Murça*: cor púrpura; fechada em cima com um colchete no decote; decorada

à frente com 6 rosáceas de 8 cm de diâmetro e alamares de cor púrpura; desce do ombro até à altura do cotovelo.

* *Barretina*: cor negra, forrada exteriormente de tecido igual ao da batina; modelo de forma cónica (...), 4 cristas; pom-pom central (...) de cor púrpura.

* *Medalha*: cor dourada metálica; oval (...) encimada por um ornamento floral e suspensa do epitógeo (...); logotipo da Universidade ao centro, circundado por 2 legendas: “Universidade Moderna” na parte superior; “MENS AGIT MOLEM” na parte inferior e ainda uma cercadura exterior de motivos florais».

De salientar, também nesta Universidade, o uso do traje pelos membros das categorias hierarquicamente inferiores do Corpo Docente.

Universidade Portucalense «Infante D. Henrique»

Fundada em 1986, tem o seu actual traje aprovado desde 1998. Na ausência de regulamentação escrita, procedo a uma descrição com base em fotografias amavelmente facultadas:

* O traje consiste numa *beca* preta, pregueada na frente, nas costas e nas mangas. A parte exterior destas últimas tem uma sobreposição em cetim. A gola é de tipo militar, orlada em serigaria vermelha e azul. Aperta com botões, até um pouco abaixo da cintura. Esta é marcada por uma faixa na cor da especialidade científica, v.g., vermelho para *Direito*, azul-celeste para *Matemática*, azul-escuro para *História*, etc.

* Os docentes doutorados usam complementarmente a medalha da Universidade, em metal prateado, ovalada e ostentando um brasão de armas¹⁸³. Na base do campo da medalha, a divisa «SCIENTIA VIS VIRTUS», inserida numa cartela.

* A medalha pende de uma cadeia, cujos elos alternam com reproduções miniatu-
rais do brasão.

¹⁸³ Que me dispense de descrever, na impossibilidade de consultar um heraldista e na ausência, uma vez mais sentida, de regulamentação escrita.

6. Notas conclusivas

Do exposto creio poder extrair as seguintes *notas conclusivas*:

1) Vindo de tempos remotos, o uso de traje próprio (*hábito talar*, também dito *capa-e-batina*) e insígnias doutorais (*borla e capelo*) pelos lentes do *Estudo Geral* radicado em Coimbra em meados do século XVI manifesta inequivocamente uma origem eclesiástica e a influência de Universidades particularmente ‘irradiantes’ à escala europeia (v.g., para este caso, Salamanca). O século XIX final e os alvores do XX terão assistido a evoluções sensíveis de tal traje num sentido ‘laicizante’.

2) Em meados de Oitocentos, as Escolas Superiores entretanto criadas em Lisboa e no Porto começam a ostentar uma veste própria, na circunstância uma *beca* preta, complementada por um chapéu e, mais tarde, pela medalha da Escola pendente de uma fita ou colar com a cor da *unidade orgânica*.

3) O fim do *monopólio universitário* de Coimbra (> 1911) ditaria tendencialmente uma dicotomia *hábito talar* / *beca* nas três mais antigas Universidades (acrescidas da UTL, com uma versão própria do segundo daqueles trajes). Mas a origem doutoral de muitos lentes na ALMA MATER da Universidade Portuguesa levou o *hábito talar* com *borla e capelo* para outras paragens, quase como se de insígnia *nacional* se tratasse¹⁸⁴. Mau grado reformas como a do Reitor da UL Marcello Caetano (1960), a insígnia tradicional sobreviveu longamente: o caso de maior longevidade é o da Faculdade de Direito da UL; mas acrescentem-se as circunstâncias de uso privado e de utilização em doutoramentos h.c. (v.g., ainda hoje, na UP).

4) A criação de novas Universidades no abrir dos anos 70 e a ulterior expansão do Ensino Superior Privado, Cooperativo e Concor datário colocariam em termos diferentes a questão *traje* / *insígnias*.

¹⁸⁴ E a verdade é que muitos lentes da UL ou da UP já localmente formados continuaram por muito tempo (e não raro continuam) a possuir *borla e capelo*. Sobre o prestígio *nacional* das insígnias coimbrãs cf. as considerações de REBELO [48a], pp. 128-130 *et passim*.

Algumas das novas U's estatais (v.g. UNL, U. Açores) adoptaram a *beca* oitocentista, ainda que com pontuais modificações: chapéu, medalha / colar, associação a um capelo de menores dimensões, etc. Outras, acrescidas das *Privadas* e da U. Católica, fizeram conceber e executar vestes e insígnias próprias, nas quais o 'paradigma judiciário' da *beca/toga* prevalece sobre o 'paradigma clerical' do *hábito talar*; nuns casos, no binómio traje/insígnias, é dado destaque preferencial ao grau de doutor; noutras, à hierarquia das categorias docentes; tenham-se ainda em conta as numerosas apertações - cores e formas - do mundo anglo-saxónico. Apesar de tudo, o preto mantém-se predominante, ressalvadas discretas incursões pelo azul escuro (v.g. U's. Aberta, do Algarve, Lusíada, Lusófona e do Minho), pelo azul cinza (v.g. U. Autónoma), pelo azul e verde (v.g. ISCTE), pelo vermelho e azul (v.g. U. Portucalense) ou pelo castanho (v.g. U. Évora); um traje com forte presença de cor outra (v.g. a púrpura, tom sugerente de alto clero, da murça doutoral - bem como dos canhões das mangas - de todas as especialidades da U. Moderna) afigura-se, entre nós, excepcional; as maiores 'ousadias' cromáticas ficam para as *insígnias*, em função da cor própria da especialidade científica, Faculdade, Departamento ou qualquer outra forma de *unidade orgânica* universitária.

5) Em matéria de *pujança / desuso* do *cerimonial universitário*, o século XX alternou momentos de *iconoclastia* (v.g. a fase inicial da I República ou os anos 60-70 - em correspondência com a fase final do Estado Novo e os alvares da situação *post-25* de Abril de 1974) com fases de *iconolatria* (v.g. o *conformismo* dos anos 40-50 ou o relativo *revivalismo* dos 80-90).

6) Ao virar do século, e apesar do entusiasmo *neo-cerimonializante/ritualizante* de diversas instituições recentes - em concomitância com uma *feita estudantil* em que, na dimensão artística, as multitudinárias *Tunas* prevalecem sobre os *coros*, o *canto* e a *guitarra* ou o *teatro clássico*, e a ['bárbara'] «civilização da cerveja» sobre a [*mediterrânica*] «civilização da vinha»¹⁸⁵ -, a verdade é que não faltam, entre os lentes de agora, algumas primeiras (e, às vezes, já segundas) manifestações de *neo-iconoclastia*, que o próximo lustro (ou, eventualmente, a próxima década) se encarregará de confirmar ou infirmar.

¹⁸⁵ E assim poderíamos dizer, qual 'eco' de UMBERTO: «vivemos uma nova Idade Média»...

7. A fechar

«*Eu sou velho. Venho do século XIX, que já foi dito ter sido pouco inteligente. Sou anacrónico. (...) Provavelmente, acontecerá que a nova forma, com o tempo, acabe por prevalecer à antiga, para os mortos como para os vivos. (...) Porque, então, longe de estranhar que aquela evolução se tenha iniciado e progredido, antes poderá admirar que a força da tradição (...) tenha sido tal que se tenha oposto, até agora com tanta eficácia relativa, ao completo desaparecimento do antigo costume*»¹⁸⁶.

Parafraseando: Eu já não sou jovem. Universitariamente venho dos anos 60-70 do século passado, que, como é usual afirmar, foram anos *iconoclastas*. Como, até certo ponto, *revivalistas* terão sido os 80 e os 90. Ao escrever estas linhas, cada vez me é mais frequente ver jovens Colegas *doutores de capelo* faltar por norma às cerimónias da sua Universidade e, mesmo quando em júris, envergarem o famoso *hábito* somente se inevitável for, embora por vezes com não poucas *heterodoxias* vestimentais. Tenho 19 anos de carreira pela frente, até ao actual limite de idade. Não me espanta propriamente que, ao longo de tal tempo, júris universitários possam vir a funcionar, como na I República ou, nas raras eventualidades, nos idos de -74 e de -75, com os *jurados* em *traje de passeio*; ainda que alguns possam agora interpretar tal conceito como aplicando-se a quem acaba de *chegar do* [trabalho de] *campo*; e aí veremos sapientíssimos doutores arguentes em andaina comportando blusão, camisa de colarinho aberto, *jeans*, botas e o mais que adiante se verá...

¹⁸⁶ RIBEIRO [50], pp. 105 e 31-32. Respeitou-se a ortografia do original.

Na certeza porém de que, por 2020, a «voz (...) quase extinta»¹⁸⁷ dos cerimonialistas de outros tempos terá ainda alguns avatares. Poucos, porventura. Mas num horizonte de perenidade humanizante...

«Da pedra se fez o templo; da ideia, o livro. E o homem colaborou, como pôde, como soube, na obra de criação divina. Se longe perduram as estrelas, degraus da eternidade, que o mesquinho mortal possa aspirar à sua poalha de íris: e alguma pouse nos ombros de quem a mereceu».

*(Walter de Sousa MEDEIROS)*¹⁸⁸

*«Nunc restat mihi agere gratias pro tot tantisque beneficiis erga me collatis»*¹⁸⁹.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 2001

¹⁸⁷ RIBEIRO [50], p. 32.

¹⁸⁸ Discurso, em «Doutoramento solene» [17], pp. 566-567.

¹⁸⁹ Palavras de agradecimento proferidas pelo novo doutor, segundo o cerimonial do «Doutoramento solene» da UC. Publ.: TORGAL [62], p. 315

Apêndice

Documento

1960 MAIO 27, Lisboa - *Circular da Reitoria da Universidade sobre trajos professorais*

Publ.: «Novo» [42], pp. 165-166.

Ex.mº Senhor Professor:

Data de 15 de Abril de 1915 a primeira deliberação do Senado no sentido da adopção de um traje profissional dos professores da Universidade de Lisboa. Em 5 de Junho desse ano foi resolvida a adopção da beca, segundo o modelo em uso na Faculdade de Medicina, tendo essa resolução sido aprovada por despacho ministerial de 3 de Julho.

Em 1925 voltou o assunto a ser debatido. A Circular de 21 de Novembro desse ano esclarece que o Senado confirmou a resolução de os professores da Universidade de Lisboa usarem o traje da Faculdade de Medicina e, sobre ele, a medalha da Universidade pendente de fita da cor da respectiva Faculdade. Aos professores extraordinários e 1.ºs assistentes corresponderia o uso da beca, mas sem alamares.

Essa resolução foi novamente confirmada em Dezembro de 1926, mas continuou a ser letra morta.

Pelo Estatuto Universitário vigente, art.º 91.º, «Os trajes professorais serão determinados, dentro de cada Universidade, pelo Senado e as insígnias doutorais serão as actualmente usadas pela Universidade de Coimbra, sendo o seu uso facultativo».

Temos, pois, duas coisas distintas:

==> - as insígnias doutorais, que todos os Doutores, professores ou não, podem usar, se quiserem, e que consistem no capelo e borla;

==> - o traje professoral, reservado ao pessoal docente e que varia com as Universidades consoante as resoluções dos respectivos Senados, sendo o seu uso obrigatório.

O traje professoral destina-se a ser envergado nos serviços profissionais correntes - concursos, doutoramentos, etc. - e nas cerimónias universitárias em que deva exigir-se uniformidade do conjunto.

O Senado Universitário ocupou-se recentemente outra vez do problema, em virtude da necessidade reconhecida de uniformizar a apresentação corporativa da Universidade de Lisboa, sobretudo agora que, ao cabo de cinquenta anos de expectativa, parece que vai dispor finalmente de uma sala para a celebração de actos solenes.

Na ampla discussão a que se procedeu foi ponderado que o traje a adoptar deveria ser simples de composição, fácil de envergar (uma vez que numa grande cidade não é prático um traje, como a capa e batina, que obrigue a mudar de vestuário para ser usado) e até de adopção cómoda pelas Senhoras que, em número crescente, vão ingressando no corpo docente.

Pareceu que a beca adoptada na Faculdade de Medicina, com pequenas simplificações, satisfazia esses requisitos, e daí resultou que o Senado deliberou suscitar a observância das deliberações de 1915 e 1925.

Junto a esta circular encontrará V. Ex.^a o modelo adoptado e que seria desejável que pudesse ser já usado na Sessão inaugural do próximo ano lectivo.

Como a confecção deste traje importa certa despesa, a Reitoria está pronta a entrar em acordo com os alfaiates que lhe forem indicados para descontar em prestações, no vencimento dos professores, o custo da beca.

A Secretaria dará a V. Ex.^a os esclarecimentos que forem julgados necessários.

Apresento a V. Ex.^a os meus cumprimentos

Reitoria da Universidade de Lisboa, 27 de Maio de 1960

A Bem da Nação

O REITOR

(a) Marcello Caetano

* Obs.: Em anexo, e sob a epígrafe TRAJOS PROFESSORAIS, dois desenhos, a saber: «Beca de professor catedrático» e «Beca de professor extraordinário».

BIBLIOGRAFIA

(Fontes Impressas e Estudos)

[1] A. H. de Oliveira Marques: *o homem e o historiador. Balanço de seis décadas*, diálogos com João Pedro FERRO, Lisboa, Presença, 1994.

[2] ANDRADE (Mário Saraiva de) e BARROS (Vitor Dias), *Código da Praxe Académica de Coimbra*, Coimbra, Coimbra Editora, 1957.

[2a] ARAÚJO (Ana Cristina Bartolomeu de), «Horas (As) e os Dias da Universidade», in [65], vol. 3, pp. 365-382.

[3] BASTO (A. de Magalhães), *Memória Histórica da Academia Politécnica do Porto*, Porto, U. Porto, 1937.

[4] CAETANO (Marcello), *Pela Universidade de Lisboa (1959-1962). Estudos e Orações*, Lisboa, U. Lisboa, 1974.

[5] CAETANO (Marcello), «Universidade (A) de Lisboa», sep. do n.º 24 de *Imprensa Médica*, Lisboa, s.d. [1960].

[6] CARVALHO (Rómulo de), *História do ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar / Caetano*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985 (2.ª ed.: 1996).

[7] *Cerimonial Universitário: regras*, [Lisboa], Universidade Católica Portuguesa, 2000.

[8] COELHO (Eduardo) e COELHO (António Macieira), *Salazar: o fim e a morte. História de uma mistificação. Inclui os Textos Inéditos do Prof. Eduardo Coelho Salazar e o Seu Médico e Salazar Visto Pelo Seu Médico*, Lisboa, Dom Quixote, 1995.

[9] CORREIA (Maximino), *Ao serviço da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1963.

[10] COSTA (Rui Manuel Afonso da), «Universidade (A) entre o conservantismo e a mudança nos primórdios do século XX», in [65], vol. 1, pp. 449-470.

[11] DIAS (José Sebastião da Silva), «Universidade (A) de ontem e de hoje: o poder da rotina contra o poder da lucidez», *Critério*, 7 (1976, Out.), pp. 3-8 e 56.

[12] *Doutoramento Honoris Causa da Prof.^a Doutora Maria de Lourdes Belchior Pontes* [1996], Porto, Faculdade de Letras da UP, 1999.

[13] *Doutoramento Honoris Causa de Gladstone Chaves de Melo e Vergílio Ferreira / Universidade de Coimbra* [1993], Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1996.

[14] «Doutoramento honoris causa de Jean Delumeau», *Revista da Faculdade de Letras* [UP]. *História*, II sér., I (1984), pp. 284-307.

[15] «Doutoramento honoris causa de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, Doutor Mário Alberto Nobre Lopes Soares», *Revista da Faculdade de Letras* [UP]. *História*, II sér., VII (1990), pp. 375-398.

[16] «Doutoramento “honoris causa” do Embaixador Augusto de Castro Sampaio Côrte-Real», *Revista da Faculdade de Letras* [UP]. série de *História*, I (1970), pp. 109-133.

[16a] *Doutoramento “honoris causa”:* Victor António Augusto Nunes de Sá Machado, Porto, Faculdade de Medicina da UP, 1987.

[17] «Doutoramento solene de Maria Helena Cruz Coelho, José Maria Amado Mendes, Maria Manuela de Bastos Tavares Ribeiro, Fernanda Maria da Silva Dias Delgado Cravidão e Amadeu José de Figueiredo Carvalho Homem», *Biblos*, 70 (1994), pp. 558-578.

[18] «Doutoramento solene de Maria José Azevedo Santos, Irene Maria de Montezuma de Carvalho Mendes Vaquinhas, Maria Regina Dias Baptista Teixeira Anacleto e Nelson Correia Borges», *Biblos*, 70 (1994), pp. 578-604.

[18a] *Ensino (O) e a investigação do Direito em Portugal e a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Faculdade de Direito, 1999.

[19] *Estatutos da Universidade Aberta: no quadro da Lei n.º 108/88 de 24 de Setembro (Lei da Autonomia Universitária)*, Lisboa, [U. Aberta], 1994.

[20] «Estatutos da Universidade dos Açores», *Diário da República*, I sér. (1990/12/27), pp. 5.225-5.240.

[20a] «Estatutos da Universidade de Aveiro», Despacho normativo n.º 52/89, *Diário da República*, I sér., n.º 140 (1989/06/21), pp. 2.403-2.410.

[20b] «Estatutos da Universidade de Évora», Despacho Normativo n.º 84/89, *Diário da República*, I sér., n.º 200 (1989/08/31), pp. 3.715-3.725.

[21] *Estudos jurídicos e económicos em homenagem ao Professor João Lumbrales*, Lisboa, Faculdade de Direito da UL, 2000.

[21a] *Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Os primeiros 75 anos: 1911-1986*, Porto, Faculdade de Ciências, 2000.

[21b] *Faculdade de Ciências do Porto: 1762-1803-1837-1911*, [Porto], Faculdade de Ciências, 1969.

[22] FERNANDES (Raul Miguel Rosado), «Universidades em Lisboa», in *Dicionário de História de Portugal*, vol. IX, Suplemento/P-Z, coord. António BARRETO e Maria Filomena MÓNICA, Lisboa/Porto, Figueirinhas, 2000, pp. 574-577.

[22a] *Filhas de Minerva. As primeiras doutoradas das Faculdades da UP*, Porto, Universidade do Porto, 2004.

[22b] FONSECA (Fernando Taveira da), «Acerca das insígnias doutorais na Universidade de Coimbra. Breve nota sobre um episódio da vida académica», *Munda*, 18 (1989, Nov.), pp. 86-92.

[22c] GODINHO (Vitorino Magalhães), *Do Ofício e da Cidadania. Combates por uma Civilização da Dignidade*, Lisboa, Edições Távola Redonda, 1990.

[23] GOMES (Joaquim Ferreira), «"Ideologia" (A) oficial da Universidade de Coimbra em 1910, antes da proclamação da República: uma mistura do serviço de Deus e do serviço de Minerva», in [65], vol. 1, pp. 429-448.

[24] GOMES (Joaquim Ferreira), *Mulher (A) na Universidade de Coimbra. Alguns dados para uma investigação*, Coimbra, Almedina, 1987.

[25] GOMES (Joaquim Ferreira), *Universidade (A) de Coimbra durante a Primeira República (1910-1926). Alguns apontamentos*, Lisboa, I.I.E., 1990.

[26] GRILO (Maria João B. Bonina), «Emblemática (A) da Universidade de Lisboa», in [65], vol. 3, pp. 383-397.

[27] HOMEM (Amadeu Carvalho), *Ideia (A) republicana em Portugal: o contributo de Teófilo Braga*, Coimbra, Minerva, 1989.

[28] HOMEM (Armando Luís de Carvalho), «Dez anos de uma instituição universitária: Memória e projecto», *Anais da Universidade Autónoma de Lisboa/série História*, III-IV (1996-1997), pp. 331-338.

[29] HOMEM (Armando Luís de Carvalho), «Em torno do "historicismo neo-metódico", da Escola de Coimbra e do mais que adiante se verá», *Vértice* (1996, Jul.-Set.), pp. 127-131.

[30] HOMEM (Armando Luís de Carvalho), «Mulheres historiadoras no Portugal das últimas décadas (anos 50/anos 90)», in *Actas dos 3.ºs Cursos Internacionais de Verão de Cascais/1996*, vol. 1. *Mulher (A) e a Sociedade*, Cascais, Câmara Municipal, 1997, pp. 83-98.

[30a] HOMEM (Armando Luís de Carvalho), «Prólogo», in IDEM, *Portugal nos Finais da Idade Média: Estado, Instituições, Sociedade Política*, Lisboa, Horizonte, 1990, pp. 7-12.

[31] HOMEM (Armando Luís de Carvalho), «Tradições (As) académicas portuenses», *Público* (1998/05/20), Edição Porto/Caderno «Local», pp. 44.

[32] HOMEM (Armando Luís de Carvalho), «Tradições académicas portuenses: breves notas, vividas, de uma ‘História’ em criação», *Boletim da Universidade do Porto*, 9 (1991, Jun.), pp. 29-33.

[32a] HOMEM (Armando Luís de Carvalho), «25 (Os) anos da Faculdade de Letras: passado e presente», *Revista da Faculdade de Letras [UP]. História*, II sér., IV (1987), pp. 293-307.

[32b] *Hommage pour le 75e anniversaire du Professeur Boris ALPERN et discours de la cérémonie de docteur Honoris Causa du 28 octobre 1987*, ed. M. J. Lemos de SOUSA, Porto, Faculdade de Ciências/Departamento de Geologia, 1996.

[33] LOPES (António Rodrigues), *Sociedade (A) Académica Tradicional Coimbra*, Coimbra, s.e., 1982.

[34] LUCENA (Manuel de), «Monteiro, Armindo», in *Dicionário de História de Portugal*, vol. VIII, *Suplemento/F-O*, coord. António BARRETO e Maria Filomena MÓNICA, Lisboa/Porto, Figueirinhas, 1999, pp. 518-529.

[35] MARQUES (A. H. de Oliveira), *Ensaios de Historiografia Portuguesa*, Lisboa, Palas, 1988.

[36] MARQUES (A. H. de Oliveira), «Universidade (A) do Estado Novo. Memórias de um percurso universitário (1950-1964)», in [65], vol. 5, pp. 431-442.

[36a] MARQUES (A. H. de Oliveira) [coord.], GUINOTE (Paulo), MESQUITA (Pedro Teixeira) e DIAS (João José Alves), *Parlamentares e Ministros da 1.ª República (1910-1926)*, Lisboa/Porto, Assembleia da República/Edições Afrontamento, 2000.

[37] *Memoria Professorvm Vniversitatis Conimbrigensis: 1772-1937*, dir. Manuel Augusto RODRIGUES, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1992.

[38] MONCADA (Luís Cabral de), *Memórias: Ao longo de uma vida (Pessoas, factos, ideias). 1888-1974*, s.l., Verbo, 1992.

[39] MOREIRA (Adriano), «Universidades», in *Dicionário de História de Portugal*, vol. IX, *Suplemento/P-Z*, coord. António BARRETO e Maria Filomena MÓNICA, Lisboa/Porto, Figueirinhas, 2000, pp. 569-574.

[39a] NETO (Dulce), «Lutas (As) praxistas dos lentes da Universidade», *Jornal de Coimbra*, (1989/06/07), pp. 12-13.

[40] NIZA (José), *Um século de Fado. Fado de Coimbra*, vols. I e II, Alfragide, EDICLUBE, 1999.

[41] NOGUEIRA (José Artur Anes Duarte), *Direito Romano. Relatório sobre o Programa, o Conteúdo e os Métodos de Ensino*, Lisboa, Faculdade de Direito da UL, 2000 (Suplemento à *Revista da Faculdade de Direito* [1999]).

[42] «Novo traje universitário», *Boletim trimestral da Universidade de Lisboa* (1960, 3.º e 4.º trimestres), pp. 165-168.

[42a] NUNES (António), *Alma (A) Mater Conimbrigensis na Fotografia Antiga*, Coimbra, GAAC, 1990.

[42b] NUNES (António), «Em torno do cerimonial universitário coimbrão. Entre laicização e ressacralização», *Munda*, 30 (1995, Nov.), pp. 33-46.

[43] NUNES (António), *Sob o olhar de Témis. Quadros da História do Supremo Tribunal de Justiça*, Lisboa, Supremo Tribunal de Justiça, 2000.

[44] NUNES (António Manuel Martins), «Subsídio para o estudo genético-evolutivo do hábito talar na Universidade de Coimbra», in [65], vol. 3, pp. 399-419.

[44a] OSÓRIO (Helena Sanches), “*Um só rosto, uma sé Fé*”: *conversas com Adelino da Palma Carlos*, Lisboa, Edições Referendo, 1988.

[45] *Pôrto (O) e a sua Universidade: I Centenário da Faculdade de Medicina do Pôrto: MDCCCXXV-MDMXXXV [sic]*, Porto, s.e., 1925.

[46] PRATA (Manuel Alberto Carvalho), «Praxe (A) na Academia de Coimbra. Das práticas às representações», *Revista de História das Ideias*, 15 (1993), pp. 161-76

[47] PRIETO (Maria Helena), *Porta (A) de marfim (Evocação de Marcello Caetano)*, Lisboa/São Paulo, Verbo, 1992.

[48] RAMOS (Luís A. de Oliveira), «Sobre a identidade universitária do Norte de Portugal», *Revista de História*, do Centro de História da UP, VII (1986-1987), pp. 199-208.

[48a] REBELO (Fernando), *Reflexões sobre a Vida Universitária*, Coimbra, Minerva, 2004.

[49] *Remise à M. Carlrichard Brühl de son épée d'académicien*, s.l. [Paris], Comité d'organisation pour l'épée de M. Carlrichard Brühl, 1991.

[50] RIBEIRO (Fernando de Almeida), *Doutoramentos em Coimbra. Impugnação de cinco teses*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1950.

[51] RODRIGUES (Manuel Augusto), *Universidade (A) de Coimbra e os seus Reitores: para uma História da instituição*, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1990.

[52] RODRIGUES (Manuel Augusto), «Universidade (A) e os seus Reitores», in [65], vol. 3, pp. 83-97.

[52a] RODRIGUES (Manuel Augusto), *Universidade (A) nos seus Estatutos: da reforma de 1901 à Lei de Autonomia de 1988*, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1988.

[53] ROQUE (João Lourenço), «Coimbra na 2.^a metade do século XIX. Estudantes e sociabilidade urbana (Alguns aspectos)», in [65], vol. 3, pp. 257-275.

[54] SACADURA (Costa), «Trajes oficiais e sociais dos médicos: a propósito dum centenário», sep. de *O Médico*, n. 331, Lisboa, 1958.

[55] SANTOS (Boaventura de Sousa), *Um Discurso sobre as Ciências*, Porto, Afrontamento, 1987 (2.^a ed.: 1988).

[56] SANTOS (Cândido dos), *Mulher (A) e a Universidade do Porto. A propósito do centenário da formatura das primeiras médicas portuguesas*, Porto, Universidade do Porto, 1991.

[57] SANTOS (Cândido dos), *Universidade do Porto: Raízes e Memória da Instituição*, Porto, [U. Porto], s.d. [1997].

[58] SERRÃO (Joaquim Veríssimo), *Marcello Caetano: Confidências do Exílio*, Lisboa, Verbo, 1985.

[59] SERRÃO (Joaquim Veríssimo), *Universidade (A) Técnica de Lisboa*, vol. 1. *Primórdios da sua História*, Lisboa, Universidade Técnica, 1980.

[60] SERRÃO (Joaquim Veríssimo) e PEREIRA (Artur Torres), *Amar a Universidade e servir o País*, Lisboa, U. Lisboa, 1973.

[60a] *Sete Doutoramentos Honoris Causa pela Faculdade de Letras*, Lisboa, U. Lisboa, 1974.

[61] SOUSA (Marcelo Rebelo de), *Baltasar Rebelo de Sousa: Fotobiografia*, Venda Nova, Bertrand, 1999.

[61a] *Tomada de posse do Reitor da Universidade Nova de Lisboa, LUÍS SOUSA LOBO. Concessão de posse aos Vice-Reitores e Pró-Reitores, 4 de Fevereiro de 1999*, Lisboa, Reitoria da UNL, 1999.

[62] TORGAL (Luís Reis), «*Quid petis ? Os “doutoramentos” na Universidade de Coimbra*», *Revista de História das Ideias*, 15 (1993), pp. 177-316.

[63] TORGAL (Luís Reis), MENDES (José M. Amado) e CATROGA (Fernando), *História da História em Portugal: sécs. XIX-XX*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996.

[63a] *Universidade Nova de Lisboa: Honoris Causa 1998. Doutoramentos de: Eduardo Lourenço de Faria, Lucia Stegagno Picchio, Maria de Lurdes Belchior Pontes. Oração de Sapiência por Teresa Rita Lopes. 8 de Maio de 1998*, Lisboa, Reitoria da UNL, 1999.

[63b] *Universidade Nova de Lisboa: Honoris Causa 1999. Doutoramentos de: Geneviève Bouchon, Max Justo Guedes, Johannes Los, Santiago Grisolia. Oração de Sapiência por José Mattoso. 2 de Junho de 1999*, Lisboa, Reitoria da UNL, 2000.

[64] *Universidade (A) Técnica de Lisboa e os seus mestres: notas bio-bibliográficas*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1956.

[65] *Universidade(s). História, Memória, Perspectivas. Actas do Congresso “História da Universidade” (No 7.º Centenário da sua Fundação). 5 a 9 de Março de 1990, 5 vols.*, Coimbra, Comissão Organizadora do Congresso “História da Universidade”, 1991.

[66] VALENTE (Vasco Pulido), «Caetano, Marcelo», in *Dicionário de História de Portugal*, vol. VII, *Suplemento/A-E*, coord. António BARRETO e Maria Filomena MÓNICA, Lisboa/Porto, Figueirinhas, 1999, pp. 189-216.

[66a] VIEIRA (Joaquim), *Fotobiografias, Século XX: Marcello Caetano*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002.

[66b] VICENTE (António Pedro), «Franco em Portugal. O seu doutoramento honoris causa na Universidade de Coimbra», *Revista de História das Ideias*, 16 (1994), pp. 19-71. Reed. in IDEM, *Espanha e Portugal. Um Olhar sobre as Relações Peninsulares no Século XX*, Lisboa, Tribuna da História, 2003, pp. 265-318.

[67] XAVIER (Alberto), *História da Greve Académica de 1907*, Coimbra, Coimbra Editora, 1962.

Índice onomástico*

- Abbondanza**, Eduardo – p. 48.
- Abreu**, José Machado de – p. 23 (n. 43).
- Afonso XIII** (rei de Espanha) – p. 26.
- Alarcão**, (D.) João de – pp. 14 (n. 8), 23 (n. 43).
- Albuquerque**, Luís [Guilherme Mendonça] de – p. 23 (n. 43).
- Albuquerque**, Martim [Eduardo Côrte-Real] de – pp. 41, 42 (n. 134).
- Albuquerque**, Ruy [Manuel Côrte-Real] de – p. 41.
- Almeida**, António José de – pp. 22, 28.
- Almeida**, Carlos Ferreira de – p. 41 (n. 132).
- Almeida**, Fernando – pp. 43 (n. 140), 44 (n. 143), 50, 51, 54, 57, 59, 60.
- Almeida**, D. Fernando de – p. 40.
- Almeida**, José António Ferreira de – p. 40.
- Almeida**, Justino Mendes de – p. 40.
- Almofter**, Maria Alzira Bessa de (v. **Ferreira**, Maria Alzira Bessa de Almofter Moura).
- Almeida**, Manuel Lopes de – p. 39 (n. 122).
- Alonso**, Dâmaso – p. 40.
- Alves**, Dario – p. 18 (n. 28).
- Amaral**, Alberto Manuel de Sampaio e Castro – pp. 18 (n. 28), 30, 35, 36.
- Amaral**, Diogo [Pinto] Freitas do – p. 41 (n. 132).
- Amaral**, Ilídio Peres do – p. 42.
- Andrade**, Abel de – p. 37 (n. 114).
- Andresen**, Sophia de Mello Breyner – p. 26 (n. 59).

* Elaborado por Maria Isabel N. Miguéns de Carvalho Homem

- Araújo**, Renato – p. 50.
- Arriaga**, Manuel de – p. 23 (n. 43).
- Ascensão**, José de Oliveira – p. 41.
- Azevedo**, Ário Lobo de – p. 52.
- Balandier**, Georges – p. 21.
- Bandeira**, José Ramos – pp. 24-25 (n. 46), 31 (n. 86), 34.
- Barata**, J. P. – p. 60.
- Barbosa**, José Ângelo da Mota Novais – p. 30.
- Barros Júnior**, Manuel Corrêa de – pp. 18 (n. 28), 30 (n. 75).
- Barroso**, José Manuel Durão – p. 35 (n. 107).
- Bataillon**, Marcel – p. 40.
- Beato**, Maria Gabriela de Lemos Pereira – p. 23 (n. 41).
- Belchior**, Maria de Lourdes – pp. 23 (n. 41), 40.
- Beleza**, Teresa Pizarro – p. 41.
- Belo**, [D.] Carlos Filipe Ximenes – pp. 26 (n. 59), 35 (n. 108).
- Biot**, Pierre – p. 40.
- Borges**, Júlio Ferry – p. 35.
- Braga**, Carlos Alberto Lloyd – p. 54 (n. 162).
- Braga**, Teófilo [Joaquim Fernandes] – pp. 17 (n. 23), 39.
- Branco**, Fernando Aguiar – p. 27.
- Breyner**, Sophia de Mello (v. **Andresen**, Sophia de Mello Breyner).
- Brito**, Alberto Carlos de – p. 18 (n. 29).
- Brojo**, António Pinho de – pp. 24-25 (n. 46).
- Brühl**, Carlrichard – p. 21 (n. 36).
- Cabral**, [Artur Freire de] Sacadura – p. 26 (n. 54).
- Caeiro**, Francisco [José] da Gama – p. 40.
- Caetano**, Marcello [José das Neves Alves] – pp. 18 (n. 27), 25 (n. 46), 30 (n. 75), 37 (n. 114), 38, 39 (nn. 121 e 122), 40, 42 (n. 135), 43, 47 (n. 148), 66, 72.
- Café Filho**, João – p. 26.

Cardia, Mário [Augusto] Sottomayor [Leal] – p. 57 (n. 171).

Cardoso, Fernando Henrique – p. 26.

Carlos, Adelino Hermitério da Palma – p. 39.

Carmo, Maria do – p. 53.

Carneiro, Roberto [Artur da Luz] – p. 57 (n. 172).

Carstens, Karl – p. 26.

Carvalho, Joaquim Coelho de – p. 23 (n. 43).

Castro, Augusto de (v. **Côrte-Real**, Augusto de Castro Sampaio).

Caupers, João – p. 41 (n. 132).

Cela, Camilo José – p. 26 (n. 59).

Cerejeira, (D.) Manuel Gonçalves – pp. 24 (n. 43), 25 (n. 50).

Cidade, Hernâni António – p. 40 (n. 126).

Coelho, Eduardo – pp. 17 (n. 25), 39 (n. 122).

Coelho, Jacinto de Almeida do Prado (v. **Prado-Coelho**, Jacinto de Almeida do).

Coelho, José Gabriel Pinto – p. 37 (n. 114).

Colaço, Isabel Maria de Almeida Tello de Magalhães – pp. 23 (n. 41), 39, 40 (n. 125), 41.

Colaço, [João Tello de] Magalhães – pp. 27 (n. 65), 37 (n. 114).

Cordeiro, António [Manuel da Rocha e] Menezes – p. 41 (n. 132).

Corrêa, António Augusto Esteves Mendes – p. 34 (n. 99).

Correia, António Arruda Ferrer – p. 35 (n. 106).

Correia, Joaquim Emídio de Oliveira – p. 58.

Correia, José Manuel [Ribeiro] Sérvulo – p. 41.

Correia, Maximino José de Morais – p. 24 (n. 43).

Côrte-Real, Augusto de Castro Sampaio – p. 26 (n. 59).

Côrte-Real, Carlos [Adelino Campelo de Andrade] Pamplona – p. 41.

Costa, Afonso – p. 37 (n. 114).

Costa, Alfredo Jorge Nobre da – p. 54 (n. 162).

Costa, Fernão Couceiro da – p. 34.

- Costa**, Helena Moreira de Sá e – p. 31 (n. 85).
- Costa**, Horácio da Maia Ferreira e – p. 32 (n. 91).
- Costa**, Madalena Moreira de Sá e – p. 31 (n. 85).
- Costa**, Rui Gustavo Couceiro da – p. 25.
- Coutinho**, Carlos Viegas Gago – p. 26 (n. 54).
- Crespo**, Vítor Pereira – p. 32 (n. 90).
- Cruz**, António [Augusto Ferreira da] –pp. 18 (n. 30), 34 (n. 99).
- Cunha**, Aníbal – p. 29 (n. 71).
- Cunha**, Augusto José da – p. 42.
- Cunha**, Hélder de Mendonça e – p. 27 (n. 61).
- Cunha**, Paulo [Arsénio Veríssimo da] – p. 40.
- Cunha**, Paulo Manuel de Pitta e – p. 41.
- Delors**, Jacques – p. 26 (n. 59).
- Delumeau**, Jean – p. 35 (n. 104).
- Diaz**, (Generalíssimo) Armando – p. 26 (n. 54).
- Dorrien**, (General) Horace Lockwood Smith – p. 26 (n. 54).
- Eanes**, António dos Santos Ramalho – p. 26 (n. 59).
- Eco**, Umberto – p. 67 (n. 185).
- Ehrard**, Ludwig – p. 26.
- Encarnação**, Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos – p. 21 (n. 34).
- Enes**, José – p. 48.
- Estermann**, Carlos – p. 40 (n. 128).
- Fanfani**, Amintore – p. 26.
- Fernandes**, Henrique Barahona – p. 42.
- Fernandes**, Raul Miguel Rosado – p. 43.
- Ferreira**, Eduardo Paz – p. 41.
- Ferreira**, José Dias – p. 21 (n. 34).
- Ferreira**, José Eugénio – p. 21 (n. 34).
- Ferreira**, Manuel Joaquim – p. 34.
- Ferreira**, Maria Alzira Bessa de Almoster Moura – p. 23 (n. 41).

Ferreira, Vergílio – p. 27 (n. 60).
Figueiredo, António – p. 18 (n. 28).
Flor, Júlia Dias Ferreira de Almeida – p. 21 (n. 34).
Fragata SJ, Júlio Moreira – p. 59 (n. 179).
Franco, António [Luciano Pacheco] de Sousa – p. 41.
Franco y Bahamonde, Francisco – p. 26.
Freire, António Caetano de Abreu (v. **Moniz**, Egas)
Freire, Basílio Augusto Soares da Costa – p. 14 (n. 6).
Freitas, José Lebre de – p. 41 (n. 132).
Garcia, Maria da Glória Dias – p. 42.
Gil, Vítor Manuel Simões – p. 50.
Girão, Aristides de Amorim – pp. 25, 27 (n. 63).
Godinho, Vitorino Magalhães – pp. 54, 55 (n. 165).
Gomes, António Luís – p. 23 (n. 43).
Gomes, Ruy Luís – pp. 18 (n. 28), 23 (n. 43), 25 (n. 47).
Gorbachov, Mikhail – p. 26 (n. 59).
Guerreiro, Manuel Gomes – p. 49.
Guimarães, Bernardino Luís Machado (v. **Machado**, Bernardino).
Guimarães, José Joaquim de Oliveira – pp. 24 (n. 45), 39.
Guimarães, Luís – pp. 41, 42 (n. 135).
Guimarães, Luís José de Pina (v. **Pina**, Luís de).
Gusmão, Xanana – pp. 26 (n. 59), 35 (n. 108).
Guterres, António Manuel de Oliveira – p. 35 (n. 107).
Haendel, Georg-Friedrich – p. 27.
Havelange, João – p. 26 (nn. 54 e 59).
Henrique, Infante D. – p. 38.
Henriques, Júlio – p. 14 (n. 6).
Homem, António Pedro Nina Barbas – p. 40 (n. 127).
Horta, José Ramos (v. **Ramos-Horta**, José).
João Paulo II – p. 26.

- Jobim**, António Carlos (*Tom*) – p. 26 (n. 59).
- Joffre**, (Marechal) Joseph [Jacques Césarius] – p. 26 (n. 54).
- Jorge**, Fernando de Sandy Lopes Pessoa – p. 42 (n. 135).
- Jorge**, Frederico – p. 44.
- Jourda**, Pierre – p. 40 (n. 128).
- Juan Carlos I** (rei de Espanha) – p. 26.
- Kantorowicz**, Ernst Hartwig – p. 11.
- Kiesinger**, Kurt-Georg – p. 26.
- Kubitschek**, Juscelino (v. **Oliveira**, Juscelino Kubitschek de).
- Lapa**, Manuel Rodrigues – p. 36 (n. 112).
- Le Bras**, Gabriel – p. 21 (n. 36).
- Leal**, Francisco Pinto da Cunha – p. 23 (n. 43).
- Leite (Lumbrales)**, João Pinto da Costa (v. **Lumbrales**, João Pinto da Costa Leite)
- Leite**, Manuela Ferreira – p. 21 (n. 34).
- Lemos**, Vítor Hugo Duarte de – p. 42.
- Lima**, Fernando de Andrade Pires de – p. 25.
- Lima**, Jorge Reis – p. 30 (n. 75).
- Lima**, José Caetano Lobo d'Ávila – p. 37 (n. 114).
- Lima**, Sílvio Vieira Mendes de – p. 25.
- Lino**, Raul – p. 38 (n. 120).
- Lobo**, Gumersindo Sarmiento da Costa – p. 25.
- Lopes**, Eduardo – p. 33.
- Lopez Rodó**, Laureano – p. 26.
- Lumbrales**, João Pinto da Costa Leite – pp. 25, 39.
- Macedo**, Jorge Borges de – p. 40 (n. 129).
- Machado**, Adriano Abreu Cardoso – pp. 17 (n. 23), 23 (n. 43).
- Machado**, Bernardino – p. 21 (n. 34).
- Machado**, Victor [António Augusto Nunes] de Sá – pp. 26 (n. 59), 35 (n. 106).

- Magalhães**, [José] Alfredo [Mendes] de – p. 18 (n. 28).
- Manuel**, Passos [= Manuel da Silva Passos] – p. 13.
- Maria II** (D.) – p. 16.
- Marques**, A. H. de Oliveira – pp. 37, 40.
- Marques**, José Dias – p. 41.
- Martínez**, Pedro Mário Soares – pp. 39, 41.
- Martínez**, Pedro [Nuno Tavares] Romano [e Soares] – p. 41 (n. 132).
- Martins**, Joaquim Pedro – p. 37 (n. 114).
- Martins**, José de Sousa – pp. 16, 17 (n. 27).
- Martins**, [D.] Manuel da Silva – p. 26 (n. 59).
- Mata**, Joel Silva Ferreira – p. 61 (n. 182).
- Matos**, Armando [de Araújo Martins] Campos e – pp. 18 (n. 28), 32 (n. 91), 34.
- Matos**, Arnaldo Mendes Norton de – p. 23 (n. 43).
- Matta**, José Caeiro da – pp. 37 (n. 114), 44 (n. 138).
- Medeiros**, José Cristiano de – p. 27.
- Medeiros**, Walter de Sousa – pp. 11, 69.
- Medina**, Henrique – p. 41 (n. 132).
- Melo**, Eurico [Teixeira] de – p. 26 (n. 59).
- Melo**, Sebastião José de Carvalho e (v. **Pombal**, Marquês de).
- Meneses**, Avelino de Freitas – p. 48 (n. 153).
- Merêa**, [Manoel] Paulo – p. 37 (n. 114).
- Michaëlis**, Carolina (v. **Vasconcelos**, Carolina Michaëlis de).
- Miranda**, Jorge [Manuel Moura Loureiro de] – pp. 40 (n. 127), 41 (n. 132).
- Moncada**, Luís Cabral de [Oliveira] – pp. 25, 26 (n. 56), 27 (n. 65).
- Moniz**, Jaime Constantino de Freitas – p. 13.
- Moniz**, José Estêvão Abranches Couceiro do Canto – p. 30 (n. 75).
- Monteiro**, Armindo [Rodrigues de Sttau] – p. 37 (n. 114).
- Monteiro**, José Gouveia – p. 24 (n. 43).

- Monteiro**, Ramiro Ladeiro – p. 40 (n. 127).
- Montenegro**, Artur de Miranda – p. 37 (n. 114).
- Moreira**, José António – p. 50.
- Moreira**, José Carlos Martins – pp. 25, 38.
- Moreira**, Manuel Ricardo Falcão – p. 30 (n. 75).
- Morgado**, Cândido Passos – p. 51.
- Moura**, Abel de – pp. 17 (n. 23), 18 (n. 28).
- Moura**, José Barata – p. 43 (n. 135a).
- Moura**, Francisco [José Cruz] Pereira de – p. 40 (n. 127).
- Nadal**, Emília – p. 60.
- Nascimento**, Hermínio do – p. 30.
- Nemésio**, Vitorino – p. 40 (n. 129).
- Neves**, Tancredo – p. 26 (n. 58).
- Nobre**, Augusto Pereira – p. 18 (n. 28).
- Nogueira**, Bernardo Guimarães Fisher de Sá (v. **Sá-Nogueira**, Bernardo Guimarães Fisher de)
- Nogueira**, [D.] Eurico Dias – p. 26 (n. 59).
- Nogueira**, José Artur Anes Duarte – p. 41.
- Nunes**, António Manuel Martins – p. 23 (n. 41).
- Nunes**, Eduardo Alexandre Borges – p. 40.
- Oliveira**, Juscelino Kubitschek de – p. 26.
- Oliveira**, Manoel de – p. 26 (n. 59).
- Ortigão**, [José Duarte] Ramalho – p. 15.
- Osório**, D. João de Alarcão Velasques Sarmento (v. **Alarcão**, D. João de).
- Otero**, Paulo Manuel da Costa – p. 41 (n. 132).
- Pacheco**, António de Faria Carneiro – p. 37 (n. 114).
- Pais**, Sidónio [Bernardino Cardoso da Silva] – pp. 21 (n. 34), 28.
- Palma**, [Maria] Fernanda [dos Santos Martins da] – p. 41 (n. 132).
- Passos**, Manuel da Silva (v. **Manuel**, Passos).

- Paulo**, Leopoldina Ferreira – pp. 23 (n. 41), 31 (n. 86), 34.
- Paxeco**, Maria Elza – p. 23 (n. 41).
- Pedro V** (D.) – p. 13.
- Perdigão**, José de Azeredo – pp. 26-27 (n. 59), 40 (n. 129).
- Pereira**, André [Roberto Delaunay] Gonçalves – p. 41 (n. 131).
- Pereira**, António de Sousa – p. 18 (n. 28).
- Pereira**, Aristides – p. 26.
- Pereira**, Judite dos Santos – pp. 23 (n. 41), 31 (n. 86), 34.
- Pereira**, Manuel Serras – p. 25.
- Pereira**, [Maria] Fernanda [dos Santos Martins da] Palma (v. **Palma**, [Maria] Fernanda [dos Santos Martins da]).
- Pereira**, Maria Helena Monteiro da Rocha – p. 22 (n. 41).
- Pérez de Cuellar**, Javier – p. 26.
- Pimentel**, Júlio Máximo de Oliveira, visconde de Vila Maior – p. 24 (n. 43).
- Pina**, José Esperança – p. 55 (n. 167).
- Pina**, Luís de – p. 17 (n. 25).
- Pinho**, Cândido Augusto Correia de – p. 18 (n. 28).
- Pinto**, Alexandre Alberto de Sousa – p. 18 (n. 28).
- Pinto**, Basílio Alberto de Sousa, visconde de S. Jerónimo – p. 14.
- Pinto**, José Magalhães – p. 26 (n. 59).
- Pires**, António Machado – p. 48.
- Plácido**, Alberto Eduardo – p. 18 (n. 28).
- Policarpo**, [D.] José da Cruz – p. 35 (n. 107).
- Pombal**, [Marquês de] – p. 15.
- Pontes**, Maria de Lourdes Belchior (v. **Belchior**, Maria de Lourdes).
- Prado-Coelho**, Jacinto de Almeida do – p. 40 (n. 129).
- Prieto**, Maria Helena Dinis de Teves Costa de Ureña e – p. 39 (n. 121).
- Prista**, Luís Vasco Nogueira – p. 30 (n. 78).
- Quadros**, [Canuto Joaquim] Fausto de – p. 41 (n. 132).

- Ramos**, Luís António de Oliveira – pp. 18 (n. 28), 30, 32 (n. 90), 34.
- Ramos-Horta**, José – pp. 26 (n. 59), 35 (n. 108).
- Rapazote**, António Gonçalves – p. 30 (n. 75).
- Rau**, Virgínia Roberts – p. 23 (n. 41).
- Reis**, José Pereira – p. 17 (n. 27).
- Reis**, Manuel dos – p. 25.
- Rema OFM**, Henrique Pinto – p. 59 (n. 178).
- Resende**, Júlio – p. 18 (n. 28).
- Ribeiro**, Fernando Duarte Silva de Almeida – pp. 14 (n. 6), 24 (n. 43).
- Ribeiro**, José Joaquim Teixeira – p. 24 (n. 43).
- Ribeiro**, Orlando [da Cunha] – p. 40 (n. 129).
- Rico**, José Manuel Gião Toscano – pp. 40 (n. 127), 43.
- Rino**, Jorge [Manuel Estima de Almeida] – p. 50 (nn. 156 e 157).
- Rocha**, Andrée-Jeanne-Françoise Crabbé – pp. 23 (n. 41), 40 (n. 125).
- Rocha**, Armando Vasconcelos Laroze – pp. 30 (n. 75), 34.
- Rodrigues**, Ana Maria Seabra de Almeida – p. 54 (n. 164).
- Rodrigues**, António Augusto Gonçalves – p. 40 (n. 129).
- Rodrigues**, António José Adriano – p. 18 (n. 28).
- Rodrigues**, José Maria – pp. 17 (n. 23), 24 (n. 45), 39.
- Rodrigues**, Manuel Maria Sarmiento – p. 44 (n. 144).
- Rodrigues Júnior**, Manuel – p. 37 (n. 114).
- Roseira**, Arnaldo Deodato da Fonseca – pp. 31 (n. 86), 34.
- Rosenthal**, Erwin Theodor – p. 40.
- Salazar**, Ana – p. 56.
- Salazar**, António de Oliveira – pp. 17 (n. 25), 26 (n. 55).
- Salgado**, José Pereira – pp. 18 (n. 28), 29.
- Salgado Júnior**, António de Freitas Faria – p. 34 (n. 97).
- Sá-Nogueira**, Bernardo Guimarães Fisher de – p. 19 (n. 31).
- Sanches**, José Luís Saldanha – p. 41.
- Santos**, António Marques dos – p. 41.

- Santos**, Boaventura de Sousa – p. 28 (n. 68).
- Santos**, Cândido Augusto Dias dos – p. 33.
- Santos**, Eugénio Francisco dos – p. 30 (n. 75).
- Santos**, Maria Serpa dos – pp. 23 (n. 41), 24 (n. 46), 31 (n. 86).
- Santos Júnior**, Joaquim Rodrigues dos – pp. 31 (n. 86), 34.
- Saraiva**, Alberto da Rocha – p. 37 (n. 114).
- Saraiva**, António José – p. 40 (n. 125).
- Saraiva**, José Hermano – p. 30 (n. 75).
- Sarmiento**, Joaquim Augusto Ribeiro – pp. 31 (n. 86), 33 (n. 96), 34.
- Sarney**, José – p. 26.
- Sartzetakis**, Christos – pp. 26-27 (n. 59).
- Serra**, Adriano Pais da Silva Vaz – p. 25.
- Serrão**, Joaquim Veríssimo – pp. 39, 40, 42.
- Silva**, Aníbal Cavaco – p. 57 (n. 172).
- Silva**, Armando Coelho Ferreira da – p. 31 (n. 81).
- Silva**, Cipriano de Oliveira e – p. 33.
- Silva**, Fernando Emygdio da – p. 37 (n. 114).
- Silva**, [George] Agostinho [Baptista] da – p. 34 (n. 97).
- Silva**, João da – p. 33.
- Silva**, João José Rodilhes Fraústio da – p. 54.
- Silva**, Lúcio Craveiro da – p. 54 (n. 163).
- Silva**, Manuel José dos Santos – p. 52 (n. 158a).
- Silva**, Vasco Pereira da – p. 42.
- Silva**, Vitorino Nemésio Mendes Pinheiro da (v. **Nemésio**, Vitorino).
- Silveira**, Manuel José de Arriaga Brun da (v. **Arriaga**, Manuel de).
- Simão**, José Veiga – p. 45.
- Simões**, António Augusto da Costa – p. 23 (n. 43).
- Soares**, Mário Alberto Nobre Lopes – pp. 26 (nn. 55 e 59), 35, 57 (n. 171).
- Sofia** (rainha de Espanha) – p. 26 (n. 59).

- Sousa**, Marcelo [Nuno Duarte] Rebelo de – pp. 40 (n. 127), 41.
- Sousa**, Miguel Teixeira de – p. 41 (n. 132).
- Souto**, Agostinho António do – p. 16 (n. 19).
- Souza**, Jayme Eduardo Rios de – pp. 30 (n. 75), 31 (n. 86), 34.
- Soveral**, Carlos Eduardo de – p. 39 (n. 122).
- Spadolini**, Giovanni – p. 26.
- Suggia**, Guilhermina – p. 31 (n. 85).
- Tamagnini**, Eusébio (v. **Encarnação**, Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos)
- Tavares**, Amândio Gomes de Sampayo – p. 29 (n. 74).
- Tavares**, Amândio Joaquim – pp. 18 (n. 28), 29.
- Tavares**, Domingos – p. 31 (n. 82).
- Távora**, Fernando [Luís Cardoso de Meneses e Tavares de] – pp. 27, 35.
- Teixeira**, Francisco Gomes – pp. 17 (n. 23), 18 (n. 28), 33.
- Teixeira**, Luís – p. 61 (n. 182).
- Telles**, Inocência Galvão – p. 39 (n. 120a).
- Thomaz**, Américo Deus Rodrigues – pp. 30 (n. 75), 39 (n. 122).
- Trindade**, Armando Rocha – p. 47.
- Ulrich**, Ruy Ennes – p. 37 (n. 114).
- Valério**, Nuno João Oliveira – pp. 44 (nn. 141 e 142), 45 (n. 147).
- Velez**, Maria – p. 55 (n. 167).
- Vasconcelos**, António Garcia Ribeiro de – p. 25.
- Vasconcelos**, Carolina Michaëlis de – p. 22 (n. 41).
- Viegas**, António dos Santos – p. 14 (n. 6).
- Vilhena**, Henrique Jardim de – p. 23 (n. 43).
- Vital**, Domingos Fezas – p. 37 (n. 114).
- Weiszäker**, Richard von – p. 26.

Posfácio

Manifestando o meu júbilo pelo surgimento do livro O Traje dos Lentes: Memória para a História da Veste dos Universitários Portugueses (Séculos XIX-XX), saúdo o seu Autor pela profundidade e pela qualidade da pesquisa realizada, bem como pela perspicácia e oportunidade das apreciações e também pelo agradável e discreto humor de que revestiu os comentários apresentados que, estou certo, irão interessar vivamente os leitores.

Ficamos a saber que o traje dos lentes - por nós usado com respeito e muitas vezes com a convicção de tratar-se de um símbolo adequada e completamente regulamentado, pelo menos por uma tradição longamente cumprida na Universidade - tem estado afinal sujeito a importantes modificações, não apenas resultantes de adaptações decorrentes do evoluir dos tempos, mas muito particularmente por contribuições pontuais resultantes de decisões meramente pessoais de adaptação do talhe e adereços a processos específicos de confecção e à utilização de complementos decorativos mais fáceis de obter no mercado ou de mais baixo custo.

Na Universidade do Porto, após um longo período de discussão iniciado em 1997, o senado aprovou finalmente um novo traje para os professores. Trata-se agora de um «traje doutoral», a ser usado pelos doutores pela Universidade do Porto, pelos professores doutorados por outras universidades enquanto exerçam funções na Universidade do Porto e por professores jubilados e aposentados a quem seja conferido, para este efeito, um estatuto equivalente. Apresentando-se como uma simplificação do anterior, é constituído por uma túnica de côr preta, lisa na parte da frente e com um macho e duas pregas nas costas, com mangas lisas e largas na parte de baixo, levando um folho, à sua volta, no ombro. Como acessório, será usado um cinto de seda, com duas pontas a que se prendem duas borlas com as cores da faculdade ou, em alternativa, pretas. Nas cerimónias em que haja lugar ao uso de insígnias, o traje doutoral será completado com um colar, tipo escapulário, da côr, ou cores, da faculdade e com a medalha da Universidade.

Espera-se que este seja um contributo para a clarificação e estabilização do traje doutoral e da sua utilização por um número crescente de doutores da Universidade nos actos académicos. O cerimonial destes actos também tem sido objecto de regulamentação, procurando dar-lhes um conteúdo mais adaptado aos objectivos que com eles se pretende atingir e uma organização geral e colorido que mobilizem as pessoas a participar nestes eventos tão importantes para a promoção da identidade da Universidade.

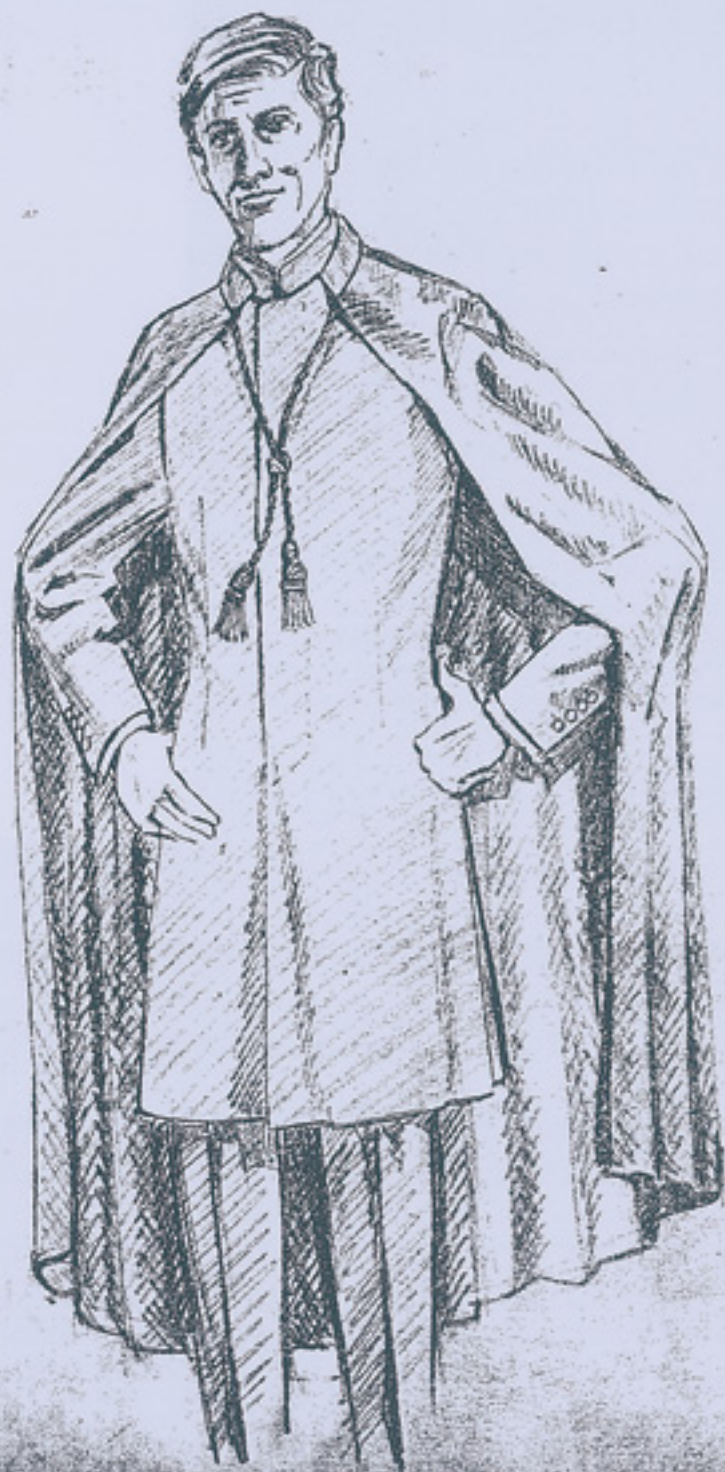
Assim se escreverá mais uma página neste interessante memorial do traje - dos lentes, académico ou doutoral - fazendo votos por que, mais tarde, alguém com a inspiração que o Prof. A. L. de Carvalho Homem manifesta neste seu livro faça a história de mais alguns lustros de evolução das vestes e dos cerimoniais académicos.

Porto, Janeiro de 2003

José Novais Barbosa

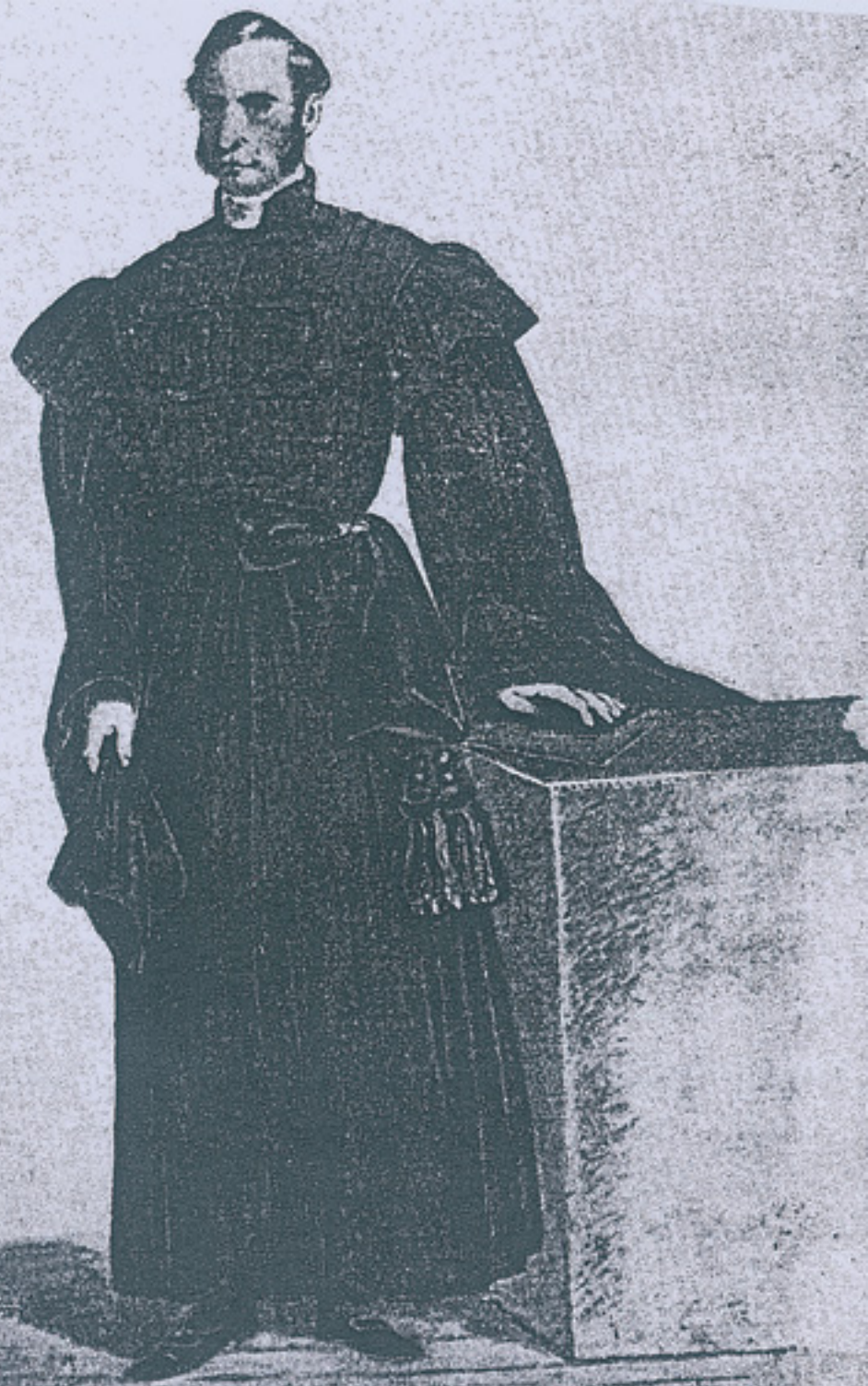
Índice Geral

	Págs.
-	3
- Dedicatória	5
- Sumário	7
1. Nota prévia	13
2. Heranças de Oitocentos	21
3. Coimbra, 1910 ss.	29
As Universidades da primeira metade do século XX	29
a) A Universidade do Porto	36
b) A Universidade de Lisboa	43
4. c) A Universidade Técnica de Lisboa	47
5. As “novas” Universidades (1973 ss.)	57
6. O Ensino Superior Privado, Cooperativo e Concordatário	65
7. Notas conclusivas	67
- A fechar	69
- Apêndice	73
- Fontes Impressas e Bibliografia	85
- Índice antroponímico	95
<i>Poslácio</i> , por José Novais Barbosa	

















DR. SOUSA MARTINS

SERRANO



MAG. COVINTINHO















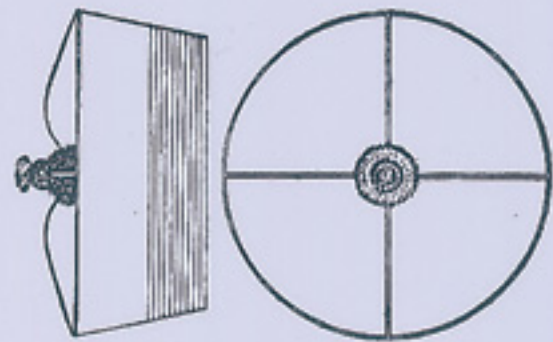
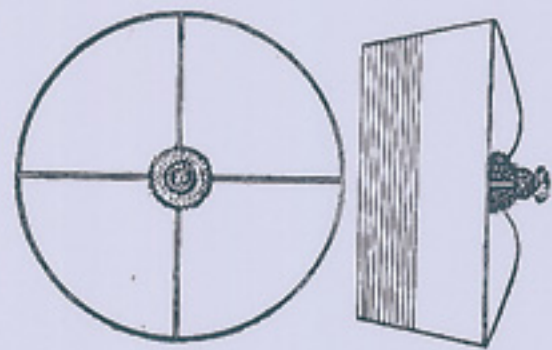
























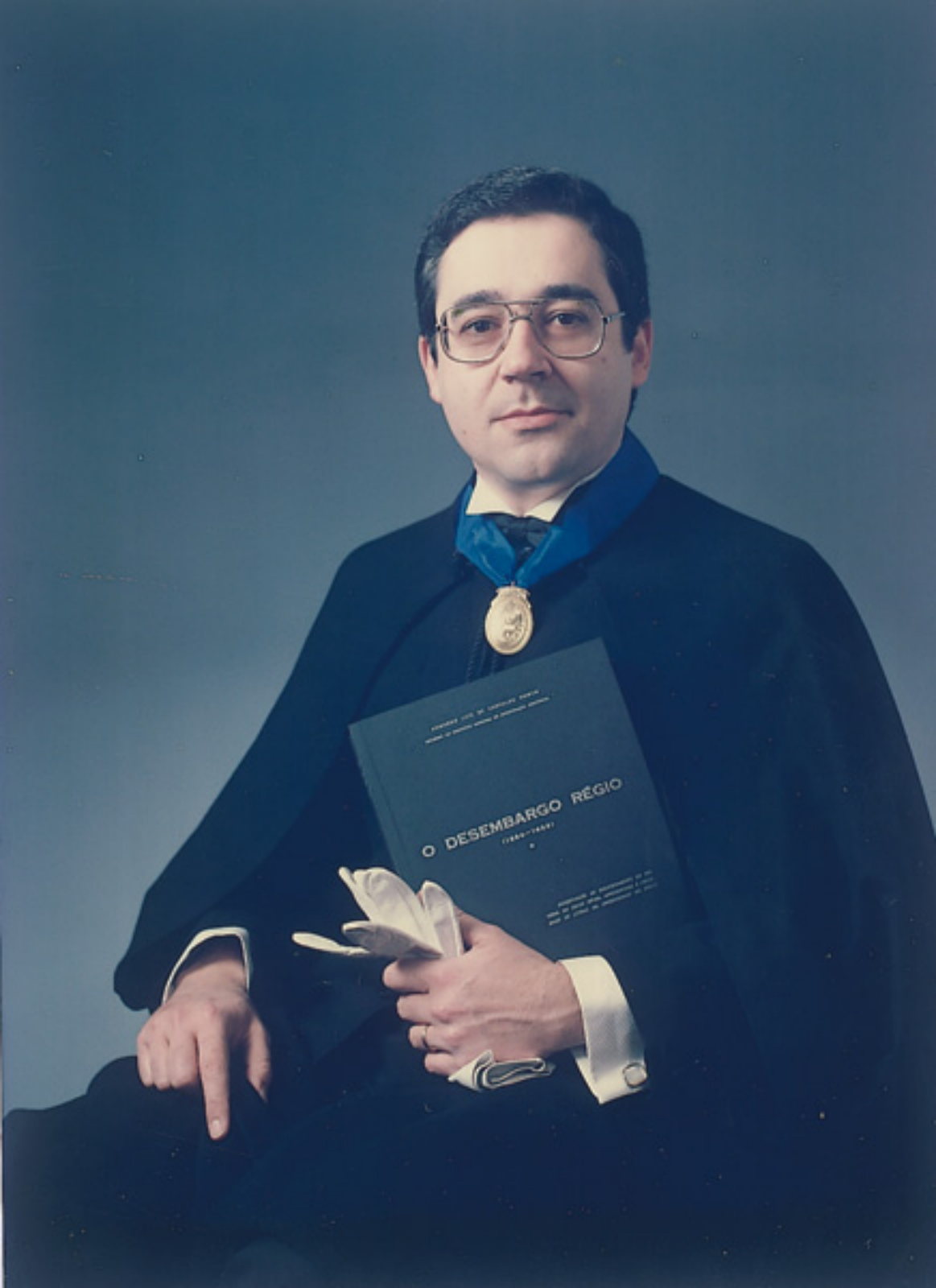












INSTITUTO DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

O DESEMBARGO RÉGIO
(1980-1981)

EDITADO POR
MARCOS ANTONIO DE MOURA
E
MARCOS ANTONIO DE MOURA













AUDITORIO A

















Foto: D. G. M.
Cattedrale di Cava









(Frente)



(Costas)

Insignias doutorais

Barrete



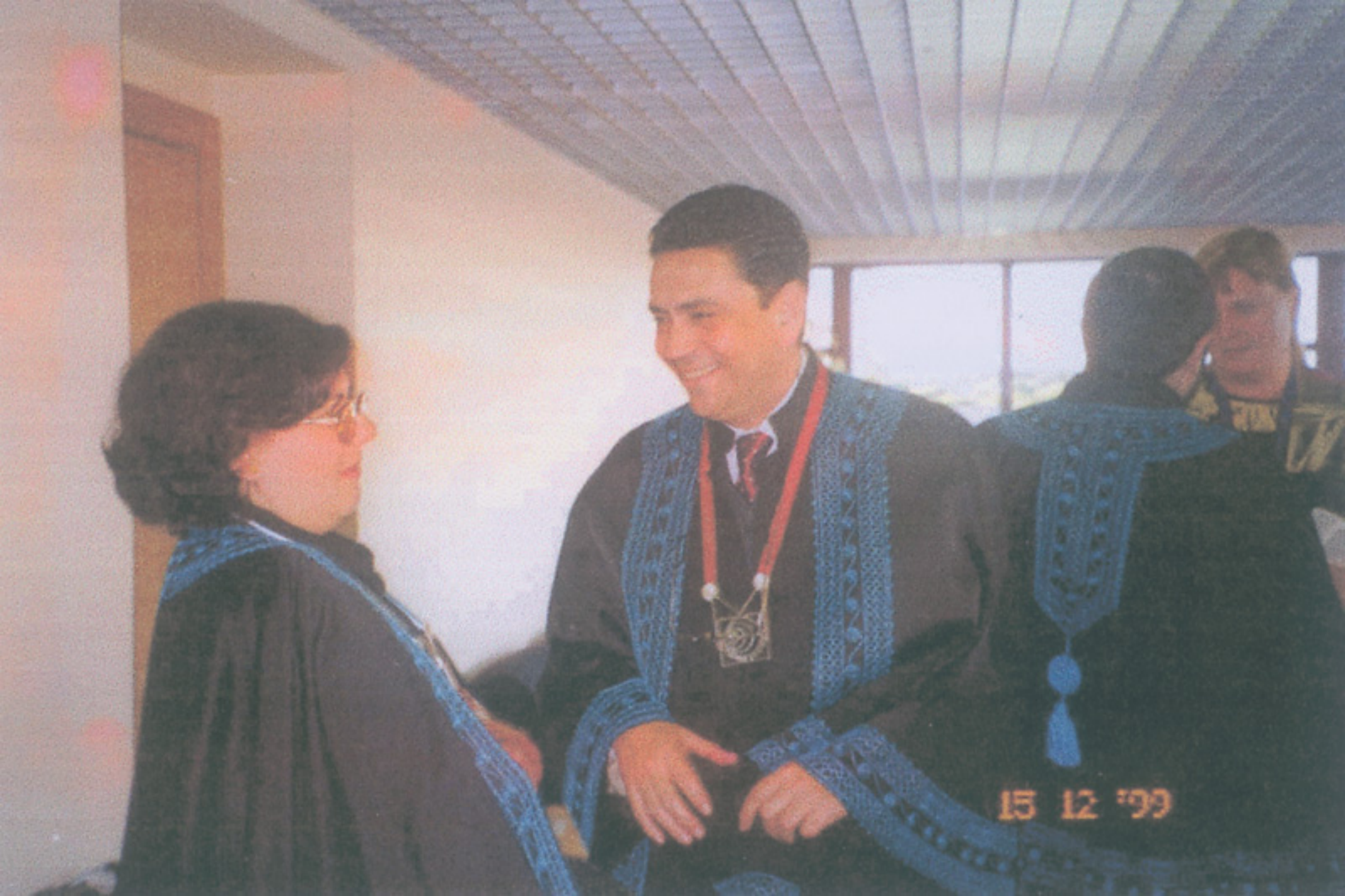
Capelo



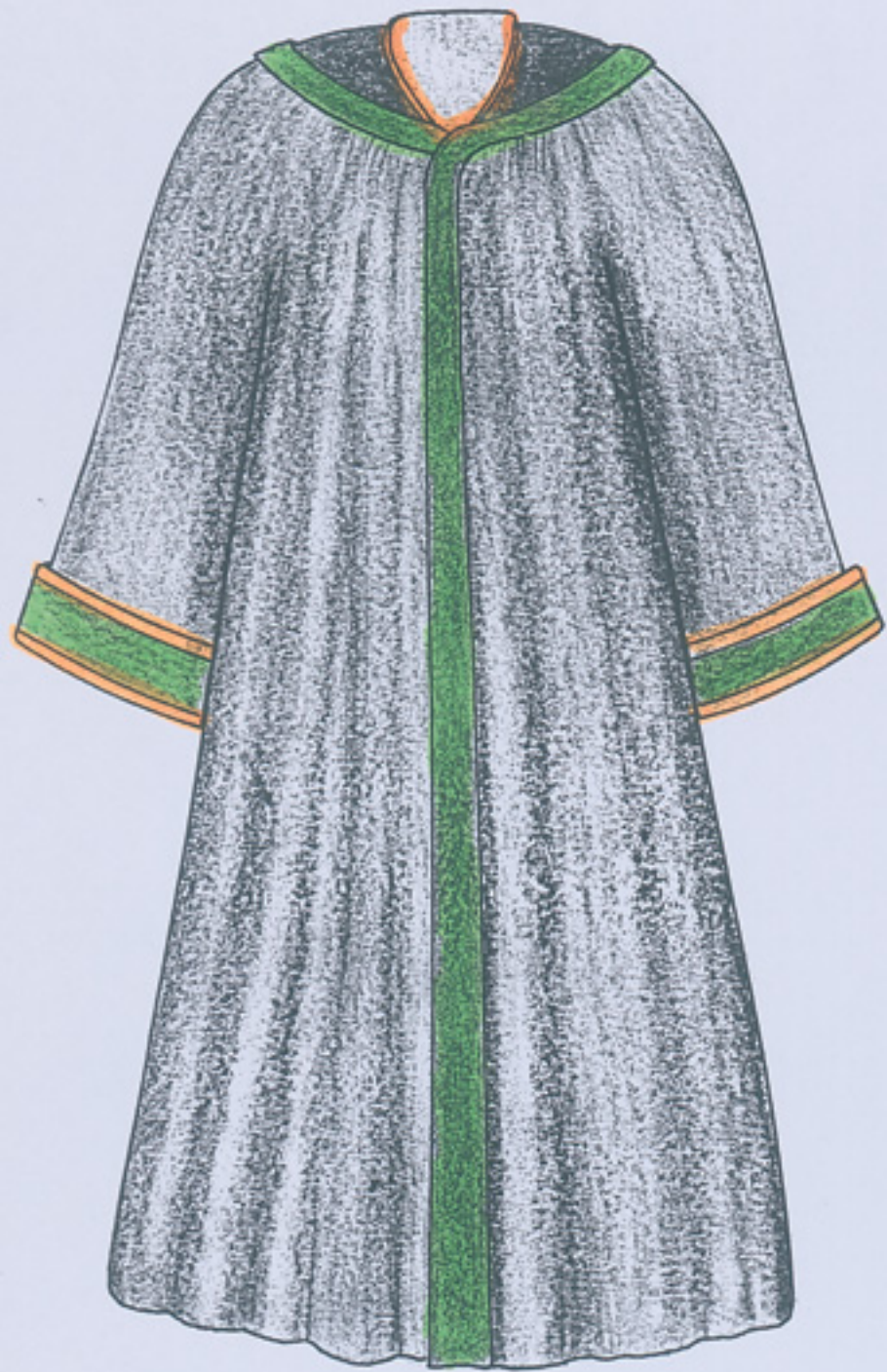
(Frente)

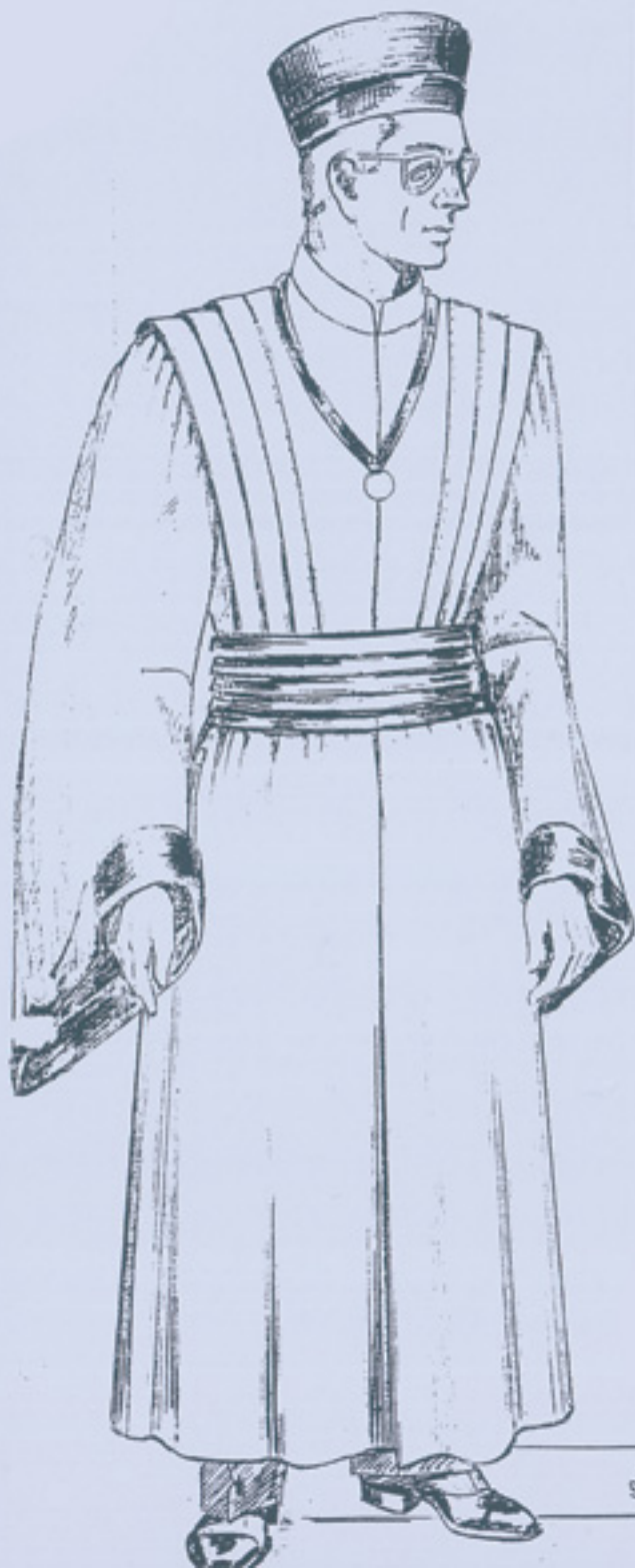


(Costas)



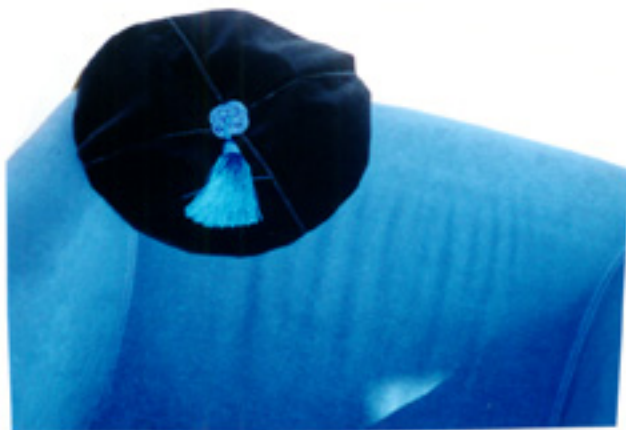
15 12 '99



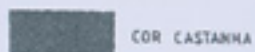
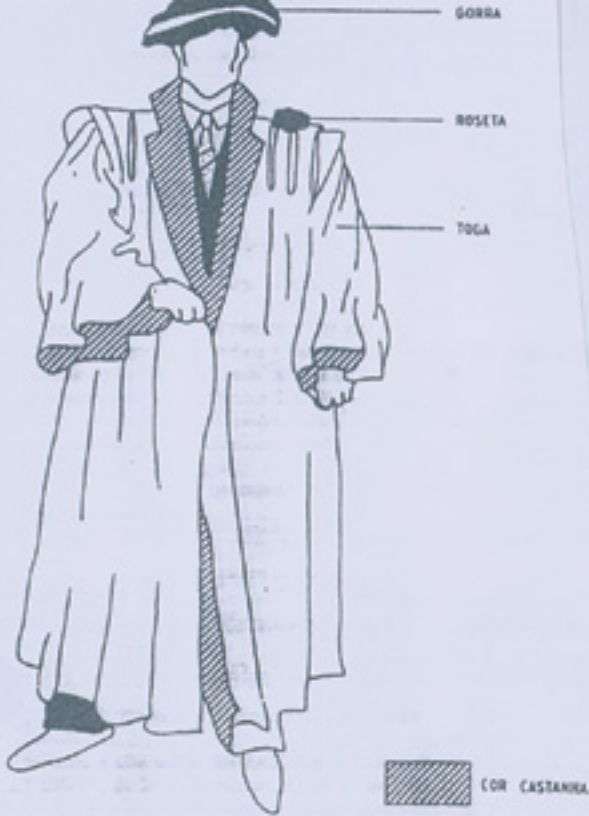


10 cm







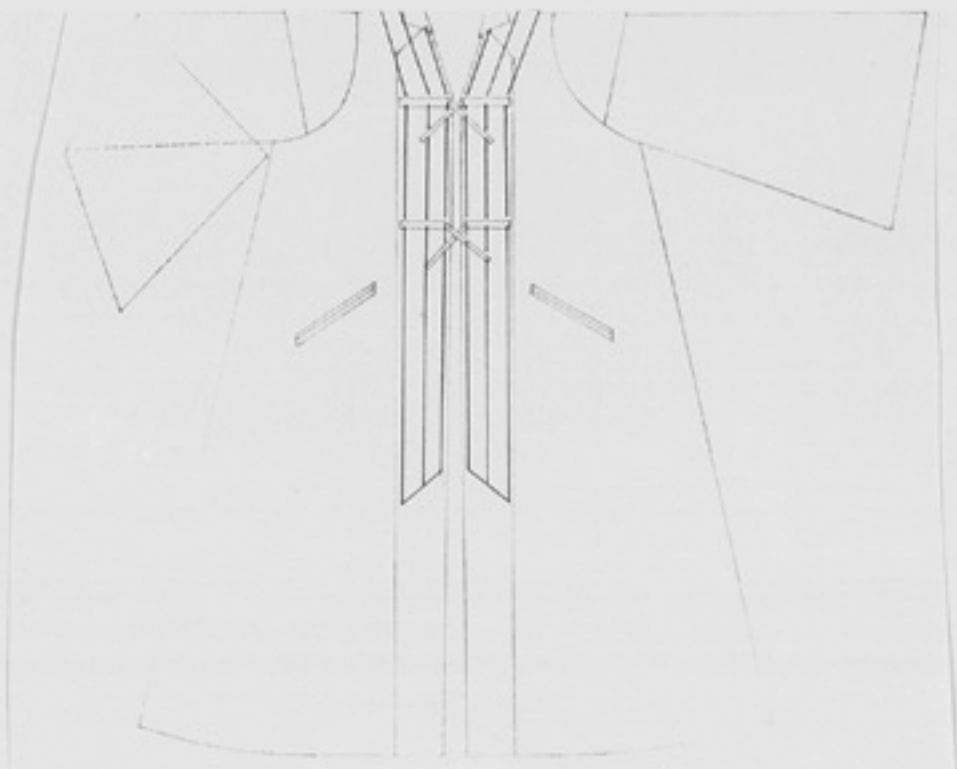






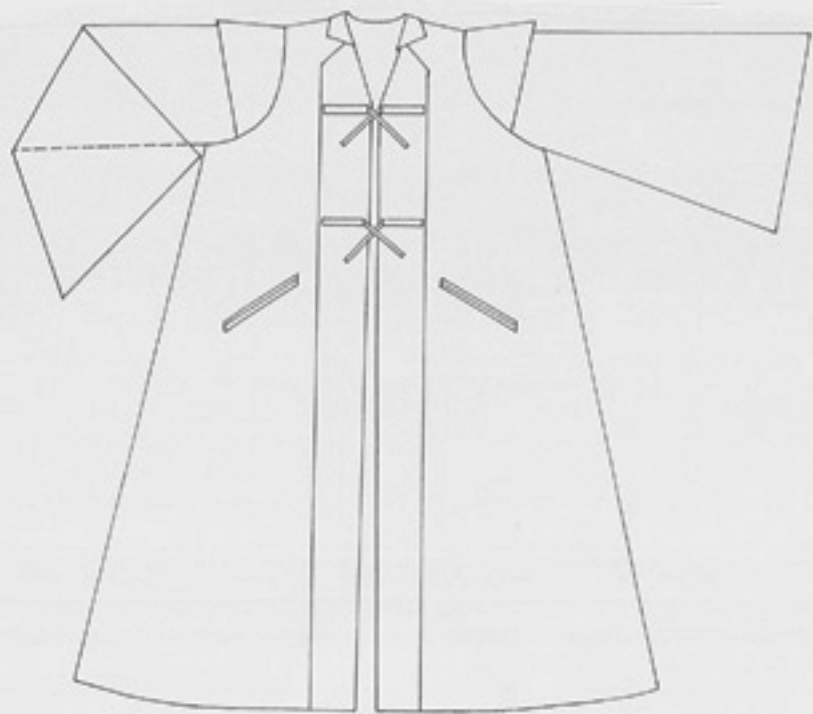






costas - Beca e Capelo







Chris Salazar / 95



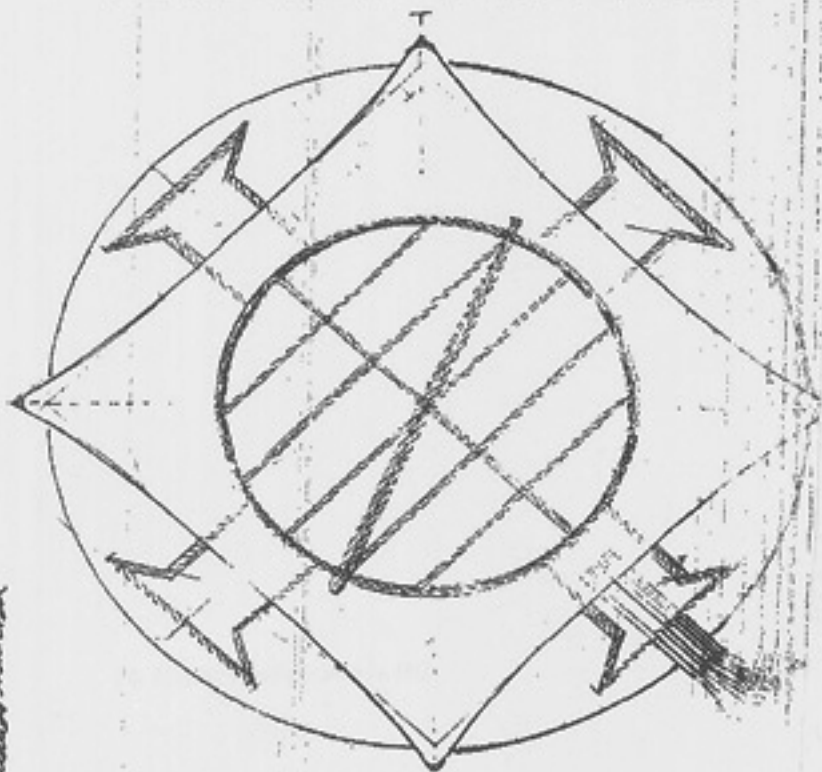
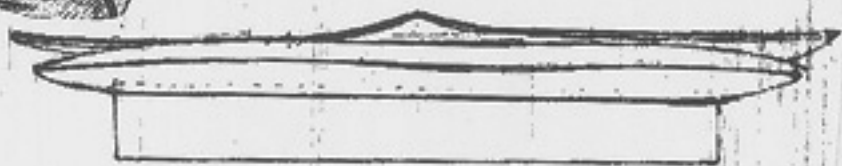




UAL
UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
DE LISBOA

PHILIPS



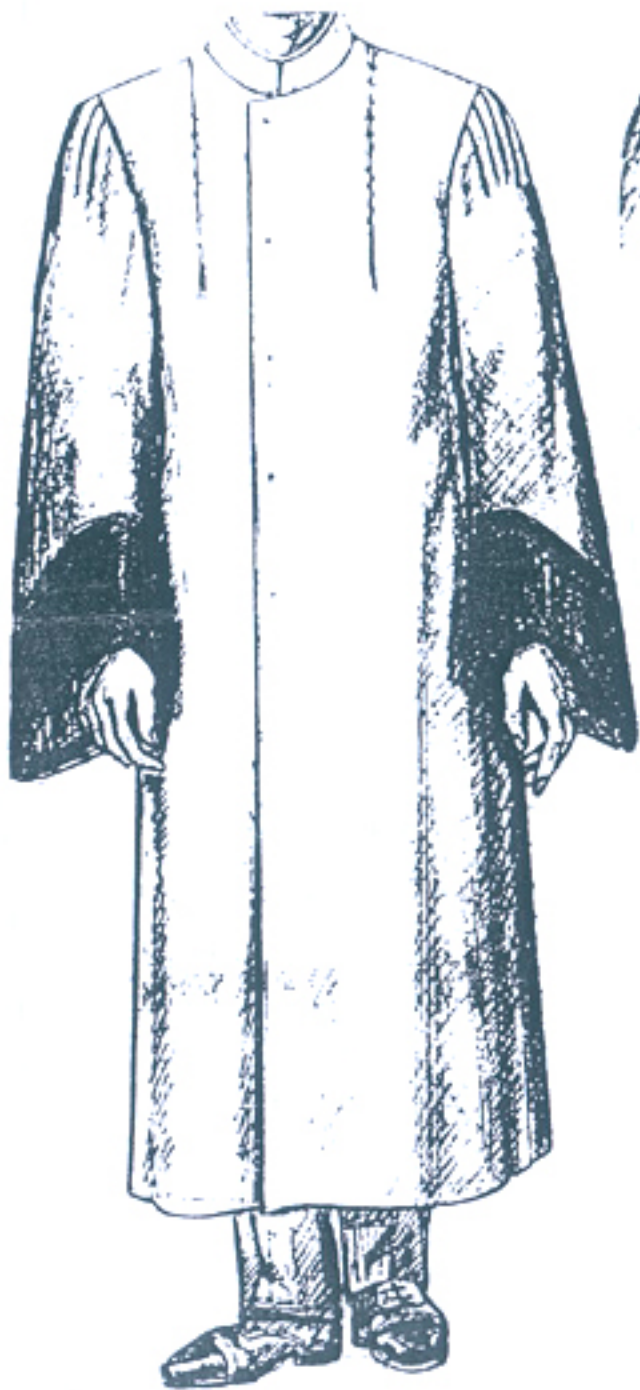


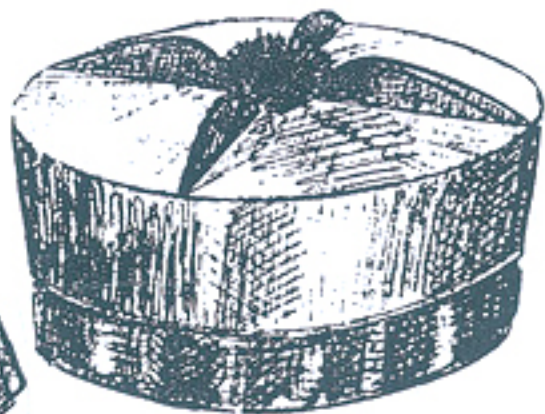
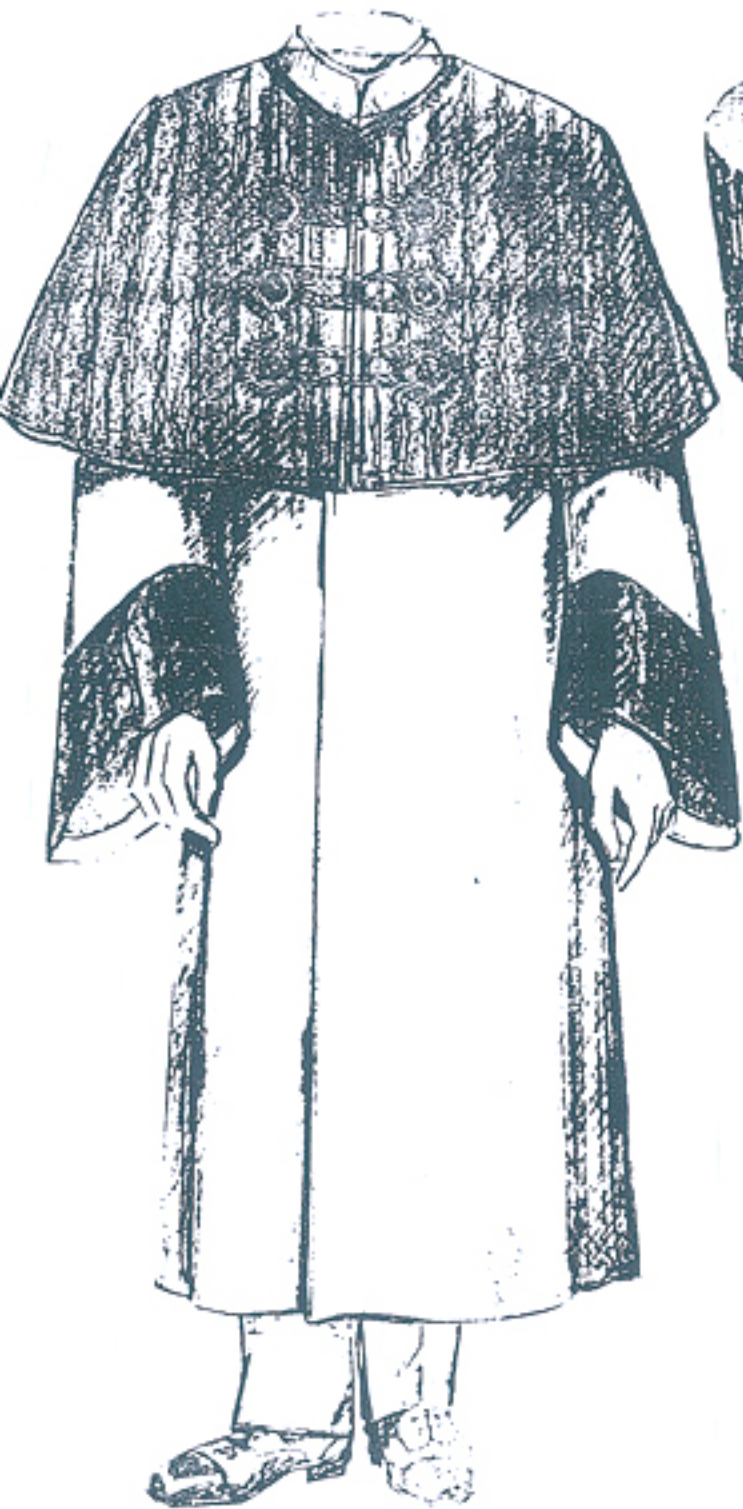
Fernando Marcial



















DESCRIÇÃO DAS IMAGENS

1. Hábito talar actual, sem insígnias (Desenho do escultor FERNANDO ALMEIDA)
2. Manoel Paulo Merêa (1889-1977), historiador do Direito, lente das Universidades de Coimbra e de Lisboa, retratado em hábito talar com borla e capelo. Quadro de LUÍS GUIMARÃES, Lisboa, Fac. Direito / UL. (Foto do autor)
3. Quatro actuais lentes de outras tantas Faculdades da U. Coimbra (2001, Fev.) – da esq. para a dir.: Economia, Farmácia, Letras e Psicologia e Ciências da Educação (Foto do autor, tirada na Biblioteca Joanina)
4. Primitiva toga da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (e, logo a seguir, da congénere do Porto) Ilustração anexa ao decreto de 1856/09/30; publ. SACADURA [54], p. 5.
5. Farda de cerimónia dos lentes das Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e do Porto, envergada pelo lente portuense Agostinho António do Souto. Fonte: SACADURA [54], p. 7.
6. O lente-médico lisiponense José de Sousa Martins (1843-1897). Repare-se no colarinho e na gravata branca, nas condecorações e no chapéu troncónico. Fonte: SACADURA [54], p. 13.
7. Estátua de Sousa Martins, tendo ao fundo o edifício que foi sede da Fac. Medicina/UL (até 1955) e que é hoje sede da Fac. Ciências Médicas/UNL. (Foto do autor)
8. Sousa Martins na religiosidade popular Pequena imagem vendida em bancas nas imediações da estátua, juntamente com pagelas de orações, etc. (Foto do autor)
9. José Eduardo Magalhães Coutinho (1815-1894), Obstetrícia Medalhões pintados na escadaria principal do actual edifício da Fac. Ciências Médicas / UNL; Repare-se no pormenor das gravatas brancas. (Foto do autor)
10. José António Serrano (1851-1904), Anatomia Medalhões pintados na escadaria principal do actual edifício da Fac. Ciências Médicas / UNL; Repare-se no pormenor das gravatas brancas. (Foto do autor)
11. José Pereira Reis (1808-1887), lente da Escola Médico-Cirúrgica do Porto; repare-se no chapéu de cantos. Fonte: SACADURA [54], p. 15.
12. Um grupo de lentes e escolares de Teologia da UC (década de 1880) Os escolares estão de pé, em 2.ª fila; dois ainda ostentam colarinho de volta e cabeção; mas predominam já os colarinhos altos, laicos. O lente ao centro da 1.ª fila usa chapéu preto troncónico, de modelo eclesiástico, em vez de borla. Fonte: NUNES [44], p. 419
13. Cortejo doutoral atravessando o Pátio da U. de Coimbra, rumo à Sala dos Capelos (1993, Nov.). (Colecção do autor)
14. Na Sala dos Capelos: final de uma cerimónia de imposição de insígnias a nove lentes de Ciências e Tecnologia (1991, Abr.) Presidindo, o Vice-Reitor Jorge Veiga, tendo à sua esq. o Administrador da Universidade, Carlos José Luzio Vaz. Ao fundo, no cadeiral de Letras, podem ver-se, da esq. para a dir.: Joaquim Ferreira Gomes (1998-2002), A. L. de Carvalho Homem e João Lourenço Roque (Presidente, ao tempo, do CD da FL/UC) (Colecção do autor)

15. Reitores da UC (I): António Augusto da Costa Simões (1819-1903), lente de Medicina, Reitor 1892-1898 (Galeria reitoral da UC; publ.: RODRIGUES [51], p. 501)
16. Reitores da UC (II): Daniel Ferreira de Matos Jr. (1850-1921), lente de Medicina, Reitor 1911 (Galeria reitoral da UC; publ.: RODRIGUES [51], p. 507)
17. Reitores da UC (III): José Gouveia Monteiro (1922-1994), lente de Medicina, Reitor 1970-1971 (Galeria reitoral da UC; publ.: RODRIGUES [51], p. 523)
18. Reitores da UC (IV): António de Arruda Ferrer Correia (1912-2003), lente de Direito, Reitor 1976-1982 (Quadro a óleo de Luís Pinto Coelho, galeria reitoral da UC; publ.: RODRIGUES [51], p. 526)
19. Amândio Joaquim Tavares (1900-1974), lente de Medicina, Reitor da UP (1946-1961) Fotografado em beca, sem medalha; colarinhos altos e laço branco (na tradição da Escola Médico-Cirúrgica) (Foto cedida pelos Familiares)
20. António Cruz (1911-1989), lente de Letras / História da UP, primeiro doutor (1964), primeiro catedrático (1969) e primeiro Director não-interino da FL/UP (1970-1974) Fotografado ca. 1970, em beca, com medalha da UP, pendente de fita de Letras (Obs.: A medalha é a da Academia Politécnica, usada durante algum tempo como «emblema» da UP; o exemplar de António Cruz pertenceu outrora a Luís Alfredo Pires Cardim, lente da 1.ª FL/UP e seu último Director [1931]) (Colecção do autor)
21. Estudos para a beca da UL (ca. 1960, reforma de Marcello Caetano) Desenhos do escultor FERNANDO ALMEIDA. Os dois primeiros (beca de professor catedrático à esq., beca de professor extraordinário à dir.) são reproduções / adaptações aumentadas dos desenhos anexos à «Circular da Reitoria da Universidade sobre trajos professorais», publ. em «Novo» [42], p. 167. Os restantes são estudos para as costas e para o chapéu.
22. Estudos para a beca da UL (ca. 1960, reforma de Marcello Caetano) Desenhos do escultor FERNANDO ALMEIDA.
23. Inauguração da Reitoria da UL e abertura do ano lectivo de 1961/62 (1961, Out.). Da esq. para a dir.: Eduardo Coelho (1895-1974), lente de Medicina, proferindo a oração de sapiência; Manuel Lopes de Almeida (1900-1980), min. da Educação; Américo Thomaz (1894-1987, PR; Marcello Caetano (1906-1980), lente de Direito, Reitor da UL; e Carlos Eduardo Bastos de Soveral, subsecretário de Estado da Educação. Repare-se no pormenor do laço branco (na tradição da Escola Médico-Cirúrgica) em Eduardo Coelho. Fonte: COELHO e COELHO [8], p. 100.
24. Doutoramento em História Medieval na FCSH/UNL (1995, Mar.) Da esq. para a dir.: Luís Krus (1954-2005), José Mattoso, Humberto Baquero Moreno, Amélia Aguiar Andrade (a nova dr.ª), José Esteves Pereira (Vice-Reitor da UNL), Iria Gonçalves, Maria José Ferro Tavares e Armando Luís de Carvalho Homem. O contraste entre as becas antigas da UP e as da UL e da UNL está bem patente no diverso visual dos ombros de J. Mattoso e de H. B. Moreno, por exemplo (Colecção do autor)
25. Primitiva beca da UTL Desenho anexo à Portaria n.º 11.168, de 1945/11/17
26. Estudo do escultor FERNANDO ALMEIDA para a actual beca da UTL
27. Toga e barrete do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (ISEU), depois ISCSP/UTL, hoje ISCSP/UTL. Nos termos das portarias do min. do Ultramar n.os 15.193 (1955/01/06) e 17.862 (1960/07/27); publ.: Anuário do ISEU (1955), p. 469; e (1960), p. 495.

28. Chapéus há muitos... a) Chapéu troncónico da UNL para a FCSH (Obs.: Idêntico ao da UL, mas com acrescentamento no pom-pom das cores da Universidade [verde] e da Faculdade [azul-ferrete]; a última reforma do traje da UNL [ca. 2001] eliminou as "cristas" do chapéu). b) Chapéu «de cantos», para advogado, idêntico aos outrora usados na UP, bem como nas Escolas que a precederam. c) Chapéu tipo fez, para o Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (depois ISCSP/UTL, hoje ISCSP/UTL). d) Gorra da Universidade do Minho. e) Gorra da Universidade Autónoma de Lisboa. (Fotos do autor, sendo as três primeiras tiradas na Academia de Corte M. Guilherme Almeida Lda)
29. Esfragística da UP a) Selo da Academia Politécnica (1881 ss.), na base da primeira medalha dos lentes da UP. b) «Emblema esfragístico» da Universidade (1925-1937). c) Medalha do Centenário da Academia Politécnica (1937, Escultor João da Silva), adoptada como selo da UP em 1940 e como medalha doutoral em 1994. d) Medalha do Reitor (1986 ss.). Fonte: SANTOS [57], pp. 188 e 413-415.
30. Reitores da UP (I): Francisco Gomes Teixeira (1851-1933), dr. pela UC, lente de Matemática na Academia Politécnica e depois na FC/UP, Reitor 1911-1917. Quadro de Abel Moura, UP, Reitoria. Fonte: SANTOS [57], p. 178
31. Reitores da UP (II): Manuel Corrêa de Barros Jr. (1904-1991), lente de Engenharia / Engenharia Electrotécnica, Reitor 1961-1969. Quadro de António Figueiredo, UP, Reitoria. Fonte: SANTOS [57], p. 194
32. Na Universidade do Porto – «ele há trajes e trajes» ou a beca e o hábito com o capelo ao fundo (I): Imposição de insígnias doutorais na UP (1929/07/21). Não estão identificadas as duas individualidades nos extremos, trajando casaca. Os restantes são, da esq. para a dir.: Fernão Couceiro da Costa (Ciências / Matemática), Alexandre Sousa Pinto (Reitor), Manuel Joaquim Ferreira (Medicina) e Armando Laroze Rocha (Farmácia). Fonte: SANTOS [57], p. 210
33. Na Universidade do Porto – «ele há trajes e trajes» ou a beca e o hábito com o capelo ao fundo (II): Leopoldina Ferreira Paulo, primeira Mulher doutorada pela UP (1944, Ciências / Biologia), retratada ca. 1945 em hábito talar com borla e capelo. Fonte: SANTOS [57], p. 258
34. Na Universidade do Porto – «ele há trajes e trajes» ou a beca e o hábito com o capelo ao fundo (III): o autor em 1985 (Dezembro), recém-doutor em Letras / História da Idade Média pela UP. Hábito talar com colarinhos altos e laço. A medalha é ainda a antiga, da Academia Politécnica, tiragem «da gralha» («PORTIUS» por «FORTIUS»; v. texto, p. 36) (Colecção do autor)
35. Na Universidade do Porto – «ele há trajes e trajes» ou a beca e o hábito com o capelo ao fundo (IV): Medalha actual da UP sobre hábito talar. (Foto do autor)
36. Na Universidade do Porto – «ele há trajes e trajes» ou a beca e o hábito com o capelo ao fundo (V): Doutoramento em História Medieval na FL/UP (1999, Nov.). 1.^a fila, da esq. para a dir.: Elena Postigo Castellanos (U. Autónoma de Madrid), Maria Cristina Gomes Pimenta (a nova dr.^a), Rui Centeno (Presidente do CD da FL/UP e, como tal, Presidente do Júri), Maria Helena da Cruz Coelho (UC) e Humberto Baquero Moreno (UP); 2.^a fila, idem: Luís Adão da Fonseca, A. L. de Carvalho Homem, José Marques e Luís Miguel Duarte (todos da UP). Dos lentes portuenses, estão de beca: H. Baquero Moreno, L. Adão da Fonseca e J. Marques (todos profs. catedráticos); estão de hábito talar: A. L. de Carvalho Homem (idem), R. Centeno (prof. associado com agregação) e L. M. Duarte (prof. associado). (Colecção do autor)

37. Doutoramentos h.c.pela UP (I): Jean Delumeau, Letras, 1984. Fonte: «Doutoramento» [14], extra-texto entre as pp. 286 e 287; à esq. na foto o então Presidente do CD da FL/UP, o lente de História José Marques; à dir. o então Administrador da UP, Jorge Rocha Pereira.
38. Doutoramentos h.c.pela UP (II): Victor Sá Machado, Medicina, 1987. (Colecção do autor)
39. Doutoramentos h.c.pela UP (III): Mário Soares, Letras, 1990. À esq., impondo a borla, o então Presidente do CD da FL/UP, o lente de Línguas e Literaturas Germânicas Carlos Borges de Azevedo. Fonte: Revista da Faculdade de Letras [UP]. História, II sér., VII (1990), extra-texto entre as pp. 392 e 393.
40. Doutoramentos h.c.pela UP (IV): Xanana Gusmão e D. Carlos Ximenes Belo, Letras, 2000. Está encoberto o terceiro laureado do dia, José Ramos-Horta. (Foto do autor)
41. Na UP (I): 3 lentes jubilados de Engenharia. a) Joaquim Augusto Ribeiro Sarmiento (Eng.^a Civil) b) Francisco Velez Grilo (Eng. Electrotécnica) c) Luís Valente de Oliveira (Eng.^a Civil); repare-se no chapéu troncónico (Fotos do autor)
42. Na UP (II): 2 lentes de Arquitectura, Manuel Correia Fernandes (à esq.) e Alexandre Alves Costa (à dir.); repare-se na ausência de alamares e de faixa de cintura na beca desta Faculdade. (Foto do autor)
43. Cinco antigos Reitores da UL (todos os restantes se encontram retratados em traje de passeio) a) Victor Hugo Duarte de Lemos († 1959), lente de Ciências / Matemática, Reitor 1956-1959. b) Joaquim Veríssimo Serrão (n. 1925), lente de Letras / História, Reitor 1973-1974. c) Henrique Barahona Fernandes (1907-1994), lente de Medicina / Psiquiatria, Reitor 1974-1977. d) Raul Miguel Rosado Fernandes, lente de Letras / Filologia Clássica, Reitor 1979-1983. e) José Manuel Gião Toscano Rico, lente de Medicina / Farmacologia, Reitor 1983-1986; repare-se no pormenor do laço branco com colarinhos altos, na tradição da Escola Médico-Cirúrgica. UL, Reitoria (Fotos do autor)
44. Os lentes de Direito da UL em 1996 1.^a fila, da esq. para a dir.: Jorge Miranda, Martim de Albuquerque, Paulo Pitta e Cunha, José de Oliveira Ascensão, José Dias Marques (1925-2005), Pedro Soares Martínez, Isabel Maria Magalhães Colaço (1926-2004), Ruy de Albuquerque, António Sousa Franco (1942-2004), Diogo Freitas do Amaral e Marcelo Rebelo de Sousa. 2.^a fila, da esq. para a dir.: José Luís Saldanha Sanches, Paulo Otero, Eduardo Paz Ferreira, Vasco Pereira da Silva, João Caupers, José Lebre de Freitas, José Manuel Sérvulo Correia, Carlos Pamplona Côrte-Real, Canuto Fausto de Quadros, António Menezes Cordeiro, Miguel Teixeira de Sousa, Teresa Pizarro Beleza, Carlos Ferreira de Almeida, António Marques dos Santos († 2003), Maria da Glória Dias Garcia, Pedro Paes de Vasconcelos, Pedro Romano Martínez, Maria Fernanda Palma, Maria João Estorninho e José Artur Duarte Nogueira. Quadro de LUÍS GUIMARÃES; FD/UL, sala do Conselho Directivo (Foto do Autor)
45. Marcelo Rebelo de Sousa com seus Pais, após as provas de doutoramento na FD/UL (1984, Mai.) Fonte: SOUSA [61], p. 517
46. Becas de Lisboa / becas do Porto: dois lentes-médicos. À esq.: Eduardo Coelho (1895-1974), UL, retratado em 1961; repare-se no pormenor do laço branco (v. supra, il. 22.); à dir.: Luís de Pina (1901-1972), UP; repare-se no «chapéu de cantos». Fontes: COELHO e COELHO [8], p. 101 e SANTOS [57], p. 215, respectivamente

47. Quatro antigos Reitores da Universidade Técnica de Lisboa (UTL). a) José Alberto Pereira de Azevedo Neves (1877-1955), lente de Medicina / UL (1911 ss.), Reitor da UTL 1931-1947. Beca do modelo oriundo da Escola Médico-Cirúrgica, com laço branco e «chapéu de cantos». Quadro de C. Hoff-Katona (1947). b) Moses Bensabat Amzalak (1893-1979), lente do ISCEF, Vice-Reitor em exercício 1947-1956, Reitor 1956-1963. Beca e chapéu de acordo com a regulamentação de 1945. Quadro de C. Hoff-Katona (1947). c) António Herculano Chaves de Carvalho, lente do IST, Reitor 1966-1969. Quadro de Maria Velez (1980). d) Eduardo Romano de Arantes e Oliveira, lente do IST, Reitor 1977-1987. Quadro de Frederico George (1990). Obs.: Os dados cronológicos vão segundo Universidade Técnica de Lisboa: Guia 2000/2001, Lisboa, UTL, 2001, p. 18. Relativamente aos Reitores a) e b), tais dados não coincidem totalmente com o que consta das placas identificativas dos retratos UTL, Reitoria (Fotos do autor)
48. Dois lentes jubilados do ISEG/UTL (I): Caetano Léglise da Cruz Vidal. Sobre o ombro esquerdo, o epitógio do modelo primitivo, nas cores da Escola. ISEG/UTL, sala do Conselho Científico (Foto de Marcelino Borges de Macedo)
49. Dois lentes jubilados do ISEG/UTL (II): Bento José Ferreira Murteira; visual 'actualizado' em relação ao anterior. ISEG/UTL, sala do Conselho Científico (Foto de Marcelino Borges de Macedo)
50. Um lente do ISCSPU/UTL: António da Silva Rego (1905-1986). Quadro de JACINTO DEL CASO Lisboa, Academia Portuguesa da História (de que foi Presidente). (Foto de Marcelino Borges de Macedo)
51. O primeiro Reitor da Universidade Aberta, Armando Rocha Trindade (1989-1998). Quadro de Maluda, Lisboa, Universidade Aberta, Sala dos Actos (Foto de Maria João Branco)
52. Universidade dos Açores: traje e insígnias. Desenhos anexos a «Estatutos» [20], p. 5.240
53. Universidade do Algarve: um grupo de lentes. (Foto obtida por intermédio de Luís Filipe Oliveira)
54. Universidade de Aveiro: o traje. Desenhos de JOSÉ ANTÓNIO MOREIRA
55. Universidade da Beira Interior (I): o traje e as insígnias. Desenhos do Escultor FERNANDO ALMEIDA
56. Universidade da Beira Interior (II): o Reitor Manuel José dos Santos Silva (2001, Mar.). (Foto do autor)
57. Universidade de Évora (I): traje e insígnias. Design de MARIA DO CARMO e FERNANDO ALMEIDA Fonte: «Estatutos» [20b], p. 3.725 51b. Universidade de Évora (II): um doutoramento em História Medieval (1998, Set.). Da esq. para a dir.: Hermínia Vasconcelos Vilar (a candidata), Bernardo Vasconcelos e Sousa (UNL), Maria Helena da Cruz Coelho (UC), Maria José Ferro Tavares (U. Aberta), Vítor Trindade (Vice-Reitor, Presidente do Júri), Armando Luís de Carvalho Homem (UP), Ana Maria Rodrigues (U. Minho) e Filipe Themudo Barata (U. Évora). (Foto obtida por intermédio de Hermínia Vilar)
58. Universidade do Minho (I): o traje (beca; capelo; gorra)

59. Universidade do Minho (II). a) Dois Reitores: I. Lúcio Craveiro da Silva, lente de Filosofia, Reitor 1981-1985. II. Sérgio Machado dos Santos, lente de Engenharia, Reitor 1985-1998. Braga, Universidade do Minho, Sala de Actos b) Ana Maria Seabra de Almeida Rodrigues, lente de História Medieval. (Fotos do autor)
60. Universidade Nova de Lisboa (I): dois Reitores. a) Alfredo de Sousa († 1994), lente de Economia, Reitor 1978-1982. Quadro de Maluda b) José Esperança Pina, lente de Ciências Médicas, Reitor 1982-1990; repare-se nas particularidades do laço branco (na linha das Escolas Médico-Cirúrgicas) e da borla. Quadro de Maria Velez (Fotos do autor)
61. Universidade Nova de Lisboa (II): equipa reitoral empossada em 1999 (Fev.). Da esq. para a dir.: António Nogueira Leite (Pró-Reitor), Maria Francisca Bivar Xavier (Pró-Reitora), José Esteves Pereira (Vice-Reitor), Luís Sousa Lobo (Reitor), Maria Wanda Canas Ferreira (Vice-Reitora), Mário Nascimento Ferreira (Vice-Reitor), António Correia Mineiro (Pró-Reitor) e Rogério Bordalo da Rocha (Pró-Reitor). Fonte: Tomada de posse [61a], p. 20.
62. Universidade Nova de Lisboa (III): 4 doutoramentos h. c. (1999). a) Doutorandos (da esq. para a dir.): Geneviève Bouchon (I), Max Justo Guedes (II), Santiago Grisolia (III) e Johannes Los (IV). b) Apresentantes (da esq. para a dir.): Augusto Moutinho [apresentante de a) IV], Maria de Jesus Barroso Soares [apresentante de a) III], Artur Teodoro de Matos [apresentante de a) II] e Maria Augusta Lima Cruz [apresentante de a) I]. Fonte: Universidade Nova [63b], pp. 11 e 13.
63. Universidade Nova de Lisboa (IV): três lentes da Faculdade de Ciências Médicas, antigos Directores ou Presidentes do Conselho Científico da Escola. a) Armando Viegas Mendonça. b) Nuno Tornelli Cordeiro Ferreira. c) Mário Gentil Quina. Repare-se no pormenor dos laços brancos, segundo a tradição das Antigas Escolas Médico-Cirúrgicas. Lisboa, FCM/UNL, sala do Conselho Científico. (Fotos do autor)
64. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa [ISCTE] (I): o traje (beca), frente e costas. Desenhos de ANA SALAZAR
65. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa [ISCTE] (II): o traje (beca com capelo), frente e costas. Desenhos de ANA SALAZAR
66. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa [ISCTE] (III): o traje. Desenho de ANA SALAZAR
67. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa [ISCTE] (IV): Manuel Braga da Cruz, investigador do Instituto de Ciências Sociais/UL, lente do ISCTE e da Universidade Católica Portuguesa (UCP; e seu actual Reitor); traje do ISCTE, medalha reitoral da UCP. (Foto do autor)
68. Universidade Autónoma de Lisboa «Luís de Camões» (I): a) Medalha (Escultor JOAQUIM CORREIA). b) Gorra c) Beca [design do Escultor FERNANDO ALMEIDA, tal como b)], frente (com medalha pendente) e costas. (Fotos do autor)
69. Universidade Autónoma de Lisboa «Luís de Camões» (II): Justino Mendes de Almeida, à esq. na foto, toma posse como Reitor para o mandato 2000-2004 (2000; Jul.); à dir. na foto, o Escultor Joaquim Correia, lente jubilado da Fac. Belas-Artes/UL, decano da UAL; autor da medalha. (Foto cedida pelo Gabinete de Relações Externas da UAL)
70. Universidade Católica Portuguesa a) Desenhos de EMÍLIA NADAL para a toga e de J. P. BARATA para o emblema. Fonte: Cerimonial [7], pp. 4-5. b) Um grupo de lentes

da Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais. (Foto obtida por intermédio de Maria de Lurdes Rosa)

71. Universidade Lusíada (I): Toga e estola. Desenhos do escultor FERNANDO ALMEIDA.
72. Universidade Lusíada (II): a gorra. Desenho do escultor FERNANDO ALMEIDA.
73. Universidade Lusíada (III): termo de uma cerimónia em 2000; em 1.º plano o PR Jorge Sampaio e o Presidente da então Cooperativa de Ensino Universidade Lusíada (actual Fundação Minerva), António Martins da Cruz; em 2.º plano Maria José Stock (politóloga, lente da U. Évora e lente convidada da U. Lusíada) e José Manuel Durão Barroso (ao tempo Director do Departamento de Relações Internacionais da U. Lusíada). (Foto cedida pela U. Lusíada)
74. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (I): Batina com gorra
Desenho do escultor FERNANDO ALMEIDA.
75. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (II): Batina com estola
Desenho do escultor FERNANDO ALMEIDA.
76. Universidade Moderna (I). a) Batina b) Epitógio Desenhos do escultor FERNANDO ALMEIDA.
77. Universidade Moderna (II). c) Murça d) Barretina e) Medalha Desenhos do escultor FERNANDO ALMEIDA.
78. Universidade Moderna (III). Mikhail Gorbatchev, professor honorário da U. Moderna (1995). (Foto de Reinaldo de Carvalho, cedida pela Reitoria da U. Moderna)
79. Universidade Portucalense «Infante D. Henrique» (I). Beca, vista de frente (Foto cedida por Alcina M. Oliveira Martins)
80. Universidade Portucalense «Infante D. Henrique» (II). Três lentes (Foto cedida por Alcina M. Oliveira Martins)
81. Um dos Vice-Reitores da Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro. UP / Fac. Engenharia, 2001, Mar. (Foto do autor)"